



# Retratos de camafeu:

*biografias de escritoras sul-rio-grandenses*

**MARIA EUNICE MOREIRA**  
*organizadora*



**CIDH**

Cátedra Convidada FCT /Infante Dom Henrique  
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização



# **Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses**



- 36 -



## **CONSELHO EDITORIAL**

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos**

- Universidade do Vale do Rio dos Sinos -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra Infante Dom Henrique (CIDH) -

**José Eduardo Franco**

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**MARIA EUNICE MOREIRA**

*- organizadora -*

# **Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses**

Patrocínio:



MEMÓRIAS  
BRASILEIRAS:  
BIOGRAFIAS



**CIDH**

Cátedra Convidada FCT / Infante Dom Henrique  
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização



BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE

Lisboa / Rio Grande  
2020

**DIRETORIA DA  
CÁTEDRA INFANTE DOM HENRIQUE PARA  
OS ESTUDOS INSULARES ATLÂNTICOS E A  
GLOBALIZAÇÃO**

**Diretor:** José Eduardo Franco

**Diretor-Adjunto:** João Relvão Caetano

**Secretária:** Aida Sampaio Lemos

**Tesoureira:** Joana Balsa de Pinho

**Vogais:** Maurício Marques, Paulo Raimundo e Carlos Carreto

**DIRETORIA DA  
BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves

**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil

**Diretor de Acervo:** Mauro Póvoas

**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres

**2º Secretário:** Ronaldo Oliveira Gerundo

**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco

**2º Tesoureiro:** Roland Pires Nicola

---

**Ficha Técnica**

- Título: Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses
- Organizadora: Maria Eunice Moreira
- Coleção Rio-Grandense, 36
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, 2020

ISBN – 978-85-67193-43-4

---

À Sissa Jacoby, *in memoriam*

# SUMÁRIO

- COMO TUDO COMEÇOU..... 9  
MARIA EUNICE MOREIRA

## ENSAIOS

- Anália Vieira do Nascimento: poetisa gaúcha no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* ..... 13  
CECIL JEANINE ALBERT ZINANI

- Julieta de Melo Monteiro: poetisa e militante (Rio Grande, 21 de outubro de 1855 a 27 de janeiro de 1928)..... 31  
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

- Cândida Fortes Brandão: entre o magistério e as letras..... 53  
MARIA EUNICE MOREIRA

- Um quebra-cabeça parcialmente reconstituído: a vida e a obra de Tercília Nunes Lobo ..... 77  
MAURO NICOLA PÓVOAS

- As flores silvestres de Maria Clara da Cunha..... 97  
PALOMA ESTEVES LAITANO

- Andradina América Andrade de Oliveira: uma voz transgressora no espaço sociocultural do *fin de siècle*..... 107  
SALETE ROSA PEZZI DOS SANTOS

A vida e a obra de Luísa Cavalcanti Filha Guimarães (1869-1891) e de  
Júlia César Cavalcanti (1871-1890): fragmentos biográficos ..... 125  
REGINA KOHLRAUSCH

Ibrantina Cardona, um equilíbrio palpitante ..... 137  
VIVIANE VIEBRANTZ HERCHMANN



## COMO TUDO COMEÇOU...

**E**m 2016, motivados por um Edital da CAPES, que estimulava pesquisas na área da memória brasileira, especialmente através da escrita de biografias, um grupo de pesquisadores gaúchos, capitaneados pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e vinculados às Universidades de Caxias do Sul e da Universidade Federal do Rio Grande, submeteu o projeto de pesquisa intitulado **Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses** para concorrer ao referido Edital.<sup>1</sup> O camafeu, como se sabe, era (ou é) um adorno do vestuário feminino, constituindo uma peça singular que porta retratos ou pequenas relíquias. As mulheres mais antigas traziam ao pescoço um camafeu, onde guardavam fotos – de pais, esposos, filhos – numa espécie de genealogia familiar ou de árvore genealógica de uma família. Geralmente com duas faces, numa das quais aparece uma figura em alto relevo, o camafeu reveste-se de um sentido especial para quem o

<sup>1</sup> O Grupo de Pesquisa era constituído pelos seguintes professores: da PUCRS – Maria Eu-nice Moreira (Coordenadora) e Regina Kohlrausch; da UCS – Cecil Jeanine Albert Zinani e Salete Rosa Pezzi dos Santos; da FURG – Francisco das Neves Alves e Mauro Nicola Póvoas. Participaram como bolsistas de Pós-doutoramento – Paloma Esteves Laitano e Viviane Viebrantz Herchmann. Igualmente participaram do projeto, em períodos diferenciados: Adriana Aquino Herzog, como bolsista de Mestrado; e Daniela Oliveira, Gabriela Rossa, Tainah Fraga e Letícia Ferreira Duarte, como bolsistas de Iniciação Científica.

porta, deixando escondidas as figuras retratadas, mas sempre aberto à possibilidade de revelação.

A proposta do grupo foi aceita pela CAPES e dali nasceu um projeto multi-institucional que, para além das participação das entidade conveniadas, contou também com a expertise de outro grupo, agora internacional, vinculado ao CLEPUL da Universidade de Lisboa que, sob a liderança da Professora Vania Pinheiro Chaves, investigava o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e as escritoras que ali publicaram, no século XIX.

No grupo de “Senhoras do Almanaque”, como o projeto português é chamado, havia um elenco de mulheres gaúchas desconhecidas das páginas da história da literatura regional e, por consequente da história da literatura nacional. Propor o projeto para a escrita das biografias das gaúchas presentes no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* visava preencher uma lacuna na história da literatura e divulgar um conjunto de escritoras até hoje praticamente desconhecidas do discurso historiográfico, que atuaram como poetisas, jornalistas e editoras, buscando recuperá-las através da escrita de suas biografias, a fim de compor um camafeu com suas histórias de vida.

O silêncio a que foram submetidas as vozes femininas no Rio Grande do Sul talvez fale mais alto quando se examina a história da antiga Província do Rio Grande, cujos valores são assentados em uma cultura eminentemente guerreira e pastoril, privilegiando os ideais masculinos. Nessa perspectiva, escrever a biografia de mulheres sul-rio-grandenses e do grupo de mulheres que publicou no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* é não só suprir uma lacuna da historiografia literária, mas, especialmente, destacar o lugar ocupado pelas mulheres nessa sociedade.

O *corpus* da pesquisa foi constituído por onze mulheres que publicaram no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, entre 1873 e 1903, cujos nomes e procedências relacionamos a seguir: Anália Vieira do Nascimento (Porto Alegre); Andradina de América de Oliveira (Porto Alegre); Arminda (sem identificação de sobrenome - Itaqui); Cândida Fortes Brandão (Cachoeira do Sul); Ibrantina Cardona (Porto Alegre)<sup>2</sup>; Júlia César Cavalcanti (Pelotas); Julieta de Melo Monteiro (Rio Gran-

---

2 Ibrantina Cardona constava como nascida em Pelotas. No entanto, a escritora nasceu no Rio de Janeiro e transferiu-se com a família para o Rio Grande do Sul, onde desenvolveu sua carreira.

de); Luíza Cavalcanti Guimarães (Pelotas); Maria Clara da Cunha (Pelotas)<sup>3</sup>; Sofia A. Benny (Pelotas); Tercília Nunes Lobo (Rio Grande).

Esse grupo heterogêneo em sua formação social, cultural e étnica é representativo das relações da sociedade sul-rio-grandense do final do século XIX e início do século XX, quando a literatura sulina construiu suas bases, mas também expressa as relações entre cultura e sociedade, nesse momento. De Porto Alegre, a Capital da antiga Província, e de cidades do interior, Pelotas e Rio Grande, de maior desenvolvimento cultural, provêm a maioria dessas escritoras; mas vieram também de Cachoeira do Sul e Itaqui. Exerceram elas profissões distintas: professoras, jornalistas, editoras e donas de casa; desfrutaram de condições sociais mais favoráveis, obtidas pelo casamento ou em decorrência da situação familiar; obtiveram maior ou menor escolaridade; integraram grupos culturais e étnicos diferenciados, embora a maior parte do grupo tenha ascendência lusitana, tendo em vista a colonização açoriana que foi berço do Rio Grande do Sul e forte presença em duas cidades – Pelotas e Rio Grande – depois da Capital.

O restrito acesso da mulher à educação formal, uma vez que, de modo geral, seu destino era a condução e administração do lar, a rarefeita participação em entidade e organismos de caráter cultural e literário, o desprestígio com que muitas vezes eram tratadas pela sociedade resultou no escasso registro de suas produções. Muitas vezes, há o nome da escritora ou o local de seu nascimento, mas a ausência do sobrenome ou a utilização do pseudônimo como recurso para encobrir sua atuação dificultou a localização das obras de todas as senhoras que escreveram no *Almanaque lisboeta*. Nesse caso, a presente publicação, que visava à recuperação de onze biografias, viu seu espectro reduzido pela impossibilidade de acesso a uma ou outra senhora. Como localizar, por exemplo, Arminda, de Itaqui, quando o tempo também colaborou para seu apagamento na memória cultural?

A pesquisa, porém, foi intensa: rastrearam-se bibliotecas gaúchas e acervos de outros estados; familiares ou pessoas ligadas a essas senhoras foram entrevistadas; bolsistas de Iniciação Científica percorreram páginas de jornais e revistas; bolsistas de Pós-doutoramento investigaram fontes, recuperaram informações perscrutaram arquivos em igrejas e

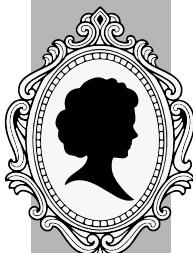
<sup>3</sup> Maria da Clara Cunha Santos constava como nascida em Pelotas, mas seu nascimento ocorreu no Rio de Janeiro.

cartórios; professores lançaram perguntas e combinaram dados. Dessa rede de levantamentos, sobressaíram oito escritoras e são elas que constituem a matéria desta publicação. Por ordem alfabética, aqui se encontram os retratos das seguintes escritoras que merecem ser preservados pela palavra escrita:

- Andradina América Andrade de Oliveira
- Anália Vieira do Nascimento
- Cândida Fortes Brandão
- Ibrantina Cardona
- Júlia César Cavalcanti
- Julieta de Melo Monteiro
- Luísa Cavalcanti Guimarães
- Maria Clara da Cunha
- Tercília Nunes Lobo

Este projeto, portanto, ao mesmo tempo que visou à recuperação da história de vida desse conjunto de mulheres, conjunto esse singular na história da literatura rio-grandense, comprometeu-se também de dar visibilidade à sociedade sobre a produção dessas escritoras, revelando, assim, seu compromisso com um discurso que, relegado pela historiografia oficial, é significativo para a construção da literatura rio-grandense e brasileira, e para entendimento das relações que se estabeleceram no final do século XIX, entre os intelectuais do estado mais meridional do Brasil e a ex-metrópole portuguesa.

MARIA EUNICE MOREIRA  
*Coordenadora do Projeto*



# ANÁLIA VIEIRA DO NASCIMENTO: POETISA GAÚCHA *NO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO- BRASILEIRO*

CECIL JEANINE ALBERT ZINANI\*

Rosa fragrante dos vergéis suaves,  
A quem as aves os seus hinos dão,  
Por que procuras as senis florestas  
Hoje que as festas te chamando estão?  
Anjo, não sabes que pesar constante  
Em meu semblante já me rouba a cor;  
Longe...qu'importa! Te serei sincera...  
Aíl quem me dera que ficasses, flor!

Anália Vieira do Nascimento  
(1880)

Em meados dos anos oitocentos, na capital da província mais meridional do Brasil, nasce uma escritora que terá uma participação muito relevante, durante vinte anos, na publicação lusitana *Almanaque de lem-*

\* Professora titular e pesquisadora na Graduação e nos Programas de Pós-Graduação em Letras na Universidade de Caxias do Sul - UCS/RS.

*branças luso-brasileiro*. Esse almanaque foi impresso em Lisboa entre os anos de 1851 e 1932 (MOREIRA, 2014), reunindo produções de autores portugueses, brasileiros e de colônias portuguesas ultramarinas. Entre os colaboradores, contavam-se escritores do Rio Grande do Sul, ainda que essa tenha sido uma região em que a literatura demorou a se desenvolver

O Rio Grande do Sul foi a derradeira fronteira do Brasil a ser conquistada. Território espanhol até a assinatura do Tratado de Madri em 1750, a Província de São Pedro, como era conhecida, era um território povoadão por tribos indígenas e por alguns proprietários de sesmarias. Também era passagem de tropeiros que conduziam mulas para Sorocaba, indispensáveis para o transporte, e gado, necessário para a alimentação e para a manufatura de utensílios de couro. Do entreposto de Sorocaba, essa carga seguia para as Gerais. Também o território sulino foi objeto de incursões de bandeirantes, cujo propósito era prear índios para transformá-los em escravos. A colonização efetiva iniciou-se com a fundação do forte Jesus, Maria, José, em Rio Grande, em 1737, e com a chegada, em 1752, de casais açorianos que se estabeleceram no Porto do Dorneles e nas cercanias de Viamão, local em que se ergueria a cidade de Porto Alegre (PESAVENTO, 1990). Devido à situação geográfica, a província, seguidamente, estava envolvida em guerras com os países platinos. O século XIX também foi pontuado por inúmeros conflitos internos, entre eles, a Revolução Farroupilha e a Revolução Federalista. Essa sucessão de conflagrações promoveu a formação de uma sociedade mais afeita às atividades bélicas do que às lides da cultura e do espírito.

Em decorrência do contexto da época, o modelo de dominação instituído na província era de cunho patriarcal, com a autoridade concentrada no chefe de família. Dessa forma, os demais componentes do grupo familiar situavam-se numa posição subalterna, especialmente, as mulheres, as quais não possuíam qualquer direito em relação à propriedade, à cidadania e ao próprio corpo, uma vez que estavam restritas a uma obediência servil, primeiro, ao pai e, depois do casamento, ao marido. A instrução feminina, quando havia, limitava-se a rudimentos de leitura, escrita e aritmética, suficientes apenas para ler livros de orações e administrar o lar com mais eficiência. Somente as mulheres pertencentes a famílias da elite tinham acesso a um nível melhor de escolaridade, muitas vezes, por meio de preceptores que frequentavam a casa das educandas. As escolas femininas, quando havia, ministra-

vam um ensino precário, em nada correspondente ao que era veiculado nas escolas masculinas, pois, enquanto os meninos aprendiam álgebra e latim, as meninas aprendiam prendas domésticas e puericultura. Essa modalidade de educação destinava-se a perpetuar a dominação sobre as mulheres. Contrapunham-se a esse modelo as escolas destinadas à preparação das jovens ao magistério, considerada essa uma atividade digna de ser exercida por aquelas que necessitavam ou desejassem seguir uma profissão.

Nesse contexto histórico e social tão pouco propício, não deixa de causar estranhamento o surgimento de vocações literárias femininas. De acordo com Guilhermino Cesar (1956), o primeiro livro impresso no Rio Grande do Sul foi escrito por uma mulher, Delfina Benigna da Cunha, e intitulado *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses*, publicado em Porto Alegre, em 1834.

No Rio Grande do Sul, em pleno século XIX, um grupo de onze senhoras<sup>1</sup> publicou poemas, passatempos e textos em prosa no *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, durante mais de trinta anos, iniciando em 1871, com um logógrafo de Anália Vieira do Nascimento, concluindo em 1903, com um poema de Maria Clara Cunha dos Santos. Entre essas senhoras, destaca-se, pelo volume e pela assiduidade de sua produção, Anália Vieira do Nascimento. Anália, tendo nascido em Porto Alegre, teve acesso a uma educação de qualidade, foi uma mulher privilegiada, pois dominava o idioma francês, como pode ser verificado no poema “Soin”, publicado no volume do *Almanaque* para o ano de 1878 (WEIGERT, 2017, p. 348)<sup>2</sup>, no qual alterna versos em português e em francês. Também tinha acesso à produção científica, literária e filosófica da época, de acordo com referências que aparecem em seus poemas, por exemplo, em “Epístola”, publicado para o anuário de 1888, (p. 228-230), em que cita filósofos, cientistas, escritores. Não somente leu Victor Hugo como também produziu uma crítica sobre

<sup>1</sup> Anália Vieira do Nascimento, Júlia César Cavalcanti, Luísa Cavalcanti Guimarães, Cândida Fortes, Tercília Nunes Lobo, Andradina de Oliveira, Arminda, Ibrantina Cardona, Julieta Monteiro, Maria Clara da Cunha Santos e Sofia A. Benny (MOREIRA, 2014, p. 200)

<sup>2</sup> As referências relativas à produção de Anália Vieira do Nascimento no *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro* foram obtidas na obra: WEIGERT, Beatriz. *Anália Vieira do Nascimento: 1854-1911 – estudo e antologia*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal: CLEPUL: - Centro de literaturas e Culturas Lusófonas Europeias: CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, 2017 (ebook). Nesse caso, somente será referido o número da página entre parênteses.

a obra *Os trabalhadores do mar*, desse autor, texto publicado no *Novo almanaque de lembranças Luso-Brasileiro* para o ano de 1882. Tendo em vista essa tendência, não deixa de causar estranheza o não pertencimento da autora ao círculo da Sociedade Partenon Literário que congregou as ilustres escritoras Luciana de Abreu, Amália dos Passos Figueirôa, Luísa de Azambuja e Revocata dos Passos Figueirôa de Melo (CESAR, 1956, p. 177).

Anália foi aprovada em concurso para regente de aulas públicas, tendo sido designada para a décima cadeira mista, no morro de Sant’Anna, em Porto Alegre, conforme Relatório dos Presidentes das Províncias do Império (RS) 1830-1889. A mesma informação encontra-se em *A Federação: Orgão do Partido Republicano* (RS) de 24 de abril de 1884. Em consulta à hemeroteca digital, Rebecca Demicheli Sampaio<sup>3</sup> (2019, p. 41) aponta como local de trabalho da autora “uma escola mista em Montenegro, localizada na região denominada Despique.” No entanto, a autora nasceu, faleceu e foi enterrada em Porto Alegre, suas contribuições para o *Almanaque de lembranças* indicam como proveniência a mesma cidade, presumindo-se, assim, que devesse residir em Porto Alegre. Considerando a precariedade dos meios de transporte da época, é mais provável que Anália tenha exercido suas funções profissionais em Porto Alegre. Segundo Sampaio (2019), a autora aposentou-se em 29 de abril de 1907, devido a problemas de saúde.

De acordo com pesquisa realizada por Beatriz Weigert (2017), que teve acesso à documentação disponibilizada pela Cúria Metropolitana de Porto Alegre, apresentada em reprodução fac-similar, Anália nasceu em 2 de setembro de 1854 (cfe. Registro de batismo, reproduzido à p. 167); casou-se com Rodrigo Antônio Fernandes Lima, em 1873 (cfe. Registro de casamento, p. 168-169), e teve um filho, chamado Abílio, em 1874. Faleceu em 24 de janeiro de 1911, aos 56 anos, em Porto Alegre, vítima de gastrite (cfe. Registro de óbito, reproduzido à página 172).

A informação sobre a data natalícia de Anália também pode ser verificada no paratexto do poema “O mar” publicado nas páginas 242-243 para a edição de 1875, do *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Na epígrafe, enuncia a data, “no dia de meus anos, 2 de setem-

<sup>3</sup> Segundo a autora, a informação está disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (nota n.35, p. 41)

bro de 1873". O poema conclui com a declaração do número de anos da jovem: "nesse dia infeliz em que eu contava / dezoito primaveras de existência" (p. 92). Essa observação originou alguns problemas. Se Anália, conforme os registros da Cúria Metropolitana, nasceu em 1854, não poderia estar completando 18 anos em 1873, provavelmente há um equívoco na datação do poema. A questão da idade é retomada no "Soneto" publicado à página 219, do volume para 1876: "...como é que a mais humilde das senhoras / que conta vinte invernos por auroras..." (p. 97), no qual se percebe o mesmo problema em relação à data de nascimento. Talvez essa discrepância deva-se ao fato de a autora ter escrito o poema em uma determinada época e publicado em outra. Uma série de equívocos ocorreu devido a essas datas, entre os quais, o verbete n. 69, do *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho (2002), em que a escritora é nominada como Amália Vieira do Nascimento, e a data de nascimento consta como 22 de fevereiro de 1855; o mesmo ocorre no *Dicionário biobibliográfico brasileiro*, de Sacramento Blake (1883); Ana Maria Lisboa de Mello incorre no mesmo equívoco, no capítulo "A poesia lírica no *Almanaque de Lembranças*. Um caso: Anália Vieira do Nascimento", constante na obra *O Rio Grande do Sul* no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (CHAVES, 2014), mencionando o ano de 1855; por sua vez, Maria Eunice Moreira realiza a mesma leitura de Mello, apontando como data de nascimento 2 de setembro de 1855 (2014, p. 206). Outros poemas da autora também trazem dados biográficos, como a composição "A volta", publicado no volume para o ano de 1885 (p. 367-368), no qual justifica sua ausência das páginas do almanaque do ano anterior devido a uma moléstia; ou o soneto "Retrato", publicado em 1889 nas páginas 457-458, dedicado ao Sr. Coronel Carlos de Moraes, em que se considera uma "alma pensativa", que vive de saudades, ama as artes e preza as flores (p. 121).

Weigert (2017) aponta o início da colaboração de Anália no *Almanaque* em 1870 (publicada em 1871), um ano antes de seu irmão, o renomado escritor Damasceno Vieira, mantendo essa atividade até 1893. No entanto, pesquisa realizada por Rebecca Demicheli Sampaio (2019) contradiz essa informação:

Anália começou a colaborar com o *Almanaque* um ano após a estreia de seu irmão João Damasceno Vieira Fernandes, diferentemente do

que afirma Weigert (2017, p. 72) ao estabelecer, como texto inaugural de Damasceno, “Epístola amatória”, publicado na edição de 1872. Na verdade o escritor iniciou em 1870, com um passatempo intitulado “Logogripho XII” (SAMPAIO, 2019, p. 35-36).

A presença anterior de Damasceno Vieira no *Almanaque*, de certa maneira, explica a colaboração de Anália nessa publicação. A poetisa não publicou nos anos 1884, 1890 e 1892 (WEIGERT, 2017). Aos 17 anos, sua primeira contribuição ao *Almanaque* para o ano de 1871 foi o “Logogrifo XI”, dedicado “Ao Senhor Manuel Maria Lúcio” (p. 133-135), conforme reprodução abaixo:

Da quinta, entre a quarta e a sexta,  
Uma letra tiraria:  
*Era assim que noutro tempo  
A humildade se cingia?*

Da primeira com a quarta  
Uma letra mudaria:  
*Se às vezes produz desgostos,  
Causa excessos d'alegría!*

Para ter bicho rebelde,  
Quinta e sexta quereria;  
E do cabo da vassoura  
*Inda metade uniria!*

A primeira com a quinta  
Em francês é ventania;  
E esta mesma com a sexta  
*Dá luz que muito alumia!*

A primeira e a segunda  
Com tertia e sexta uniria,  
Se este mal contagiasse...  
*E ninguém descansaria!*

Unindo a quarta com a sexta,  
Oh! Que rubro não seria!  
Para completar a palavra  
*Inda uma letra uniria!*

Solução: MISERICÓRDIA

Anália era exímia logografista, habilidade que lhe propiciou inúmeros contatos tanto com leitores quanto com outros colaboradores do *Almanaque*, os quais solucionavam seus enigmas ou proponham outros, desafiando a autora a resolvê-los. O poema “Quadras”, publicado à página 15, do volume para o ano de 1876, é dedicado “aos ilustrados cavalheiros<sup>4</sup> de que trata o *Almanaque* de 1875, à página 17” (p. 93-94).

### Quadras

Aos ilustrados cavalheiros de que trata o *Almanaque* de 1875, à página 17.

Eu sinto com mágoa extrema  
não ser um ente exemplar,  
que tenha o dote sublime  
de poder adivinhar!

Só assim eu saberia  
que tão distintos senhores  
foram do meu logógrifo  
sagazes decifradores!

E mandar-lhes-ia logo  
(pois não falta ao que prometo)  
quatorze versos truncados  
com pretensões a soneto! (19)

Mas não sou nova Cassandra,  
nem consulto as nigromantes,  
nem tenho as asas ligeiras  
dos aéreos habitantes!

Além disso vejo pouco:  
desta terra de Cabral  
não distingo o que se passa  
no Reino de Portugal!

Quis a sorte que eu nascesse  
criatura bem vulgar,  
porque, além de muito míope,  
nunca posso adivinhar!

---

<sup>4</sup> Citados em nota de rodapé: Antônio Machado, Júlio Caldeira, Luís Carlos de Araújo Pereira Palma, Antônio M. C. de Almeida Ferraz, Anônimo Batalhense, Padre Luís Antônio da Fonseca Moreira, José Joaquim de Matos, André de Quental e Antônio de Sá Soares Leite (WEIGERT, 2017, p. 93).

Se quiserem ter o prêmio,  
cada qual por mais ladino  
me escreva pelo correio!  
pelo fio submarino!

A nota n. 19 do poema reproduz as palavras de Anália, publicadas após o texto, justificando o poema:

Como fiz a todas as pessoas que tiveram a delicadeza de escrever-me, as quais perfizeram a soma total de 125! Quase um batalhão! Da costa d'África, poucas; de Portugal, muitas; do Brasil, então, nem falemos! Vinham às dezenas! Nunca me vi tão requestada! Alguns afirmavam que eu era *ninha*, outros acreditavam que eu era *estreila*: a maior parte ficou indecisa: não sabia se eu era *divindade* ou simplesmente *flor!* Mas não me vi embaraçada em satisfazer meu compromisso, porque tinha já de antemão mandado imprimir 200 exemplares de um soneto laudatório, que compus conforme Deus me ajudou, e que fui remetendo conforme o doutor Holloway remete as suas pílulas – com o maior desinteresse do mundo. Como fiz a todas as pessoas que tiveram a delicadeza de escrever-me, as quais perfizeram a soma total de 125! (p. 94)

Além de “Quadras”, o tema do logogrifo é retomado em outros poemas, no volume para 1876. Na página 16a do mesmo anuário, encontra-se um soneto dedicado ao Sr. Antônio de Sá Soares Leite, no qual a escritora cumpre a promessa de enviar um soneto ao decifrador de seu logogrifo. Na página 16b, encontra-se o soneto dedicado ao Sr. José Joaquim e Matos, com a seguinte nota do editor:

O sr. José Joaquim de Matos (de Escalhão) enviou-nos cópia do soneto que a ilustre poetisa brasileira lhe dirigiu, por ser um dos que decifrou o logogrifo-acrostico [publicado no *Almanaque de 1874* por Anália Vieira do Nascimento] à palavra **erotomaniacos** (sic). Como é peça que faz parte deste processo gostosamente o publicamos (p. 96).

No anuário para 1877, encontra-se o último poema dedicado a um logográfista que decifrou o logogrifo da autora. Trata-se de “O canto do sabiá” (p. 222-223), dedicado “Ao distinto logográfista Ilmo. Sr. José Felgueiras (de Guimarães – Portugal). Seguido pela nota do *Almanaque*: “Foi o primeiro cavalheiro que me comunicou haver decifrado

o meu logogrifo da pág. 237 do Alm. de 1876” (p. 99).

No “Soneto”, publicado na página 219 do anuário de 1876, dedicado “ao distinto logografista Sr. André de Quental”, Anália anuncia: “Decifrei seu ardente aerólito / Depois de revolvê-lo quatro horas”. Cumprimenta o autor por “esse seu trabalho tão bonito”, ao mesmo tempo em que não se julga merecedora da atenção do poeta, também lamenta a falta de engenho e estro para atender ao pedido do autor, que lhe solicita que responda com um de seus sonetos. Em 1876 (p. 17), André de Quental publicou um soneto dedicado a “Ilma. Sra. D. Anália Vieira do Nascimento”, no formato de um acróstico. As letras destacadas formam a frase O AUTOR AGRADECE (p. 97). O soneto encontra-se a seguir:

### **À Ilma. Sra. D. Anália Vieira do Nascimento**

**O**ito dias já tinham decorrido  
**A**lém do mês chamado de fev'reiro,  
**U**ma carta recebo, e do letreiro  
**T**irar feliz presságio é meu sentido.

**O**uso crer que vou ver-me enriquecido!  
**R**esolvo todo ufano e prazenteiro!  
**A** carta certamente traz dinheiro!  
**G**rande herança talvez!... Não o duvido!...

**R**eduplica a riqueza cobiçada!  
**A**credito dum Creso ir ter a fama!...  
**D**elícias goza minha mente ousada!...

**E**rrei porém... oh! Céus! Qual dinheirama!...  
**C**ontudo coisa foi mais estimada;  
**E**ra um belo soneto de uma dama!

**André do Quental** (Ponta Delgada) – 15 de março de 1875

Anália foi homenageada por diversos logografistas que lhe dedicaram essa modalidade de composição. Entre esses destacam-se três senhoras, duas publicaram no *Almanaque* para 1882, são elas, Luísa Amélia que dedica o “Logogrifo XXI” para a “distinta poetisa Anália Vieira do Nascimento” e Georgina de Maupin que oferece o “Logogri-

fo IV” “à inspirada poetisa Anália Vieira do Nascimento”. Em 1898, Violeta oferta o “Logogripho IV” para “a ilustre poetisa rio-grandense D. Anália Vieira do Nascimento” (WEIGERT, 2017).

Muitos autores também dedicaram logografos a Anália, outros ofereceram-lhe poemas, tais como Joaquim Elias de Albuquerque Barros que dedica o poema “Salve” “à insigne poetisa porto-alegrense” (*NALLB* – 1879); João Bastos, com o poema “Avante! Avante!”, dedicado “à Exma. Sra. D. Anália Vieira do Nascimento, maviosíssima poetisa rio-grandense” (*NALLB*, 1885); Castor Phamur, oferece o poema “Agradecimento” “à mimosa poetisa rio-grandense Anália Vieira do Nascimento” (*NALLB*, 1886); ou, ainda, Benjamin Carvalho de Oliveira que dedica o poema “Homenagem” “à festejada poetisa rio-grandense D. Anália Vieira do Nascimento” (*NALLB*, 1887, Suplemento). Anália é referida, nos poemas em que é homenageada, como poetisa “inspirada”, “distinta” “insigne”, “maviosíssima”, eventualmente, ocorre o adjetivo rio-grandense. Essas designações atestam a recepção positiva de seus trabalhos. Além de logografos, a autora também organizava charadas e enigmas. Ao todo, publicou 12 logografos, 2 charadas e 2 enigmas.

Ainda que tenha o talento reconhecido por seus pares, não se conhecem outras obras da autora, além de suas contribuições para o *Almanaque*, as quais se estenderam em torno de 20 anos com algumas interrupções, cessando em 1893. Em todo esse período somente silenciou durante três anos, um deles, 1884, foi devido a uma moléstia. O último poema publicado por Anália no *Almanaque* chama-se “Avante” e foi dedicado a Andradina de Oliveira, escritora sul-rio-grandense (*NLLB*, 1893, p. 181). A autora silenciou durante os anos de 1884, 1890 e 1892, como já referido.

Na época da fundação do *Almanaque* – 1851 –, ainda que já houvesse manifestações realistas na Europa, os centros mais desenvolvidos do Brasil se encontravam em pleno Romantismo, o qual somente chega ao Rio Grande do Sul com a fundação da Sociedade Partenon Literário em 1868. Esse descompasso é uma consequência tanto do atraso da colonização sul-rio-grandense em relação ao restante do país, quanto da modalidade de sociedade que aqui se instaurou.

Na década de 70 do século XIX, os escritores românticos eram muito lidos na Província de São Pedro. Em 1872, Apolinário Porto Alegre escreve o romance *O vaseano*, modalidade de réplica ao *Gaúcho*, de José de Alencar, o que referenda a popularidade dos autores românticos. Além disso, nas classes mais cultas, poetas franceses eram muito estimados pelos leitores. Seguindo essa perspectiva, a poesia lírica de Anália Vieira do Nascimento apresenta aspectos característicos do Romantismo, sendo possível entrever, em sua produção poética, leituras de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, entre outros, além de poetas franceses.

Em seu estudo sobre a poesia lírica no *Almanaque de lembranças*, Ana Maria Lisboa de Mello (2014, p. 65) considera “... em que pesem dificuldades e restrições à publicação da literatura escrita por mulheres, a poesia de Anália Vieira do Nascimento revela qualidades formais – imagéticas e rítmicas – à altura de grandes poetas e poetisas de sua época e da posteridade”.

Anália tematiza a morte, a infelicidade, o tempo que passa (“vinte invernos por auroras”)<sup>5</sup>, a natureza, a saudade, o exílio. Um exemplo dessa tendência já é encontrado no primeiro poema publicado no *Almanaque*, “Lucília” (1873, p. 379), composto por três estrofes com sete versos decassílabos cada uma, obedecendo a um esquema de rimas AB AB CC, B, rimando o sétimo verso com o segundo e o quarto. O eu-lírico dirige-se a um tu, no caso Lucília, a quem chama de irmã, que faleceu muito jovem, “... por que tão cedo / te envolveste no pó da sepultura?” Após esse questionamento, justifica o ocorrido, atribuindo-o “a atroz fatalidade”. As imagens utilizadas na construção do poema – tétrica voragem, arcanjo mau, noite – constroem a imagem que remete ao final de uma existência cuja “aurora gentil trocou-se em noute”. Na terceira estrofe há uma transformação no tom do poema: a imprecação contra o “arcango mau”, transforma-se em acalanto: “Ai! dorme querubim c’roado em rosas! / Não perturbo o sossego que tu gozas / Na fria solidão de tua campa!” O jogo das oposições – lamento pela jovem morta e preservação do sossego do sono do querubim – privilegia o culto da tristeza, da solidão, inscrevendo-se na temática romântica. O poema “Goivos” (1887, p. 211, Suplemento), em homenagem a Sra. D. Maria da Piedade Moreira Freire de Aboim Cordeiro, esposa do

<sup>5</sup> Cfe. “Soneto”, publicado no *NALLB*, 1876, p. 219.

editor do *Almanaque* à época, Dr. Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro, mantém a tendência romântica do culto à morte, ao mesmo tempo em que invoca elementos da natureza. No entanto, as escolhas lexicais (Enlevada nas santas harmonias) aproximam a autora das sonoridades simbolistas.

O lirismo oitocentista predomina na poética de Anália, mesmo em poemas que atendem a um objetivo específico, como os escritos em álbuns de recordação de amigas. A escrita de poemas em álbuns era um costume bastante difundido que perpassou o século XIX, adentrou o século XX, estendendo-se por boa parte desse último. Uma composição nessa modalidade foi publicada no *Almanaque* de 1874, a página 332 e intitula-se “Num álbum”, trazendo como epígrafe “*De votre nom j'embellirais mes vers. Parry*”. Cada verso inicia com uma letra em destaque, formando o nome da pessoa homenageada: “Leopoldina”.

Anália detinha nível cultural muito acima da média, especialmente, das mulheres de seu tempo. Seus conhecimentos não se restringiam à literatura, circulava, também, pela filosofia, física, astronomia, biologia, mitologia. Nesse aspecto, destaca-se um longo poema chamado “Epístola” e dedicado ao editor do *Almanaque* à época, Sr. Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro. O poema, com 37 estrofes, é vasado em duas modalidades de metro, redondilhas maiores e decassílabos, organizado em quadras com rimas alternadas. Foi publicado em 1880, em três páginas (228-230). O poema assinala a mudança de perspectiva do eu-poético: “Abandonei as charadas / os logografos escuros! / Quis ver outras alvoradas / com horizontes mais puros!” O incentivo para que a autora se dedicasse a outras modalidades de composição, de acordo com a primeira estrofe do poema, deve-se ao editor do anuário. Na época, o Realismo era uma estética já consolidada na Europa, daí o questionamento sobre a qual escola o sujeito poético deveria se filiar se ao Romantismo ou ao Realismo. As considerações sobre ambos movimentos alternam-se, às vezes, por meio de versos aos pares, por outra são as estrofes que fazem a contraposição. Na sétima estrofe, ocorre a decisão de filiar-se ao Romantismo: “Se a primeira me filio / cheia de funda emoção / e a versejar principio / neste grave diapasão”. A seguir, o eu-lírico extravasa sua emoção em versos decassílabos em estilo romântico:

Curvada sobre o marco do caminho,  
exposta às iras da tormenta insana,  
sinto em roda de mim o torvelinho,  
que envolve no deserto a caravana!

O mesmo tom segue na próxima estrofe, encerrando o parêntese reflexivo para voltar à discussão anterior, levantando objeções a essa forma de versejar: “Isso é muito pungitivo! / (Dirão da moda os leões) / antes um recitativo / para ser lido em salões!” Após mais uma estrofe, em que se propõe atender ao pedido e elaborar um “recitativo”, o poema volta aos versos decassílabos no estilo romântico por mais duas estrofes, para posteriormente retornar à discussão anterior, agora, posicionando-se contrariamente aos críticos do Romantismo e defensores do Realismo. A defesa do Romantismo ocorre de modo veemente: “Se desprezando o sarcasmo, / solto ao povo uma canção, / fremente de entusiasmo / como uma proclamação”. O sujeito lírico, então, passa a enunciar seu desconhecimento das ciências sociais e naturais, elencando filósofos, cientistas, naturalistas. Confessa sua falta de preparo acadêmico para poetar da mesma forma que Antero de Quental e Guerra Junqueiro. Conclui o poema com duas estrofes, nas quais recupera a motivação inicial: “Não basta ter sentimento, / elevada inspiração / é mister muito talento / com profunda erudição!” “Não posso ao lirismo dar-me / nem posso ser realista: / é minha sina ocupar-me / sempre em ser logografista!”. Em síntese, para ser poeta, independentemente da corrente estética a que o autor se filie, é imprescindível ter, como diria Camões “engenho e arte”. A questão do Realismo retorna no poema “A uma infeliz”, cuja epígrafe, entre parênteses anuncia ser uma página realista, O poema foi publicado no *Almanaque* de 1883, p. 234. Em seu estudo sobre a poeta, Mello (2014, p.63) também se detém no poema “Epístola”, observando que

nos versos em que [Anália] discute a recepção dos poemas escritos por mulheres, a escritora introduz, além da voz do sujeito lírico outras vozes que seriam a de críticos (a exemplo da expressão “Criancices!”) a respeito das possíveis perspectivas femininas. Essa construção dá ao poema o caráter “polifônico”, com vozes que acentuam o contraste de posições. Ao mesmo tempo, a autora expõe as suas concepções poéticas, acentuando o caráter metalíngüístico do poema.

Sobre o poema “Lembrança” (*NALLB*, 1877, p. 114), a estudiosa comenta: “Ressumbra dos versos de Anália Vieira do Nascimento certa melancolia, ao estilo dos poetas românticos franceses, que teve continuidade no Simbolismo/Decadentismo” (MELLO, 2014, p. 67). Na verdade, a visão pessimista do mundo está expressa, na filosofia alemã, materializando-se na literatura romântica de diversos países europeus,

especialmente, em obras de Goethe (*Wertther*), Byron, Musset. Conhecimento esse de que Anália havia se apropriado.

Além dos jogos verbais (logografos, charadas e enigmas) e dos poemas, Anália publicou no *Almanaque* de 1882 (página 153), um texto intitulado “Victor Hugo”, seguido da palavra (Carta), entre parênteses. Trata-se de um texto crítico cujo objeto é o romance *Os trabalhadores do mar*. A autora considera a obra “um pequeno poema”, nem por isso poupa uma crítica, ao constatar “as superfluidades de erudição que por vezes entibiam o entusiasmo do leitor”. Focaliza sua análise nas personagens da obra, chamando a atenção para a questão do amor, a partir de uma concepção feminina: “O amor como nós, as mulheres, o compreendemos, isola-se assim, em uma reconcentração toda sagrada” (p. 129). A personagem Gilliat, centro de sua atenção, é considerada um ser em extinção, devido ao sacrifício da própria existência que se impôs, em razão do profundo amor que a personagem Déruchette lhe inspirou. Numa época em que a crítica literária era quase inexistente no Brasil, ainda mais no Rio Grande do Sul, a publicação de uma página com reflexões críticas escritas por uma mulher não deixa de ser um feito muito especial

Em 1893, publica-se a derradeira produção de Anália Vieira do Nascimento no *Novo Almanaque de lembranças luso-brasileiro* (p. 124):

### **Avante!**

À escritora rio-grandense D. Andradina de Oliveira.

Denodada morena de olhos pretos  
E compleição gentil,  
Perdoa se em meus versos indiscretos  
Desenho-te o perfil!

Qual férvida amazona combatente,  
Sem vacilar sequer,  
Inscreveste no gládio resplandecente  
Defesa da mulher!

Resgatando direitos conculcados  
Por tirania atroz,  
Ergueste nos torneios arrojados  
A sedutora voz!

Inspirada aos fulgores do talento,  
Em luta desigual,  
Fizeste triunfar o sentimento  
– Nosso grande ideal!

Ao penetrar nos pórticos da História,  
A descobrir painéis,  
Recolheste mil palmas de vitória  
Nas descrições fiéis!

Artemísia, Cornélia – a mãe briosa  
Dos Gracos imortais –,  
Lucrécia, a mártir, fulge esplendorosa  
Em traços divinais!

Eia! Prosegue com ardor pujante,  
Cultora do ideal,  
Rendilhando na frase coruscante  
Teu mérito real!

Defensora gentil de nosso sexo,  
Que marchas a sorrir,  
De minh'alma recebe um terno amplexo  
E arroja-te ao porvir!

**Anália Vieira do Nascimento (Porto Alegre)**

Embora tenha sido poetisa festejada por seus colegas colaboradores e pelos leitores d'aquém e d'álém mar, a única publicação, além do *Almanaque de lembranças*, foi localizada, em pesquisa na Hemeroteca Digital, no *Almanach popular* para o ano de 1878, editado por Hypolito da Silva, em Campinas, São Paulo. Trata-se de dois poemas já publicados no *Almanaque de lembranças*, oacróstico “Num álbum”, em 1874; e o poema “Soin”, publicado em ambos almaniques no mesmo ano, 1878. Além disso, não se conhecem outras publicações da autora, ainda que seu irmão João Damasceno Vieira e seu sobrinho Arnaldo Damasceno Vieira sejam autores de obra consolidada.

Em relação ao posicionamento da autora na História da Literatura, a expressividade é muito restrita. Na verdade, essa era uma realidade muito presente, não apenas no Rio Grande do Sul. As mulheres não

tinham visibilidade enquanto autoras, primeiramente, devido ao volume de sua produção ser restrito, uma vez que poucas figuras femininas tinham acesso à educação, em segundo lugar, houve certo desprestígio de autoras que, embora tivessem obras publicadas, mesmo com algumas reedições, foram relegadas ao ostracismo. Lúcia Miguel-Pereira comenta, no artigo “As mulheres na literatura brasileira” (1954), que Sílvio Romero, autor de alentada *História da literatura*, elenca apenas sete mulheres, citando autores com muito menor expressão literária. Também Sacramento Blake, em seu volumoso *Dicionario Bibliográfico Brazileiro*, de 1883, anota cerca de cinquenta escritoras. Contrapondo-se a esse levantamento, a alentada pesquisa coordenada por Zahidé L. Muzart, sobre autoras do século XIX, rendeu mais de 3200 páginas entre biografias e estudos críticos sobre 160 escritoras que, até então, eram invisíveis, publicadas em três volumes nos anos de 2000, 2004 e 2009. O destino de Anália não poderia ser diferente de suas contemporâneas. É citada por Guilhermino Cesar na obra *História da literatura do Rio Grande do Sul* (1956), juntamente com um rol de autores na seção “Outros poetas” (CESAR, 1956, p. 195), nominada como Amália Vieira do Nascimento. Na obra *Dicionário Crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)*, Nelly Novaes Coelho também mantém os equívocos em relação ao nome e à data de nascimento. Quanto à produção, limita-se a apontar, como colaboração no *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, a “Carta” a Victor Hugo. Sacramento Blake arrola Dona Annalia em seu elenco de literatos, no primeiro volume, página 97. De acordo com o autor, “Dona Annalia cultiva desde muito jovem a poesia; tem escripto muitas e mimosas composições poeticas, de que tem publicado algumas em - diversas revistas”. No entanto o mesmo autor afirma que foram baldados todos seus esforços para encontrar essas publicações (BLAKE, 1883, p. 97). Considerando a longevidade do *Almanaque de lembranças*, que circulou de 1851 a 1932, o fato de Anália ter publicado durante, aproximadamente, 20 anos, constitui credencial para seu ingresso na história da literatura. Um dos aspectos relevantes dos estudos de gênero constitui em resgatar autoras que estão no ostracismo, devolvendo-lhes a voz para que seu trabalho também possa ser conhecido e colocado no lugar merecido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

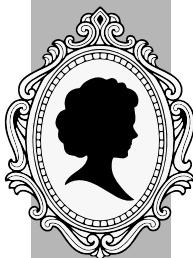
- BLAKE, Augusto V. Sacramento. *Dicionario bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipographia Nacional, 1883.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul: (1737-1902)*. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, 1956.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)*. São Paulo: Editora Escrituras, 2002.
- FEDERAÇÃO (A): Orgam do Partido Republicano de 24 de abril de 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=252263&pesq=Annalia%20Vieira> Acesso em 5 de maio de 2018.
- JARDIM, Mara Ferreira. A obra e os colaboradores. In: CHAVES, Vania Pinheiro (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Editora Gradiva, 2014. p. 25-27.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. A poesia lírica no *Almanaque de Lembranças*. Um caso: Anália Vieira do Nascimento. In: CHAVES, Vania Pinheiro (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre:Editora Gradiva, 2014. p. 55-73.
- MIGUEL-PEREIRA, Lucia. As mulheres na literatura brasileira. Revista *Anhembí*, ano V, n. 49, vol. XVII, dez. 1954, p. 17-25.
- MOREIRA, Maria Eunice. As senhoras gaúchas no *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*. *Convergência Lusíada*, n.32, julho – dezembro de 2014. p. 29-39.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. (v.1).
- MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. (v.2).
- MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. (v.3).
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 5. ed. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1990.
- RELATÓRIO dos Presidentes das Províncias do Império (RS) 1830-1889.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bi-b=252263&pesq=Annalia%20Vieira> Acesso em 5 de maio de 2018.

SAMPAIO, Rebecca Demicheli. *Produção e recepção de Anália Vieira do Nascimento no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (1871-1898)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2019.

SILVA, Hypolito (Ed.). *Almanach popular: para o anno de 1878*. Campinas: Typ. da Gazeta de Campinas, 1877. <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

WEIGERT, Beatriz. *Anália Vieira do Nascimento: 1854-1911 – estudo e antologia*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal: CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas Europeias: CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, 2017. (ebook)



# JULIETA DE MELO MONTEIRO: POETISA E MILITANTE (RIO GRANDE, 21 DE OUTUBRO DE 1855 A 27 DE JANEIRO DE 1928)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES\*

Em meados dos anos 1850, o Rio Grande do Sul passava por um processo de recuperação socioeconômica, política e cultural, dez anos depois do encerramento da Revolução Farroupilha que trouxera ampla destruição à província. Nessa etapa de reconstrução, algumas localidades atingiram certo destaque e uma das que mais avançou foi a cidade do Rio Grande que se transformou no maior entreposto comercial sulino. Como único porto marítimo gaúcho, tal comuna progrediu no campo econômico, demográfico e urbano, gerando um ambiente propício ao aprimoramento cultural. Pela urbe portuária não entravam apenas produtos, mas também livros, periódicos e companhias artísti-

---

\* Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela PUCRS e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Catedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019).

cas, além do que teve uma ampla expansão das atividades jornalísticas e, naquela década, já contava com folhas diárias e representantes da pequena imprensa, além de possuir um Gabinete de Leitura que propiciava à população certo gosto pela literatura. Foi nesse contexto que ocorreu o nascimento de Julieta de Melo Monteiro, uma das mais importantes escritoras rio-grandenses-do-sul das décadas finais do século XIX e iniciais da centúria seguinte.

Ela nasceu a 21 de outubro de 1855 e foi batizada com o nome de Julieta Nativa de Melo. Não foi só o meio citadino o propício aos progressos culturais, pois ela contou também com um ambiente familiar amplamente afeito às letras, envolvendo o avô Manoel dos Passos Figueira, escritor e jornalista; a mãe, Revocata dos Passos Figueiroa Melo, professora e poetisa; o tio Manoel dos Passos Figueiroa, engenheiro e escritor; outro tio, Deodato dos Passos Figueiroa, professor e escritor; e a tia Amália Figueiroa, poetisa. Além disso, havia o irmão, Otaviano Augusto de Melo, poeta que manteve um jornal literário e Revocata Helióisa de Melo, escritora e periodista, ao lado da qual empreendeu incansavelmente a batalha através da palavra escrita. Para completar, ela se casou com o jornalista e poeta português Francisco Guilherme Pinto Monteiro, incorporando o sobrenome do marido, vindo a assumir o nome pelo qual ficaria reconhecida – Julieta de Melo Monteiro (NEVES, 1987, p. 143-144; e PÓVOAS, 2008, p. 30).

Uma cidade e uma família como espaços para o refinamento da verve literária foram fundamentais, mas Julieta teve de enfrentar os mesmos obstáculos que se antepuseram às escritoras do século XIX. Essa foi uma época em que o ato de escrever não foi fácil para as mulheres. Por várias vezes, sua escritura ficava restrita ao domínio privado, ou seja, transformar o escrito em algo público constituía um processo prenhe em dificuldades. Elas resistiram ao sarcasmo que acompanhava as mulheres que pretendiam ser autoras, sobrepondo uma fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las nestas condições. Além disso, ficavam também demarcadas as dificuldades de reconhecimento para que uma mulher conseguisse transpor a barreira das letras. Mas não foi um caminho estéril em resultados, pois, apesar de tantos óbices, as mulheres transpuseram tais empecilhos, vindos a conquistar a literatura (PERROT, 2015, p. 97-99).

Julieta Monteiro foi uma dessas vencedoras e dedicou sua existência às letras, notadamente como editora, redatora e colaboradora na imprensa literária. Como era comum à intelectualidade de então, ela teve uma ação múltipla, atuando como poetisa, contista, cronista, dramaturga e jornalista. A partir desse conjunto de ações, Julieta deixou um legado às letras rio-grandenses, o qual pode ser avaliado não só pelo pioneirismo na imprensa feminina, como também através da criação de mecanismos para a divulgação da literatura, sobretudo entre as mulheres, ficando isso evidenciado em seus livros, nas tantas páginas dos periódicos em que redigiu e colaborou e na liderança exercida junto de entidades ligadas ao sexo feminino, estabelecendo enfim um intenso trabalho, desenvolvido em prol das letras e da mulher (MOREIRA, 2014, p. 212-214).

As informações sobre a infância e a vida estudantil da escritora são insuficientes. Entretanto, sua atuação demonstrou que teve formação educacional apurada, fosse pelo incentivo da família, fosse pelos bancos escolares, uma vez que tinha compreensão de outras línguas, principalmente o inglês, promoveu a leitura de variados clássicos da literatura e, desde cedo, seguiu a carreira de professora, ministrando aulas particulares ao lado da irmã Revocata. Os versos da poetisa revelavam uma criança que teria vivido em certa harmonia familiar, ao lado dos pais, da avó, da irmã e dos três irmãos. Nessa linha, Julieta lembrava de uma infância que teria passado brevemente: “Como um sonho de amor, sonho adorado/ Que a mão do fado em nosso peito escreve (...) Não víamos no céu um ponto escuro/ Porque nossa alma não previa dores”. E de tal época, restava a saudade: “Oh! é tão belo o tempo de criança!/ Porque tão cedo a mocidade veio?! (MONTEIRO, 1881, p. 57).

Durante a juventude, antes mesmo de completar seus vinte anos, Julieta começou sua longa carreira de colaboradora com periódicos, divulgando seus textos, mormente os poéticos, nas páginas dos jornais gaúchos. Nessa época, o Rio Grande do Sul e o Brasil se recuperavam do grave conflito bélico internacional representado pela Guerra do Paraguai, momento que demarcava o apogeu e os primórdios da decadência do império. Em tal contexto, a cidade do Rio Grande continuava seu avanço econômico e consequente afirmação cultural, com uma expansão e especialização das atividades jornalísticas, havendo um

incremento quantitativo e qualitativo da imprensa local. Além do periodismo rio-grandino, a poetisa colaborou com várias folhas, notadamente as literárias das cidades de Pelotas – epicentro da produção charqueadora rio-grandense e de Porto Alegre – a capital da província. Ainda com o nome de solteira, Julieta Nativa de Melo, em 1875, publicou versos nas páginas do periódico *Álbum Literário* de Pelotas, vindo a compor o corpo de colaboradores desse jornal.

Em outubro de 1876, ela se casou com o português Francisco Pinto Monteiro, também vinculado às lides literárias e jornalísticas, colaborando com vários jornais (PÓVOAS, 2008, p. 30) e editando na cidade do Rio Grande a folha satírica *Comédia Social*. Nessa época, seu contato com o mundo sul-rio-grandense das letras se aprofundava ainda mais. Seu nome figurava no rol de colaboradores do *Progresso Literário* de Pelotas, vindo a publicar versos em tal folha no ano de 1877. Ao final da década de 1870, ocorreria um dos pontos altos da carreira de Julieta, quando, entre março de 1878 e julho de 1879, promoveu a edição do periódico *Violeta*. Tal publicação constituiu uma experiência breve no cronológico, mas com uma especial relevância, uma vez que, além de orientar-se por uma natureza estritamente literária, trazia consigo também um pioneirismo, já que foi uma das primeiras representantes da imprensa feminina no contexto gaúcho.

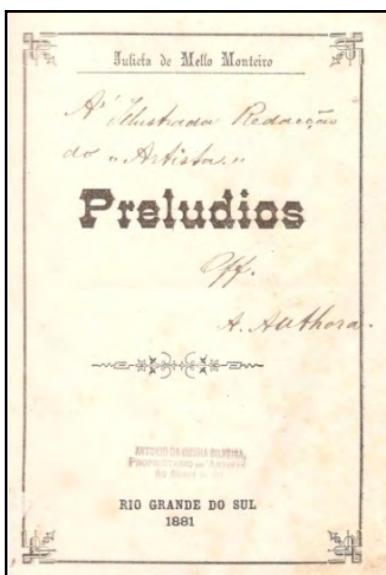


Nesse sentido, a *Violeta* tinha um norte editorial voltado essencialmente para o público feminino e seus textos redacionais e colaborações eram elaborados por mulheres. Como era comum à época, a folha era uma atividade praticamente unipessoal, ficando as diversas etapas da redação, revisão, confecção e distribuição do jornal nas mãos da própria Julieta Monteiro. Tal periódico trazia editoriais e expedientes da lavra da redatora e

proprietária e sessões destinadas à prosa, à poesia, às correspondências e ao entretenimento, contando com a participação das colaboradoras. Apesar das pequenas dimensões, a *Violeta* atingiu significativo êxito, uma vez que, por meio da troca de exemplares, granjeou um extraordinário intercâmbio que atingiu várias localidades gaúchas e cidades nas mais variadas regiões do império, abrangendo quase todas as províncias. Essa permuta não se limitou ao território brasileiro, chegando ao exterior, como foi o caso das cidades de Lisboa e Nova Iorque, contribuindo para a difusão da produção literária gaúcha nos mais variados âmbitos, além de levar o nome de Julieta para além das fronteiras locais e regionais (ALVES, 2013, p. 125-141).

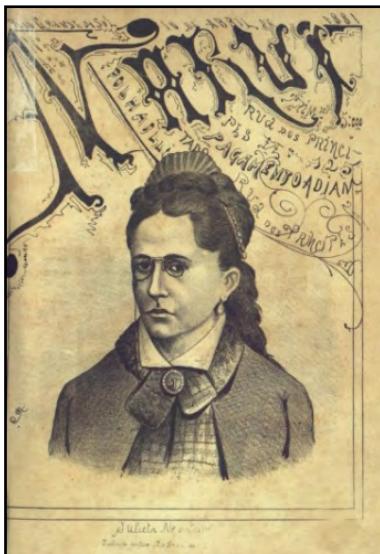
Os anos 1880 foram marcados pelo recrudescimento do espírito contestatório em relação a várias das instituições nacionais, notadamente no que tange à escravidão e à monarquia. O republicanismo se consolidava no centro do país e dava seus primeiros passos no Rio Grande do Sul, ao passo que os ideais abolicionistas ganhavam cada vez mais corpo, com a culminância da assinatura da extinção da escravatura, em 1888. A cidade do Rio Grande também foi agitada por tais movimentos, havendo uma nova fase de expansão das atividades jornalísticas e afirmação da cultura a partir da consolidação da Biblioteca Rio-Grandense que substituía o gabinete original, dando continuidade e aprimorando sua jornada de difusão da leitura. Após a experiência com a *Violeta*, Julieta Monteiro prosseguiu colaborando com a imprensa, fazendo parte do conjunto de colaboradores das publicações *Arauto das Letras* e *Tribuna Literária*, editados respectivamente nas cidades do Rio Grande e de Pelotas, bem como estreou como autora de livros.

O primeiro livro publicado por Julieta de Melo Monteiro intitulava-se *Prelúdios* e foi impresso



no Rio de Janeiro, em 1881. A obra era prefaciada pelo escritor Augusto Emílio Zaluar e a própria autora trazia uma nota introdutória na qual dizia que se tratava de um livro de versos líricos, filho de suas convicções e de seu coração, estando desrido de todos os atavios da arte (MONTEIRO, 1881, p. 5). Era constituído de poemas por ela elaborados entre 1874 e 1881, com versos voltados a enaltecer várias figuras de sua família, bem como de seu círculo de amizades ou personalidades do mundo literário. Além disso, em suas composições, Julieta abordava questões sentimentais e temas como o remorso, a passagem do tempo, as estações do ano, a exuberância da natureza, a solidão, a educação feminina, a família, a infância, os ares bucólicos do ambiente rural, além de apresentar estórias de amor em forma poética, as quais, em grande parte, culminavam em tragédias.

Nessa mesma década, Julieta publicou textos na *Revista Literária* e no *Lábaro*, ambos de Porto Alegre, em 1881; na *Tribuna Literária*, de Pelotas, em 1882; no *Arauto das Letras*, do Rio Grande, em 1882 e 1883; no *Pervigil*, de Pelotas, em 1882; e no *Progresso Literário*, de Pelotas, em 1888. Tal produção levaria Julieta Monteiro, no entorno de seu trigésimo aniversário, a contar com um significativo reconhecimento intelectual, de modo que seu nome seguidamente era lembrado por al-





guns periódicos. Foi o caso de duas folhas ilustradas sul-rio-grandenses que estamparam o retrato da escritora. O *Cabrión* exaltava o talento, as finíssimas qualidades e o incomparável estro de Julieta, a qual estaria a cultivar os mais belos frutos da sua inexcedível fecundidade intelectual (CABRION, Pelotas, 25 jan. 1880, a. 1, n. 51, p. 1-2). Já o *Maruí* não chegava a publicar um texto, limitando-se a apresentar a sua efígie, com a inscrição “Julieta Monteiro – distinta poetisa rio-grandense” (MARUÍ, Rio Grande, 10 abr. 1881, a. 2, n. 4, p. 1).

Em 1883, Julieta Monteiro teria importante participação em um dos projetos editoriais mais bem sucedidos em termos de imprensa literária e feminina. Em outubro daquele ano, sua irmã, Revocata de Melo, fundou o *Corimbo* que circulou por seis décadas, com diversos formatos e distribuição que variou entre mensal, semanal e quinzenal. Tal publicação marcou época em termos de escrita feminina, na difusão da leitura entre as mulheres e na busca por transformações no papel social feminino. Além da intensa permuta de exemplares, típico da imprensa literária de então, a folha promoveu significativo intercâmbio entre autoras de todo o país e mesmo do exterior. Em princípio, Julieta foi uma das mais importantes colaboradoras do *Corimbo*, para depois, a partir de 1898, aparecer no cabeçalho, ao lado da irmã, como uma das redatoras, e, após a sua morte, ter seu nome estampado no frontispício, como uma das fundadoras do periódico.

Ao final dos anos 1880, a escritora publicou um de seus versos além das fronteiras brasileiras, chegando às páginas do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1889* (a. 39, p. 372), editado em Lisboa, em 1888, por meio de um soneto intitulado “Cromo”, contendo algumas de suas reflexões sobre a natureza, mais especificamente em um cenário rural, com alguma inspiração regionalista. Na

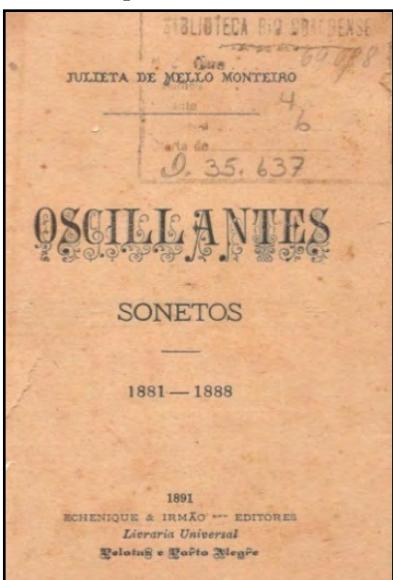
edição, ela era apresentada como D. Julieta Monteiro, do Rio Grande do Sul. A poetisa também colaborou com os anuários publicados no contexto rio-grandense, como foi o caso do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, editado na cidade do Rio Grande, nos anos de 1890, 1893, 1894, 1895, 1898, 1899, 1900 e 1901; e no *Almanaque Popular Brasileiro*, publicado em Pelotas, nos anos de 1893, 1894, 1895, 1896, 1897, 1898 e 1899.

Na virada para a década de 1890, o país passaria por uma ampla transformação política, com a implantação da forma republicana de governo. Os anos iniciais da república foram marcados por profundas crises econômico-financeiras e políticas, ocorrendo inclusive a eclosão de guerras civis, como a Revolta da Armada no Rio de Janeiro. No Rio Grande do Sul, tal transição foi marcada pela ascensão do republicanismo liderado por Júlio de Castilhos, com uma matriz ideológica diferenciada em relação ao restante do Brasil, embasada nos ideais positivistas, com o estabelecimento de um modelo ditatorial, uma ampla concentração de poderes e um projeto de perpetuação no poder. O regime autoritário castilhista se embasava no exclusivismo partidário e no personalismo do líder, de modo que as demais frentes partidárias se viram completamente alijadas do poder. Formou-se então uma ferrenha oposição composta pelos federalistas, de tendência liberal e por dissidentes do castilhismo. Tais disputas iriam redundar no feroz enfrentamento bélico conhecido como Revolução Federalista, marcando a vida política sul-rio-grandense daí em diante pelos ódios e paixões partidárias. Tanto no Rio Grande do Sul, quanto na cidade do Rio Grande, o jornalismo passou então por uma nova fase de expansão, embora muitas vezes os jornais tivessem sido calados pela repressão oficial.

Nessa época, Julieta Monteiro se deparou com graves problemas, com a perda de familiares. Além da avó, do pai e da mãe, a escritora enfrentou a morte dos irmãos João e Otaviano, bem como de duas de suas sobrinhas. Na mesma época, o irmão Romeu foi fortemente perseguido pelo castilhismo, chegando a ser preso, vindo a falecer mais tarde, já no século XX. Tais passamentos foram extremamente pranteados por ela por meio das páginas dos jornais. Ainda que cada uma dessas perdas tenha sido traumática, uma das mais sentidas por Julieta foi a morte do esposo, Pinto Monteiro, falecido em janeiro de 1889. Desde en-

tão, a inconsolável viúva apresentou várias composições, manifestando a tristeza pela ausência do marido, como foi o caso do soneto “Saudade eterna”, no qual ela lamentava a partida daquele a quem dedicara seus “febris amores”, garantindo que guardaria a lembrança dele até a sua própria chegada ao túmulo (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, Rio Grande, 1890, p. 214).

Apesar de tantas perdas, da instabilidade política e da crise bélica vivida no Rio Grande, Julieta Monteiro não deixou de lado suas atividades literárias. Nessa linha, ela publicou, em 1891, seu segundo livro, intitulado *Oscilantes*. Já na folha de rosto, a autora anunciava que se tratava de uma coletânea de sonetos, realizada entre os anos de 1881 e 1888. De certo modo, a publicação constituía uma continuação em relação ao primeiro livro, *Prelúdios*, que trazia seus trabalhos escritos entre meados dos anos 1870 e 1881. O título *Oscilantes* carregava consigo a caracterização que a autora queria imprimir aqueles seus “versos peregrinos”, no sentido da oscilação, do vacilo, da hesitação, bem como na perspectiva do mudável, do instável e do perplexo, ou seja, como um reflexo de suas observações daquele Brasil em mutação, com os avanços do republicanismo e a crise que levaria à derrocada da forma de governo monárquica.



Em brevíssima apresentação intitulada “Leia-se”, Julieta Monteiro esclarecia que o generoso acolhimento dispensado não só pelo público, como ainda pela ilustrada imprensa ao primogênito filho de suas lucubrações, teria lhe encorajado a apresentar o novo livro, apontado como igualmente singelo, modesto, imperfeito e desprestensioso (MONTEIRO, 1891, p. 7). O prefácio da obra foi elaborado pelo escritor português Luiz Guimarães. O livro trazia aspectos como a vida familiar e a construção da ideia de

lar, normalmente a partir de perspectivas idealizadas, construindo imagens nas quais conviviam harmonicamente avós, pais, filhos, agregados, empregados e até mesmo os animais de estimação. Apareciam também as relações amorosas, os arroubos da juventude, as aventuras da infância, cenas da vida urbana e alguns retratos da natureza. Um segmento inteiro do livro foi destinado ao pranto pela morte da mãe da autora. Outra parte esteve reservada para vários poemas encomiásticos em homenagem a personalidades políticas e literárias.



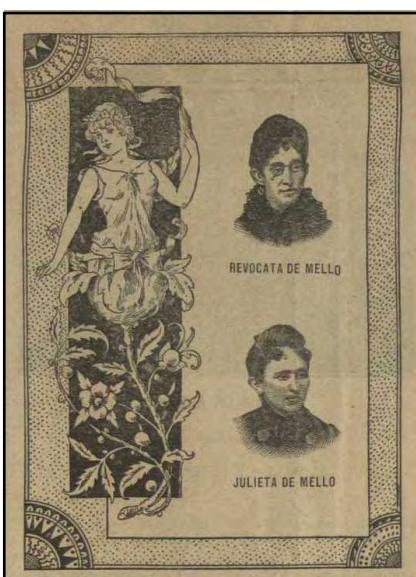
Pouco depois, em 1893, Julieta lançou um livro escrito a quatro mãos com a sua irmã Revocata, sob o título *Coração de mãe*. Era um drama, que chegou a ser encenado em algumas apresentações teatrais ocorridas no âmbito regional. A estória tratava de construir a imagem da “mãe ideal”, capaz de qualquer sacrifício pela sua filha, chegando tal abnegação à desistência do amor e até mesmo à morte. Ao longo da peça, as autoras faziam várias referências à literatura feminina, como no caso da obra *Lésbia* da escritora gaúcha Maria Benedita de Bormann. Além disso,

em tal dramaturgia, as escritoras refletiam sobre vários arquétipos acerca da mulher. Em *Coração de mãe*, a simbiose criativa entre as irmãs Melo ficou extremamente evidenciada, tratando-se de uma coautoria plena, sem fronteiras entre a escritura de cada uma.

Nos anos finais do século XIX e nas primeiras décadas da centúria seguinte, em termos nacionais, ocorreu a afirmação do modelo oligárquico, pelo qual o poder federal era legitimado a partir das inter-relações com os poderes regionais e locais. No Rio Grande do Sul, tal época correspondeu à consolidação do regime instituído por Júlio de Castilhos e continuado pelo seu sucessor Borges de Medeiros, que permaneceu por décadas no governo. Já a cidade do Rio Grande passaria por novo período de evolução, somando ao caráter comercial uma expansão industrial que garantiu mais algum tempo de prosperidade econômica e, portanto, de continuidade de certo aprimoramento cultural.

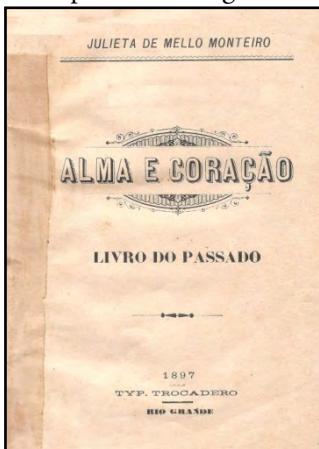
Em tal conjuntura, Julieta Monteiro prosseguiu em sua carreira literária e jornalística, atuando como redatora do *Corimbo* e colaborando com vários periódicos. Sua notoriedade intelectual já estava tão consolidada que, em determinadas efemérides, nas quais se reuniam vários intelectuais para escrever sobre um determinado tema ou personagem, sua presença era garantida.

Tal participação ficou evidenciada na publicação *D. Pedro Segundo*, número único comemorativo, editado no Rio Grande, em 1892, como um tributo ao segundo imperador brasileiro, no qual ela apresentou em prosa “D. Pedro de Alcântara” e o soneto “Preito à França”, alusivo às homenagens que tal país havia prestado ao governante brasileiro morto. Outras edições encomiásticas das quais a escritora participou foram no *Maragato* de Rivera, no ano de 1913, e do rio-grandino *Echo do Sul*, em 1920, ambas em homenagem a Gaspar Silveira Martins. Seus textos apareceram também no periódico literário e feminino *Es-crínio*, de Santa Maria, em 1901; no *Diabo*, uma folha caricata e humorística, editada no Rio Grande e em Pelotas, em 1905; na publicação literária *Tudo*, da cidade do Rio Grande, em 1919; no periódico pelo-tense *O Libertador*, em 1924; e na publicação de variedades culturais *Atualidades*, de Pelotas, em 1926.



Julieta Monteiro continuava a contar com amplo reconhecimento no meio intelectual, não só estadual, mas também nacional e até internacional. Suas obras eram divulgadas e debatidas por vários periódicos e sua atuação como escritora era bastante enaltecida. Foi o caso de uma revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica lisbonense, intitulada *A Madrugada*, que, em 1896, estampou o retrato das irmãs Melo e realizou um elogio a cada uma. Julieta

foi qualificada como distinta poetisa, sendo citados alguns de seus livros e informando que ela redigia, ao lado de Revocata, o *Corimbo*, além de colaborar em diversas revistas literárias da sua pátria e principalmente do seu estado natal. Segundo o periódico, a escritora tinha a vantagem de reunir aos seus belos dotes, uma inteligência superior (*A MADRUGADA*, Lisboa, mar. 1896, a. 3, série 3, p. 1). Nos primórdios dos Novecentos, a autora gaúcha também seria lembrada no *Almanaque Brasileiro Garnier para o ano de 1905*, que incluiu seu retrato entre algumas das poetisas brasileiras. O mesmo se deu com o livro *Sonetos brasileiros*, de 1913, para o qual foi selecionado seu poema “Madrugada de estio”, além de também ter sido estampada a sua efígie, idêntica à anterior (FREIRE, 1913, p. 181).

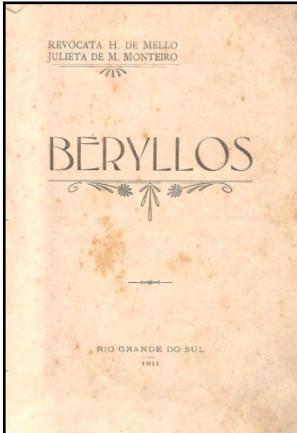


Nesse meio tempo, a escritora prosseguiria publicando seus livros como *Alma e coração – livro do passado*, editado em 1897, o qual é composto por breves textos versando sobre diversificados temas voltados ao sentimental, como encantos e decepções amorosas e alcances e limites nas relações a dois. Apareciam também algumas crônicas de circunstâncias. O último segmento do livro dava lugar a textos predominantemente sofrutivos e por vezes até mórbidos. O fio condutor dessa parte era um dos temas

preferidos de Julieta, ligado à finitude da vida. Nesse sentido, a morte é praticamente a protagonista das estórias, umas taciturnas e algumas chegando até a beirarem um tênué suspense ou até um certo terror. Ao apresentar a obra, a autora definia que sua escritura era embasada em seus sentimentos e voltada para aqueles que a pudessem compreender. Além disso, ela esclarecia que a maior parte dos escritos daquele volume já havia sido publicada junto à imprensa, notadamente sob alguns de

seus pseudônimos como Ego, Sibila, Atala e Forasteira (MONTEIRO, 1897, p. 5-6 e 209).

Outro livro publicado pela escritora foi *Berilos*, realizado junto da irmã Revocata de Melo. Dessa vez a parceria entre elas se limitou ao aspecto editorial, tendo em vista que cada uma escreveu isoladamente as respectivas partes nas quais a obra se dividia, intituladas 1º e 2º Livro.



O Segundo Livro ficou sob a responsabilidade de Julieta Monteiro, que apresentava uma série de contos com temáticas variadas, mas com uma tônica carregada de melancolia, abordando diversos tipos de mazelas sociais, os amores não correspondidos, as perdas familiares e as várias facetas da morte. Ela trazia ainda outros temas mais leves, envolvendo crônicas que retratavam cenas do cotidiano em geral em torno de encontros e desencontros amorosos. Com tais contos trágicos e soáturnos ao lado de crônicas bem-humoradas, Julieta intentava uma certa amalgama criativa, buscando atingir um público leitor mais variado.

Em sua amplitude de ação, Julieta Monteiro, utilizando-se de seu nome e dos pseudônimos já citados, ou ainda *Penserosa*, outra alcunha por ela adotada, publicou em vários outros periódicos brasileiros e estrangeiros, tais como *Estímulo*, de Caxias do Sul, *A Mensageira*, de São Paulo, *Jornal das Moças*, do Rio de Janeiro, *Kosmos*, de Montevidéu e *La Fronde*, de Paris. A ela também são atribuídos outros títulos de livros, seja por alguns de seus biógrafos, seja em referências estampadas nas folhas de rosto de suas próprias edições. Tudo indica que não passaram de projetos editoriais ou foram publicações de tiragens extremamente limitadas das quais não há exemplares remanescentes. Nesse sentido, ela ainda teria publicado *Noivado no céu*, *Tabernáculo*, *O segredo de Marcial e Mário* (FLORES, 2011, p. 483; e COELHO, 2002, p. 314). Essas obras constituíram dramas que foram levados à cena, mormente em cidades gaúchas (OLIVEIRA & VIANA, 1967, p. 936-937; FISCHER, 2014, p. 200; e SOUTO-MAIOR, 1996, p. 38-39), de modo que tam-

bém há a possibilidade de que não tenham chegado a ser editados no formato de livro. Novas pesquisas poderão disponibilizar esse material jornalístico ou bibliográfico da lavra da autora.

Tanto o modelo oligárquico na esfera federal, quanto o regime castilhista-borgista no contexto sul-rio-grandense, começaram a dar sinais de exaustão que tiveram seu ponto alto na denominada crise dos anos vinte, quando vários movimentos contestatórios começaram a criar fissuras nas estruturas vigentes. A cidade do Rio Grande permanecia como um polo comercial e industrial e ainda constituía um espaço propício às atividades culturais. A presença de Julieta no *Corimbo* foi uma constante até a segunda década do século XX, mas, a partir dos anos 1920, os poucos exemplares remanescentes revelavam que a redatora tornara-se absenteísta. Era um indício que suas condições de saúde se deterioravam, levando a um decréscimo em sua produção artística e jornalística, aparecendo apenas algumas matérias esparsas junto à imprensa. Tal processo de afastamento teve a sua culminância no dia 27 de janeiro de 1928, quando, após enfrentar longa e penosa enfermidade – nas palavras dos jornais da época – a poetisa viria a falecer de uma arteriosclerose com profunda astenia geral, conforme informa sua certidão de óbito. No jornalismo rio-grandino, a notícia de sua morte causou impacto, lamentando-se o passamento daquela cultora apaixonada das letras, que constituirá uma figura altamente representativa da intelectualidade feminina e alto expoente da mentalidade rio-grandense, permanecendo, ao menos, as páginas de ouro que ela legara como tributo de glória (RIO GRANDE, Rio Grande, 28 jan. 1928, a. 15, n. 23, p. 2; O TEMPO, Rio Grande, 28 jan. 1928, a. 22, n. 51, p. 2; e ECHO DO SUL, Rio Grande, 28 jan. 1928, a. 74, n. 24, p. 2; A LUTA, Rio Grande, 28 jan. 1928, a. 4, n. 141, p. 2).

Os textos da escritora gaúcha viriam a público mesmo depois de



sua morte, por meio do livro *Terra sáfara*, uma publicação póstuma que reunia alguns de seus versos escritos nos últimos anos. A organização da obra coube à irmã Revocata de Melo, que avisava não ter conseguido publicá-la ainda em vida da autora, tendo em vista os altos custos de edição. O título era uma alusão ao um caminho íngreme, cheio de peregrinhos ou deserto, refletindo o estado de espírito da escritora, como ela mesma revelava nos versos apresentados na abertura, com título homônimo ao livro, nos quais falava que suas sementes jogadas ao solo não germinaram, pois era uma “terra sáfara, dura, sem encantos”, a qual não lhe dera nada em troca de todos os esforços empreendidos de “alma e coração” (MONTEIRO, 1928, p. 11). A obra era dividida em duas partes, a primeira com o predomínio da soturnidade e da melancolia e a segunda composta de versos encomiásticos em homenagem a vários homens públicos, principalmente lideranças federalistas.

Essa carreira tão multipla de Julieta Monteiro pode ser analisada por variados prismas, mas dois brevíssimos estudos de caso, envolvendo suas ações como poetisa e militante, servem para a compreensão de um amplo horizonte do conjunto de seu pensamento. No que tange à criação literária da escritora, Guilhermino César comenta que ela refugiou ao processo romântico para adotar a linha parnasiana no que ela tinha de mais descritivo e impessoal (CÉSAR, 2006, p. 313). Sua predileção eram as composições poéticas, com destaque para os sonetos e a marca essencial de sua obra era o tom melancólico, com a preferência por temáticas calcadas na tristeza, tendo muitas vezes a morte como um fator motor de seu trabalho. Ela conviveu com a finitude da vida bem próxima de si, fosse em relação ao contexto histórico – com os constantes confrontamentos bélicos que acompanhou, caso da Guerra do Paraguai, das guerras civis ocorridas no Brasil, mormente no Rio Grande do Sul, e mesmo da I Guerra Mundial –, fosse no âmbito familiar, com as tantas perdas sofridas, a da mãe, a dos irmãos e a do marido, as mais sentidas. Tais vivências somadas aos fatores de inspiração artística corroboravam com a expressão utilizada pelo prefaciador Luiz Guimarães ao caracterizar a criação de Julieta como uma queixosa flor da melancolia (MONTEIRO, 1891, p. 10).

Apenas como exemplos de tais motivações presentes nos textos expressos nos periódicos e em seus livros, podem ser citados alguns tre-

chos de suas composições, como: “Bem vez, em tudo que é triste; Minha alma encontra magia;/ Assim nos sombrios ermos,/ Eu sonho amor e poesia” (ÁLBUM LITERÁRIO, Pelotas, 10 maio 1875, 3<sup>a</sup> série, a. 1, n. 11, p. 44). Em outra passagem, Julieta dizia: “Triste, profundamente triste, agora/ Anda minha alma, que em constante anseio/ Continuamente no silêncio chora!/ Parece que somente ao mundo veio/ Para sofrer os golpes mais cruentos/ Que Deus pode mandar ao humano seio” (PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 29 jul. 1888, a. 3, fase 2, n. 5, p. 3). Na mesma linha, ela descrevia um mundo em que “A Canaá bendita eclipsou-se,/ O farol da esperança não fulgura,/ De negras nuvens todo o céu toldou-se/ Onde encontrar o porto da ventura?” (CORIMBO, Rio Grande, 27 jul. 1890, a. 6, n. 46, p. 1).

Segundo tal concepção lúgubre, a poetisa versejava que a sina de todos consistia “Em que a morte a sorrir estende-nos os braços,/ Unindo-nos a si com vigorosos laços!/ Tombam então por terra as flores da esperança,/ Morre a crença e a ilusão, mas o mortal descansa!” (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, Pelotas, 1894, p. 162). Através da poesia, a escritora descrevia o seu dia a dia: “Levanto-me do leito ao despontar do dia/ E tomo tristemente a estrada que conduz/ À cidade fatal, à cidade sombria/ Onde não há clarões embora brilhe a luz” (CORIMBO, Rio Grande, 1º nov. 1904, a. 22, n. 242, p. 1). Essa perspectiva acompanhou Julieta do início ao fim de sua carreira, tanto que, em seu primeiro livro, dizia: “Eu amo tudo o que é triste/ Que traz em si luto e dor, (...) Se eu amo tudo o que é triste/ Deixai-me agora cantar;/ Meu canto é triste e sentido/ Como o de um sino a dobrar;/ Aqui na paz, no silêncio./ Oh! como é doce cismar!” (MONTEIRO, 1881, p. 22-23). Ao passo que, em um de seus últimos versos publicados, lembrava um dia que era cantado por “um poeta no plácido abandono” (ATUALIDADES, Pelotas, 10 abr. 1926, a. 1, n. 2, p. 7).

O outro breve estudo de caso se refere à Julieta Monteiro como uma escritora militante que lutou por várias causas. Tal militância vem ao encontro do pressuposto pelo qual, por meio de seus livros e textos na imprensa, ela atuou como uma intelectual-jornalista, ou seja, lançava mão de seu reconhecimento intelectual para promover o conhecimento do público quanto ao seu pensamento político (BORDIEU, 1997, p. 111). Ocorria então uma encruzilhada entre o conteúdo li-

terário, jornalístico e político, no seio da qual o campo intelectual se articula com o campo do poder, visando a uma tomada de posição de cunho ideológico (BOURDIEU, 2007, p. 188-190). Nessa ação como intelectual-jornalista, Julieta engajou-se em diversas lutas, como as de cunho social, lutando contra a escravidão e movendo incessantes campanhas para combater a pobreza; e outra de caráter político, atuando na oposição e mesmo na resistência ao autoritarismo do regime castilhista-borgista. Mas, entre todas as frentes nas quais militou, a busca por uma nova condição social para a mulher se transformou praticamente em uma bandeira da escritora ao longo de sua existência.

A partir de sua ação em prol da causa feminina, Julieta Monteiro chegou a presidir a União de Classes Femininas do Brasil e foi sócia honorária da Legião da Mulher Brasileira, no Rio de Janeiro (FLORES, 2011, p. 483). Nessa luta, o papel de Julieta foi reconhecido por várias das militantes feministas de sua época, como foi o caso de Maria Lacerda Moura, que apontou a escritora gaúcha como atuante jornalista profissional (MOURA, 1919, p. 76). No mesmo sentido, a escritora portuguesa, ativista do feminismo, Ana de Castro Osório, descreveu Julieta Monteiro como jornalista combativa, defensora dos mais modernos ideais femininos, constituindo para as mulheres brasileiras um belo exemplo de inteligência progressiva, trabalhando pela elevação e progresso do seu sexo (OSÓRIO, 1924, 58-59). Pensamento similar expressou a escritora engajada com o ideal feminista, Mariana Coelho, que qualificou a poetisa rio-grandense como intelectual distinta, ressaltando seus escritos junto à imprensa e em livros, nos quais colocara seu valioso préstimo moral e intelectual ao serviço das mais nobres causas, sendo conhecida até além das fronteiras do seu país (COELHO, 1933, p. 512-513).

Levando em frente tal ideário em defesa das mulheres, Julieta empreendeu uma ação coletiva, notadamente através da imprensa, que mobilizava escritoras e leitoras de vários lugares. De acordo com tal perspectiva, ela auxiliou na formação de uma rede de apoio para as mulheres literatas e ajudou-as a combater os preconceitos contra a produção feminina no mundo masculino da literatura (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000, p. 308). Ocorria então uma tendência de certa solidariedade unificadora entre tais mulheres que não se encontravam

isoladas umas das outras, mas, pelo contrário, formavam uma espécie de rede feminina que se estendia do âmbito regional ao internacional (SOARES, 1980, p. 145-146). Através de sua produção bibliográfica e de sua incansável atuação como editora, redatora e colaboradora em periódicos, a poetisa sul-rio-grandense foi um elo bastante ativo desta corrente feminina, defendendo ardorosamente um novo papel social para a mulher, o qual seria obtido fundamentalmente por meio da educação.

Nas páginas dos jornais e de seus livros tal campanha empreendida por Julieta Monteiro foi duradoura como podem exemplificar os casos a seguir. Ainda no início de sua carreira, a autora publicou poema intitulado “O estudo”, no qual estimulava a educação feminina. Ela propunha que as mulheres deveriam buscar o caminho das letras e não o de outras atividades mais triviais: “É no estudo apurado das letras/ Que a mulher procurar deve a luz,/ Não nos bailes, nas salas festivas,/ Onde a louca vaidade transluz.” Para Julieta, a educação seria a única garantia de um porvir melhor para as mulheres: “Estudar é buscar um futuro/ Nobre, santo, querido por Deus,/ Estudar é buscar no trabalho/ Desvendar das ciências os véus.”. Desse modo, encerrava seus versos em sentido exortativo: “Estudai, pois oh! flores singelas,/ Meigas virgens que em trevas viveis;/ Que áureo prêmio de vossos trabalhos,/ No saber muito breve achareis” (VIOLETA, Rio Grande, 20 abr. 1879, a. 2, n. 45, p. 4; e MONTEIRO, 1881, p. 34).

Como propagandista da causa feminina, Julieta considerava a necessidade de educar as meninas como uma condição *sine qua non* na formação das mulheres. Segundo ela, a “trilogia” quanto aos papéis femininos – “filha, esposa ou mãe” – trazia para si certa representatividade, mas dizia estar bem longe de limitar à mulher a apenas a tal círculo, onde a maior parte do sexo varonil esperavavê-la. Nessa linha, a poetisa gaúcha sustentava que sempre preferiria ver a mulher educada, instruída, ilustrada e identificada com as evoluções do progresso humano (CORIMBO, Rio Grande, 17 maio 1891, a. 7, n. 30, p. 1). Reforçando tal perspectiva, a autora antagonizava com aqueles que combatiam o ideário dos avanços femininos, argumentando contra os homens que não podiam ou queriam concordar que esse ente apelidado fraco, pudesse desempenhar no vasto cenário do mundo um papel igual e até muitas vezes superior ao deles. Além disso, considerava uma

arrogância de parte do homem o fato de chegar a pensar que a cabeça feminina não tivesse condições de rivalizar com a dele (MONTEIRO, 1897, p. 165-166).

De acordo com a jornalista, a história de todos os tempos mostrava um sem número de exemplos da capacidade intelectual da mulher e apontava que tais condições seriam ainda mais favoráveis se a educação feminina deixasse de ser tão cruelmente descurada, bem como se a liberdade da mulher de proceder na sociedade parasse de encontrar sempre as mais rigorosas peias, especialmente, no Brasil. Julieta Monteiro manifestava júbilo ao destacar que “grandes espíritos” acompanhavam na luta em prol da educação e emancipação da mulher. Defendia que, como o homem, a mulher tinha direitos, e podia pensar e agir. Na mesma linha, sustentava que os mais “alevatados talentos” concordavam com a igualdade de inteligência entre os dois sexos. De acordo com tais ideais, Julieta conclamava quanto à emancipação feminina: “Deixem-na, pois, dar livre curso às suas ideias: trabalhar e pensar por si” (MONTEIRO, 1897, p. 166-167).

A escritora rio-grandense defendia ainda que a mulher deveria romper os “ridículos preconceitos” da submissão, mostrando que era inteligente, ativa e empreendedora, e podendo salientar-se pelo seu critério, pela sua eloquência persuasiva, pela sua fácil compreensão e pelo modo judicioso com o qual buscava encarar certas questões, usando de maior atenção do que a oriunda do olhar masculino. Julieta argumentava enfaticamente que incorriam em engano aqueles que julgavam as mulheres fracas e incapazes de regenerarem-se por si, de modo que tal pensamento buscava torná-las absolutamente dependentes de um homem para que não viessem a se precipitar no abismo, tendo em vista que a elas era imputada a ignorância e a falta de prática. A poetisa discordava plenamente dessa versão e sustentava com grande certeza que a mulher não nascera simplesmente para obedecer (MONTEIRO, 1897, p. 167-168). Dessa maneira, a jornalista insistia que as mulheres estivessem sempre dispostas a procurar a luz do saber, devendo participar da discussão de todos os assuntos, inclusive da política, pois só assim seria possível arrancar das trevas o sexo frágil (CORIMBO, Rio Grande, 15 jun. 1918, nova fase, n. 110, p. 1-2).

Assim, Julieta de Melo Monteiro constituiu um referencial para as mulheres escritoras, contribuindo para que raiasse um tempo no qual elas, progressivamente, passaram a fazer parte da sociedade civil e literária, com uma autonomia intelectual e humana (MAGALHÃES, 1987, p. 7). Durante tal processo, elas se transformam em produtoras de escrita, trazendo tantas modificações que o próprio conceito de literatura passaria a sofrer algumas mutações (BESSE, 2001, p. 26). Ela teve uma atuação literária marcante e, refletindo sua conjuntura social, suas concepções estéticas e suas vivências privadas, apresentou uma obra carregada de melancolia, traduzindo os tempos de incerteza que viveu. Trabalhou com a poesia, o conto, a crônica, o drama, o jornalismo e a docência e, como editora da *Violeta* e do *Corimbo*, teve um papel fundamental na formação de uma rede de difusão da escritura/leitura feminina. Além disso, desempenhou muito a contento a função de intelectual-jornalista, levando em frente através de seus escritos uma ação militante pela qual levantou diversas bandeiras como o combate à escravidão, à pobreza e ao autoritarismo, constituindo a busca da educação feminina e da emancipação da mulher as pedras de toque de suas lutas. A jovem Julieta Nativa transformou-se na senhora Julieta Monteiro e, por mais de meio século, serviu de inspiração, bem como ganhou respeito e notoriedade na consolidação da escrita feminina sul-rio-grandense, brasileira e até com repercussões no quadro internacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Francisco das Neves. *Violeta: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX*. In: *Miscelânea – Revista de literatura e vida social*, v. 14, p. 125-141, jul. – dez. 2013.
- BESSE, Maria Graciete. *Percursos no feminino*. Lisboa: Ulmeiro, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A influência do jornalismo. In: *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 99-120.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006.
- COELHO, Mariana. *Evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- FISCHER, Antenor. *Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fischerpress, 2014.
- FLORES, Hilda. *Dicionário de mulheres*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.
- FREIRE, Laudelino (org.). *Sonetos brasileiros (século XVII-XX)*. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia., 1913. p. 181.
- MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *O tempo das mulheres: a dimensão temporal na escrita feminina contemporânea*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1987.
- MELO, Revocata Heloísa de & MONTEIRO, Julieta de Melo. *Berilos*. Rio Grande: [ s. n. ], 1911.
- MONTEIRO, Julieta de Melo. *Prelúdios*. Rio de Janeiro: Tipografia Cosmopolita, 1881.
- MONTEIRO, Julieta de Melo. *Oscilantes*. Pelotas: Livraria Universal, 1891.
- MONTEIRO, Julieta de Melo & MELO, Revocata Heloísa de. *Coração de mãe*. Rio Grande: Livraria Rio-Grandense, 1893.
- MONTEIRO, Julieta de Melo. *Alma e coração – livro do passado*. Rio Grande.

Tipografia Trocadero, 1897.

MONTEIRO, Julieta de Melo. *Terra sáfara*. Rio Grande: Livraria Universal, 1928.

MOREIRA, Maria Eunice. Em poesia e prosa: a voz das Senhoras gaúchas do *Almanaque de Lembranças*. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva Editorial, 2014. p. 197-221.

MOURA, Maria Lacerda de. *Renovação*. Belo Horizonte: Tipografia Athene, 1919.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987.

OLIVEIRA, Américo Lopes de & VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1967.

OSÓRIO, Ana de Castro. *A grande aliança (a minha propaganda no Brasil)*. Lisboa: Tipografia Lusitana, 1924.

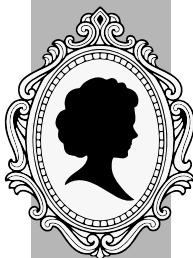
PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.

PÓVOAS, Mauro Nicola. Um português no Rio Grande do Sul: os poemas de Pinto Monteiro em *Clarim*. In: *Cadernos de pesquisa literária*, v. 15, n. 1, p. 29-34, mar. 2009.

SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros aportamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina & ROSEMBERG, Fúlia (orgs.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 121-150.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996.



# CÂNDIDA FORTES BRANDÃO: ENTRE O MAGISTÉRIO E AS LETRAS

MARIA EUNICE MOREIRA \*

Misto de professora, poeta e jornalista, Cândida Fortes Brandão nasceu e viveu em Cachoeira do Sul (RS), onde dedicou a vida a seus ideais: o magistério, a poesia e o jornalismo, no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX. Seu nome ficou esquecido e, salvo pequenas notas em livros e dicionários, dela parece restar uma fotografia, uma palmatória, uma lousa e um exemplar do livro de versos *Fantasia*, guardados com zelo pelo Museu Municipal de Cachoeira do Sul – Patrono Edyr Lima, da sua cidade natal.

Mas, afinal, quem foi Cândida Fortes Brandão? Por que os fatos que se relacionam a sua vida tiveram repercussão nessa pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul? O que fez Cândida para que se prenda que seu nome seja incluído no panteão literário brasileiro?

---

\* Doutora em Letras (Teoria da Literatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora titular da Escola de Humanidades da PUCRS, onde atua como professora em níveis de graduação e pós-graduação.

## 1 – A MENINA TORNA-SE PROFESSORA

Cândida Fortes<sup>1</sup> nasceu em Cachoeira (atual Cachoeira do Sul), cidade localizada na região central do Rio Grande do Sul e berço de personalidades conhecidas na antiga Província rio-grandense: lá também nasceu o político João Neves da Fontoura, ministro do governo de Getúlio Vargas; o escritor Ramiro Fortes de Barcelos que, sob o pseudônimo de Amaro Juvenal, escreveu o poemeto satírico *Antônio Chimango* (1915) contra Borges de Medeiros; os poetas Alarico Ribeiro, autor do livro *Oásis* (1896), e Antônio da Fontoura Xavier, autor de *Opalas* (1884).

A família do pai, Fidêncio Pereira Fortes, era natural do Rio de Janeiro; a mãe, Clarinda de Oliveira Fortes, pertencia a uma família oriunda de Santa Catarina, mas nasceu em Cachoeira do Sul. Cândida nasceu em 23 de abril de 1862, três anos antes da eclosão da Guerra do Paraguai (1865-1870) conflito em que vários cachoeirenses estiveram envolvidos. Proveniente de família católica, a menina foi batizada em 3 de novembro daquele ano, tendo como padrinhos o Reverendíssimo Vigário de Bagé, Cândido Lúcio de Almeida, provavelmente de quem herdou o nome, e Brígida Pereira Fortes, irmã de seu pai.

Quando Cândida ainda não havia completado seis anos de idade, sua mãe morreu, deixando os filhos na orfandade. Clarinda faleceu no parto e a criança, que recebeu o nome da mãe, morreu três dias depois. Mais tarde, em seu livro *Fantasia*, Cândida expressou no poema “A órfã” o sentimento de perda da progenitora:

A Deus pedir-te que privou sem mágoa  
da gota d’água a pequenina flor!  
Pedir-te a Deus que sem me ouvir o pranto  
teu lábio santo congelou na dor! (FORTES, 1897, p. 25)

---

<sup>1</sup> Os dados biográficos de Cândida Fortes foram retirados do estudo realizado por Mirian Ritzel, pesquisadora da história de Cachoeira do Sul, sob o título “Cândida Fortes Brandão – uma vida reconstituída, em historiadecachoeiradosul.blogspot.com.br (mimeo). Agradeço à Mirian que, além de disponibilizar este estudo para consulta, permitindo a utilização dos dados por ela levantados nos arquivos cachoeirenses, frequentemente tem sido por mim solicitada para tirar dúvidas sobre a vida de Cândida Fortes. A ela, meu agradecimento fica registrado nesta simples nota.

Em 3 de outubro de 1877, novo sofrimento atingiria a menina com a morte do pai, por tísica pulmonar. Novamente, Cândida encontraria na poesia o espaço para registrar sua tristeza, como o faz em “A sombra”, em que expõe seu sofrimento:

E quis a sombra maldita  
ainda me escarnecer,  
dando-me a pena infinita  
De sentir meu pai morrer!  
Naquele acerbo momento,  
que mais que nunca eu lamento,  
não turvou-se o pensamento,  
porque Deus me quis valer. (FORTES, 1897, p. 59)

A orfandade e o desencanto tornaram-se uma “triste sombra escura” que ela sempre invoca quando analisa sua existência:

Quando em dias de amargura  
minha existência analiso,  
uma triste sombra escura  
em meu passado diviso.  
Terrível, sempre a fitar-me,  
em sonhos maus a embalar-me,  
não cessa de acompanhar-me  
com seu irônico riso! (FORTES, 1897, p. 57)

Com 15 anos de idade e órfã, a jovem passou à orientação do irmão mais velho, Antônio, que estava com 26 anos. A situação familiar parecia desfrutar de estabilidade financeira, pois Cândida pôde viajar para Porto Alegre para ingressar na antiga Escola Normal de Porto Alegre, posteriormente, Instituto de Educação General Flores da Cunha, com o objetivo de se tornar professora. Como estudante, a jovem passou de três a quatro anos em Porto Alegre dedicada aos estudos. Desse tempo na capital, não há registros, mas a normalista escreveu versos a suas colegas de Internato, ao deixar a escola, como se lê no poema “Despedida”:

Adeus, ó Porto Alegre, adeus! adeus! Não sei  
se mais eu te verei!  
Volto ao gozo dos lares, é verdade,  
mas volto com saudade! (FORTES, 1897, p. 113)

Os versos expressam o afeto de Cândida à cidade de Porto Alegre, onde, segundo consta, ela passou esses anos de estudos sem viajar à sua terra natal. Cândida obteve sua diplomação como professora, o que pode ser atestado pelos documentos constantes do Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul. Em janeiro de 1885, ela foi nomeada professora pública da 1<sup>a</sup>. Cadeira Mista de Cachoeira, iniciando, assim, sua carreira como docente. O documento que designa a nova professora assim registra a nomeação:

Comunico a V.Sa. para os devidos efeitos, que a Pres<sup>a</sup>. da Prov<sup>a</sup>., em data de 28 de janeiro último, segundo a Comunicação da Diretoria Geral da Instrução Pública, de 29 do mesmo, removeu por conveniências do serviço a professora da 1<sup>a</sup>. Cadeira Mista desta Cidade, D. Maria Luiza da S<sup>a</sup>. para a 1<sup>a</sup>. do sexo feminino da Vila de São João Batista de Camaquã, nomeando para efetivamente reger aquela a D. Cândida de Oliveira Fortes. (CM/S/SE/CR-014).

O ato de designação dispunha, ainda, que a recém nomeada professora teria 8 dias, a contar de 29 de janeiro, para tomar posse e assumir o exercício do cargo. Abaixo, a reprodução da assinatura da nova mestra:

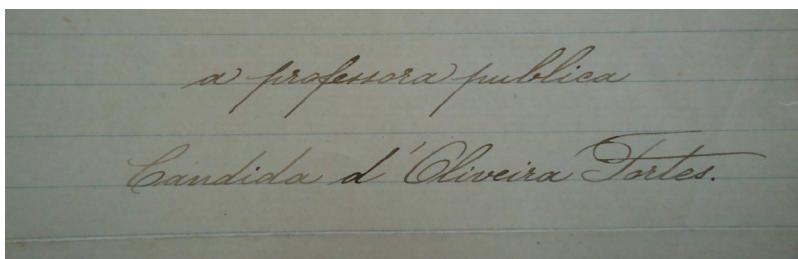


Figura 1 – Assinatura de Cândida d’ Oliveira Fortes como professora pública do Estado Rio Grande do Sul  
– Acervo do Arquivo Histórico do Município de Cachoeira do Sul –

## 2 – A PROFESSORA, A JORNALISTA E SUAS IDEIAS

No magistério, Cândida desempenhou sua profissão com muito afinco e dedicação.<sup>2</sup> Além das aulas regulares, como professora públ-

<sup>2</sup> Há vários documentos que registram a vida funcional de Cândida Fortes Brandão no acervo do

ca, procurava atender outro grupo de alunos, em regime particular, como comprova o anúncio que publicou no *15 de Novembro*. Em 1º. de novembro de 1891, apareceu nesse jornal um anúncio no qual ela se oferecia a dar aulas particulares, nas horas vagas, sobre as matérias do primário ao custo de 4 reis; propunha-se também a lecionar algumas matérias do “superior”, por 5 reis a matéria.

Em 28 de outubro de 1901, um acontecimento especial marcou a vida de Cândida Fortes: seu casamento com Augusto Brandão, professor, promotor público, juiz distrital, advogado e conselheiro em Cachoeira do Sul e, como ela, jornalista de *O Commercio*.<sup>3</sup> O casal Brandão participava ativamente da vida social e cultural de Cachoeira do Sul. Em eventos importantes, eram convidados a se manifestar, individualmente ou em parceria, saudando convidados, proferindo alocuções, enfim, desfrutando de posição de liderança em atividades de organização e programação dos principais acontecimentos da cidade.

Como professora, Cândida fundamentou sua atividade na seriedade com que exercia o magistério. Contudo, na sua trajetória profissional contrabalançava a autoridade com o carinho que dispensava a seus discípulos, por ela considerados como seus filhos. O reconhecimento com que os pupilos a distinguiam pode ser aquilatado pela

Arquivo Histórico do Município de Cachoeira do Sul: correspondência da Câmara comunicando ordem da Diretoria Geral da Instrução Pública de remoção para a 1ª. cadeira do sexo feminino da Vila de São João Batista de Camaquá (3/2/1885 - CM/S/SE/RE-009, fl. 128); comunicação de sua posse como regente da 1ª. cadeira mista do 1º. grau da cidade (12/2/1885 – CM/S/SE/RE-009, fl. 129); inventário de utensílios existentes na referida classe (10/3/1885); solicitação de móveis, utensílios e mais objetos de que carecia a aula pública (29/4/1885 – CM/S/SE/RE-009, f. 140 e 141); solicitação de novos utensílios em razão da insuficiência (2/5/1885); comunicação do fornecedor e ordem de fornecimento dos móveis e utensílios à 1ª. cadeira mista por ela regida (29/5/1885 – CM/S/SE/RE-009, f. 144) e outros pedidos (20/7/1885); reiteração do pedido de materiais, especialmente classes para acomodação do crescente número de alunos da cadeira mista (30/9/1885 – CM/S/SE/RE-009, f. 159); comunicado de remoção para a aula mista do Passo da Ponte (24/10/1885 – CM/S/SE/RE-009, f. 161) e prorrogação do prazo para remoção (16/11/1885, 24/11/1885 – CM/S/SE/RE-009, fl. 166). Reintegrada à primeira cadeira mista, em Cachoeira, Cândida solicitou à Câmara Municipal que mandasse receber os móveis pertencentes à classe por não ter necessidade deles, em ofício datado de 19 de julho de 1889. No dia 22 do mesmo mês, o Juiz de Paz informou à Câmara que a professora Cândida de Oliveira Fortes havia entrado em exercício de seu cargo de professora da 1.a cadeira mista. No dia 27, Cândida oficiou à Câmara solicitando providências em razão de achar-se a classe “desprovida de livros e mais objetos necessários ao ensino”. Em 31 de dezembro de 1889, uma lista de 55 alunos da aula mista do 1º. grau traz entre eles os meninos Possidônio Machado (Marcelo Gama) e Milton da Cruz, futuros expoentes da literatura caxiense.

<sup>3</sup> O título original do jornal caxiense, *O Commercio*, com dois “m”, será mantido neste estudo.

recepção que prepararam para comemorar os 43 anos da mestra, em 1905. A calorosa homenagem preparada por seus alunos à “provecta professora pública” foi comentada em *O Commercio*. Na noite de 23 de abril, Cândida foi surpreendida por “um bando de suas queridas alunas e alunos, que patentearam-lhe, por entre um aluvião de flores, o seu sincero apreço e elevada estima, ofertando-lhe em seguida uma finíssima biscoiteira de cristal”. (*O Commercio*, Cachoeira do Sul, 26 abr. 1905)

Quer individualmente, quer acompanhada de seu marido, Cândida era uma mulher presente na vida cultural de Cachoeira do Sul. Quando a cidade recebeu a visita do escritor Coelho Neto, em 22 de janeiro de 1907, uma comissão de autoridades e figuras representativas da comunidade foi recebê-lo na gare ferroviária. Coelho Neto era um escritor de grande recepção no Brasil, no final do século XIX e início do século XX. Autor de obras para o público adulto e infantil, escritor de poesias, crônicas, contos e romances, desfrutava de posição singular na literatura brasileira. Sócio fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupava a cadeira n. 2. Mais tarde, em 1928, foi eleito o “Príncipe dos Prosadores Brasileiros.<sup>4</sup> Com essas credenciais, Coelho Neto foi recebido e Cândida, em matéria de *O Commercio* convocava a cidade a saudá-lo:

Saudemos pois essa dualidade resplandecente ideal formosura – espírito e coração – que nos vem do berço de Gonçalves Dias, da bela Atenas brasileira, trazendo para a sagrada zona e já refletido por estrangeiras terras, vizinhas e de além mar. (*O Commercio*, Cachoeira do Sul, 23 jan. 1907)

Cândida e Augusto participaram ativamente da recepção ao reconhecido escritor e, na véspera da sua partida, Coelho Neto foi homenageado pelo casal: Augusto ofertou-lhe uma caneta de ouro em estojo de cetim azul para ser usada quando escrevesse sobre Cachoeira; Cândida ofereceu-lhe um cartão em que estava impresso, em letras douradas, o soneto de sua autoria “Vidente”, juntamente com um exemplar de *Fantasia*:

---

<sup>4</sup> lume.ufrgs.br. Acesso em 24 de março de 2020.

Guarda essa *âmbula* ideal, mago liquor sutil  
E, quantos de áureo filtro, estranho, beber vão,  
Trazem todos, vivaz, a mesma irrial visão:

Um país encantado emerge de repente,  
De maravilhas tais, de tão luzida gente  
Que o mundo, pasmo, exclama – É um sonho esse Brasil! (*O Commercio*, Cachoeira do Sul, 23 jan. 1907, p. 1)

No magistério, a docente lutava pela definição da sede para a escola pública. Enquanto o Governo não decidia essas questões, as aulas eram ministradas na própria residência da professora, situada à rua Moron:

Grande número de alunos e as professoras desse instituto de instrução pública, D. Anna Veloso da Silveira, Mariana Porto da Fontoura, Emília Praia de Sá, Margarida Fontoura e Cândida Fortes Brandão, diretora, reuniram-se na residência desta, à rua Moron, onde é a sede do colégio e funciona a terceira classe, e daí, incorporados, empunhando o estandarte do colégio e a bandeira da República, escoltada por praças da guarda municipal, dirigiram-se, às 81/2 horas da noite, para o Coliseu Cachoeirense (...)

Em *O Commercio*, de 24 de março de 1915, encontra-se uma notícia sobre a futura sede da escola, em fase final de construção:

Dentro em pouco estará pronto o edifício oferecido pelo município e que está sendo pelo governo do Estado adaptado para alojamento do grupo e, então, já vencidas as maiores barreiras, começarão a patentear-se os magníficos resultados do que hoje talvez pareça a alguns um mero capricho de governantes com pruridos de inovações dispensáveis. (*O Commercio*, Cachoeira do Sul, 24 mar. 1915, p. 3)

A par sua atividade como professora, Cândida continuava a influenciar e marcar posição na vida cultural de sua terra. Em 1912, obteve reconhecimento nacional, quando o poema “Elegia” foi lido junto à sepultura do Barão do Rio Branco, por ocasião do 30º dia de falecimento dessa figura política. Segundo consta na obra *Cachoeira histórica e informativa*, “esse poema, submetido a concurso, realizado no Rio de Janeiro, entre a fina intelectualidade contemporânea brasileira,

mereceu o primeiro lugar e foi recitado à beira do túmulo do excelso vencedor das Missões, no 30º. dia de seu passamento” (Apud RITZEL, mimeo, PORTELA, 1941, p. 33). Logo depois, foi publicado na forma de volante, provavelmente às expensas da autora. Confirmava-se, assim, sua vocação de poeta que iniciara em 1897 com a publicação de um livro intitulado *Fantasia*.

Pressaga sombra, tética penumbra  
 Essa que ao mundo inteiro em mágoa obumbral!  
 Hora cruel, que a previsão fatal  
 Gravara a fogo n’alma nacional!  
 Hora em que a treva sideral fugia  
 Cedendo o passo à noite da agonia  
 Do ciclópico vulto extraordinário,  
 Que foi de um povo – espírito e sacrário!  
 Vulto animado de ideais tamanhos  
 Quais tão somente os de imortais Paranhos,  
 Que na pureza astral do anseio franco  
 Foram atletas! – Era tal Rio Branco! (*O Commercio*, Cachoeira do Sul, 14 fev. 1912, p. 1)

Em 1916, Cachoeira do Sul recebeu a visita de Olavo Bilac, o consagrado “Príncipe dos Poetas”, que viera ao Rio Grande para uma vista a vários municípios. Bilac era recebido com grandes honras por onde passava. As estações ferroviárias enchiam-se de pessoas para saudar o mais importante poeta brasileiro. Bilac demonstrava grande apreço aos gaúchos e, em especial, aos estudantes rio-grandenses, a quem dirigiu uma mensagem de otimismo, em 11 de outubro, em Porto Alegre: “O presente às vezes entristece-me: já não posso esperar prodígios de coragem e desinteresse da maior parte da gente da minha geração, amadurecida e envelhecida no olvido do civismo. Na vossa terra, não há motivo para que a minha alma se desanime.”<sup>5</sup> (BILAC, 1924, s.p.)

Com a implantação da República, em 1889, o ideário republicano passou a orientar a política nacional. Além do republicanismo, outro ideário começava também a entrar e, especialmente no Rio Grande do Sul, teve grande força. Trata-se do Positivismo, que chegou pelas mãos dos estudantes gaúchos que estudaram Direito em São Paulo,

---

<sup>5</sup> Agradeço ao colega e amigo Antonio Dimas por ter disponibilizado essa obra, integrante do acervo da Biblioteca “Antonio Dimas”.

onde essas ideias já grassavam. Júlio de Castilhos, o futuro governador, difundiu os postulados positivistas no Rio Grande e, mais tarde, promulgou uma Constituição estadual à luz dessa doutrina. O Positivismo teria forte acento na educação dos jovens e Cândida manifestaria sua adesão às novas ideias através de um conjunto de textos intitulados “Cartas à Lúcia”, que passou a publicar em *O Commercio*, entre 1905 e 1906. Junto com o Positivismo entravam também as ideias científicas que formavam o ideário do final do século XIX. Cândida começou a se interessar pelo Espiritismo e, embora não fosse adepta da teoria de Allan Kardec, participava da discussão que se fazia entre os intelectuais.

As contribuições de Cândida à imprensa caxiense estenderam-se regularmente até o dia 8 de setembro de 1915, quando ela publicou um artigo intitulado “A caridade”. Contudo, foi somente em 1º. de janeiro de 1920, que ela definitivamente deixou o jornal, com seu último poema, “Valor de um nada”, já acometida da doença que provocaria sua morte, em 4 de novembro de 1922.

A morte de Cândida repercutiu intensamente e o necrológio publicado no jornal que acolheu seus escritos durante tantos anos dá conta do sentimento de tristeza que se abateu sobre sua cidade natal por ocasião de seu falecimento:

Mortos são os que, sem consolo choramos,  
E que a saudade torna ao nosso olhar presentes;  
Cuja recordação fielmente guardamos,  
Esses, mortos não são, mas apenas ausentes! (*O Commercio*, Caxiense do Sul, 8 nov. 1992, p. 1)

Com a morte de Cândida encerrou-se a vida de uma mulher que se destacava entre as conterrâneas pelos papéis que desempenhou, pelos espaços que ocupou e em especial pela liderança na promoção de crianças e de jovens. Cândida teve uma forte atuação política na comunidade em que viveu e atuou, representada por suas ações. Diferente de outras mulheres, ela saiu à rua para ocupar lugares considerados pouco apropriados para uma mulher, nos tempos em que viveu.

### 3 – A ESCRITORA: DO SUBJETIVO AO POLÍTICO

#### 3.1 – *FANTASIA*

*Fantasia*, seu primeiro e único livro, foi editado pelas Oficinas do *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 1897, provavelmente em setembro desse ano. A obra completa de Cândida abarca textos em poesia e textos em prosa. Ao primeiro grupo, pertencem os poemas escritos sob o pseudônimo Canolifor<sup>6</sup>, enfeixados sob o título “Revérberos”, em *Fantasia* (1897); os poemas avulsos distribuídos por jornais, revistas e almanaque brasileiros; os poemas publicados em Portugal, no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, de Lisboa. Entre os textos em prosa, encontra-se o conjunto constante em *Fantasia*, sob o título “Contos a minhas irmãs”, escrito sob o pseudônimo Marina, as “Cartas à Lúcia”, coleção de textos de caráter educativo, com conselhos e comentários referentes ao universo feminino, publicados em *O Commercio*, entre 1905-1906.

##### 3.1.1 – “REVÉRBEROS”

Enfeixados sob o título de “Revérberos” e escritos sob o pseudônimo Canolifor, formado pelas sílabas iniciais de seu nome de solteira, estão publicados 57 poemas. A primeira leitura desse conjunto denota a tendência heterogênea dos versos, quer no que se refere à sua linha temática, quer no que diz respeito à tendência estética neles presentes. Escritos provavelmente em momentos muito diferentes e motivados por circunstâncias também diferentes, os poemas vêm pontuados “por uma clivagem temática e expressiva que responde, de certa forma, ao

---

<sup>6</sup> Canolifor e Marina são os pseudônimos mencionados em *Fantasia*: o primeiro responde pela primeira parte, correspondente ao livro “Revérberos”; o outro, pela segunda parte, correspondente a “Contos a minhas irmãs”. No entanto, Cândida teria usado também o pseudônimo “Walter” em uma de suas palestras publicadas em *O Commercio*, cujo texto permite reconhecer alguns traços do seu estilo.

momento de transição entre o Romantismo, já desgastado e superado, e a renovação parnasiana” (SCHMIDT, 2000, p. 144), como bem observa Rita Schmidt ao analisar os textos que tratam, em especial, do passado da autora. Por ocasião da morte da mãe e, posteriormente quando faleceu o pai, a jovem expressou a dor desses momentos, revestindo seus versos com o tom da amargura, da dor, do luto.

A permanente sensação de falta pela morte dos progenitores torna-se mais evidente quando se lê o soneto final do livro “Revérberos”. Nele, ela retoma a sensação de vácuo que rege sua vida e, de certa forma, justifica o título de “Revérberos” ao conjunto de poemas mais intimistas que publica em *Fantasia*. Revérberos significa centelhas, clarões, esplendores, lugar em que certamente a poeta deseja que sua mãe, de quem ressentia a presença, se encontre após a morte. Igualmente a denominação ao livro tem referências nesse poema:

Minha mãe  
Desde que orvalhos lá do céu mendigo  
e a doce luz que em teu olhar fechou  
e sobre o seio teu – único abrigo  
da triste – a lousa sepulcral baixou;

dentro em minh'alma deslumbrada sigo,  
no vácuo imenso que essa dor cavou,  
o perenal cair do pranto amigo,  
que um trono de *Revérberos* alçou!

Tal outra vejo, do sofrer a custo,  
A sorte adversa que negou-me um dia  
num mausoléu gravar teu nome augusto;

pois me concede a graça que eu pedia  
de erguer ao menos teu formoso busto  
num pedestal de minha *Fantasia*. (FORTES, 1897, p. 161-162)

Esse universo familiar, destituído das figuras-chave, exercita o lirismo da menina que lamenta essas ausências. Há, nos versos, a manifestação de uma paisagem interior sofrida, criadora de versos de pendor romântico, marcados por uma visão subjetiva. Os sentimentos individuais de dor, sofrimento, perda e angústia, característicos do Romantismo, expressam-se, portanto, nesse tom de amargura e de saudade.

Outros poemas também exalam um tom de tristeza e infortúnio: em “Os dois anjos”, dedicados à amiga Julieta de Miranda, tematiza a morte de uma criança, em que se vale da imagem do galho que se desprende e se arroja ao rio, para representar a morte infantil; em “Catástrofe”, também um soneto, recorre igualmente ao tema da morte infantil. O pai da menina morta, ao se deparar com a filha picada por uma cobra, em pleno estado de loucura atinge a esposa, matando-a com um golpe.

Contudo, mesmo nos versos mais intimistas não há o desejo de evasão ou de fuga da realidade, tão cara aos românticos, mas há um certo comedimento lírico, marcado também pela forma do soneto, pela necessidade da contenção exigida pela metrificação. A preferência pelo soneto, em *Fantasia*, em lugar da liberdade dos versos românticos, de certa forma anuncia a aproximação com a formalidade do parnasianismo, visível em outras construções desse mesmo livro, como, por exemplo, em “Oásis”, poema dedicado ao poeta conterrâneo Alarico Ribeiro:

Céu de lavas intérmino se inflama  
por todo o fulvo areal sem fim aberto...  
convulsionado ao resfolgar de chama  
do pavoroso incêndio do deserto! (FORTES, 1897, p. 153)

Aliás, a preferência pelo soneto é evidente em *Fantasia*. A maioria dos poemas de “Revérberos” privilegia essa forma. Outra característica desse conjunto evidencia que o domínio da estética parnasiana manifesta-se não só no rigor formal, com certo preciosismo na construção poética, como também na opção por uma temática mais descritiva e objetiva. Nesse caso, estão os poemas “O tropeiro” e “Os mineiros” em que a poeta observa os menos favorecidos e os percalços por que passam. Em “O tropeiro”, tematiza o homem do Sul e suas atividades:

Minha tropa  
faço andar, de cachopa  
ao lembrar.  
Gado manso...  
gado xucro...  
Neste lanço,  
Tudo é lucro! (FORTES, 1897, p. 159)

Em “Os mineiros”, poema composto por apenas duas estrofes, está presente um cunho social mais forte, quando ela prenuncia que “esta sorte vai breve mudar”:

Vamos todos ao seio da terra,  
companheiros, a vida buscar.  
Quem das lutas da vida se aterra  
não merece da vida gozar.

Quem das lutas da vida se aterra,  
quando teme indigências do lar?!  
Eia! Avante! Às entranhas da terra,  
Que esta sorte vai breve mudar. (FORTES, 1897, p. 93)

É possível que, aderindo às ideias abolicionistas e republicanas, sentisse maior comprometimento com uma expressão poética mais engajada. Afinal, no Rio Grande do Sul, a geração de intelectuais que a antecedeu, qual seja, aquela dos integrantes da Sociedade Partenon Literário, entidade fundada em Porto Alegre em 1868 e com atuação até 1886 (PÓVOAS, 2017, p. 98), foi abertamente abolicionista e republicana. Cândida certamente conheceu alguns membros dessa Sociedade e compartilhou com eles dos novos ideais assumidos por essa geração progressista. No poema “Abolicionismo”, assume a defesa da nova ideia, dizendo:

Triunfa a grande ideia! Força oculta  
compele a pátria que sorrindo exulta  
na trilha do progresso!  
Ateia-se a faísca em toda a parte  
e cai por terra o torvo baluarte,  
ao povo dando ingresso! (FORTES, 1897, p. 103)

Em “Canto do liberto”, festeja a liberdade dos cativos e propugna a igualdade entre os irmãos da mesma nação brasileira:

Irmãos livres, ergamos a fronte  
para o sol que mais belo ilumina  
e saudemos o vasto horizonte,  
que o Brasil a seus filhos destina.

.....

Que alegrias o pobre não sente,  
que arrastava humilhante grilhão,  
quando escuta soar docemente  
meiga voz a chamar-lhe de irmão!

Eia! todos de fronte radiante  
ao luzir da feliz liberdade,  
levantemos um “viva!” gigante  
aos que lidam em prol da igualdade! (FORTES, 1897, p. 111-112)

À medida que o tempo passa, a poesia de Cândida parece ir assumindo um viés mais político, perceptível em poemas em que ela se refere a figuras da história política brasileira ou a temas candentes do momento. Como os textos publicados em *Fantasia* não trazem menção à data de sua escrita, é possível apenas inferir a que contexto ela se refere. Contudo, ficam mais evidentes seus apelos à justiça, aos ideais de igualdade e fraternidade entre os povos, sua atitude em relação à história que está sendo escrita. Cândida tem consciência de que vive um período de mudanças sociais e seus versos parecem querer provocar no leitor a atenção para esses novos tempos. É inegável que o Rio Grande saiu transformado da guerra civil; com certeza as feridas dessa contenda ainda separavam os rio-grandenses, até mesmo dentro das próprias famílias. Por isso, clamar por sentimentos mais altruístas como justiça ou liberdade pode falar mais alto do que discutir ideias separatistas ou antagônicas. Em “*Sauvage no cárcere*”, ela apela para um sentimento de justiça: Ó, Deus, onde a balança da justiça / e onde o meu valor?! / Ambos quebrados pela vil cobiça! / Que resta-me, Senhor?!” (FORTES, 1897, p. 49)

Numa direção mais política, Cândida escreve um longo poema intitulado “A conferência”, subintitulado “Jefferson e Maia em Nîmes”, em que tematiza o encontro entre o então Embaixador dos Estados Unidos, Thomas Jefferson, e o estudante brasileiro da Universidade de Coimbra, José Joaquim Maia e Barbalho, ocorrido em Nîmes, na França, em maio de 1787. Nesse encontro praticamente secreto, Maia teria solicitado apoio ao país das Américas do Norte para uma revolução em prol da liberdade, no Brasil. Cândida toma esse episódio e, colocando os dois homens, frente a frente, assim expõe a fala do jovem brasileiro:

Quem vos fala, senhor, é filho amante  
da terra de Cabral,  
e o seu país defende, agonizante  
da hidra senhorial. (FORTES, 1897, p. 98)

A pretensão de liberdade é, enfim, exposta de forma clara e o pedido de ajuda para revolução no Brasil, com finalidade de libertar a ex-colônia, aparece nos versos finais:

Já não pode o Brasil por mais um dia,  
senhor, isto sofrer!  
tem ouro, tem soldados, mas um guia  
lhe falta: como haver?...

Estende-vos a mão. No ardor que esposa  
da vossa redenção,  
minha pátria, senhor, esperançosa,  
vos roga proteção. (FORTES, 1897, p. 99)

Retomando o episódio do final do século XVIII e a busca de liberdade brasileira em razão da dependência colonial, Cândida atualiza os fatos para clamar pela liberdade da sua contemporaneidade, em tempos pós-república brasileira e pós-guerra civil rio-grandense, quando a então Província gaúcha definia novos rumos políticos e sociais. Temas sociais como o abolicionismo, a liberdade dos povos, a valorização do trabalho caminhavam lado a lado a outros, de tendência científica, como o evolucionismo, o espiritismo e, no Rio Grande, em especial o positivismo. O governador do Estado, agora o político Júlio Prates de Castilhos, era fervoroso adepto da nova doutrina positivista e imprimia seus ideais da governança dos gaúchos. Cândida, que já se aproximara dessas tendências quando estudante em Porto Alegre, deixava transparecer a nova visão em poemas como os já comentados acima. Sua visão de História, desse modo, não privilegia o passado, como um tempo heroico a ser constantemente reatualizado, mas vem carregado de criticidade e objetividade, como se pode ler em “A História”:

Um dia, fortemente impressionada  
na luta de mil séculos, travada  
nos campos da razão:  
ergueu-se a humanidade e febrilmente  
ousou interrogar a voz nascente  
da flebil tradição. (FORTES, 1897, p. 123)

Na continuidade dos versos, a humanidade percorre a “vastidão dos continentes, os mares”, para encontrar seus “primeiros lares”. O que vê, porém, nessa trajetória, é uma longa ficção, a que se contrapõe o estado atual da questão:

Mas hoje, a ciência bebe alentos  
e surge, tendo novos elementos  
de tudo perscrutar.  
Mas luta com a Bíblia o darwinismo  
abrindo-se à razão um novo abismo  
difícil de sondar...

Agora, mais que nunca impressionada  
nessa luta de séculos, travada  
nos campos da memória,  
alita a humanidade se atavia:  
pretende abrir um luminoso dia  
nos arcanos da História! (FORTES, 1897, p. 125)

Esses versos revelam a mudança do pensamento da autora. Se em suas primeiras realizações poéticas, Cândida manifestava uma subjetividade sofrida e dolorosa, agora, na fase madura, seu pensamento torna-se mais político e ideológico, propugnando uma certa tendência utópica em direção ao socialismo. Sem perder a crença na utopia, mas descartando o ufanismo, os versos de Cândida apostam num mundo em que a humanidade se prepara para “abrir um dia luminoso nos arcanos da História”. (FORTES, 1897, p. 125)

### 3.1.2 – “CONTOS A MINHAS IRMÃS”

Sob esse título e assinados com o pseudônimo de Marina, Cândida reúne, em *Fantasia*, vinte e duas narrativas curtas e de temática variável. À guisa de contos, mas sem compor a estrutura desse tipo de

narrativa, com ausência de personagens em muitos deles e sem conflito, sem alcançarem um desfecho, sem desenvolver uma relação de consequências ou de causa e efeito no que é narrado, esses textos realizam-se como reflexões ou pequenas alegorias. Tomo por referência para caracterizar melhor a composição e o desenvolvimento da narrativa, o texto intitulado “Os beijos”. Nele, uma jovem princesa contempla quatro seres alados, que representam quatro beijos: da mãe, do irmão, do esposo e do filho. Esses seres, num determinando momento, voam para algum lugar e somente voltam, muito tempo depois. No retorno, tendo cada um passado por situações diversas, aparecem à princesa como a Ingratidão, o Egoísmo, a Hipocrisia e o Dever. Só esse último, o único que não se transformara, que sempre foi e é o mesmo, corresponde ao beijo maternal.

Em outro texto, chamado “Confiança conjugal”, o casal Paulo e Camila vive uma aventura que põe à prova seu casamento. Precisando viajar, porque sua mãe está em perigo de vida em Fortaleza, Camila recebe do esposo um cofrezinho onde estão guardados todos os juramentos que os prendem. Diz Paulo que se Camila for romper os laços de confiança, que jogue ao fogo o cofrezinho. De Fortaleza, Paulo recebe um telegrama que anuncia estar Camila morta e o cofre dinamitado. Paulo parte em viagem, desesperado, para buscar o corpo embalsamado da esposa. No derradeiro encontro, porém, constata que a mulher está viva e que fizera uma brincadeira para que tivesse mais juízo no futuro. A fidelidade conjugal, um dos temas do casamento positivista, é tratado nessa narrativa com um certo ar de brincadeira, mas que tem um caráter pedagógico, pois está dedicada “a seus alunos”, isto é, Cândida escreveu para orientar os jovens em suas responsabilidades matrimoniais.

Há outros contos que têm um ar de mistério, como em “Naí”. No Egito, em que reina o valoroso Ramsés III, personagens de um harém vivem seus envolvimentos amorosos, em situações de traição e morte. Em “As borboletas”, a narradora trata de uma história de amor envolta pela superstição da presença de uma borboleta escura que traz maus prenúncios ao casamento. “Não era mãe” é uma história estranha e de certa forma jocosa que se passa na Rússia dos Czares.

Essas pequenas histórias, quase inverossímeis, têm efeitos pedagógicos ou de mera fuga da realidade, predominando em algumas o

tom humorístico, em outras, o alegórico. Redigidas em uma linguagem simples e franca, parece que se destinam a retirar o leitor do mundo de maior complexidade. Por outro lado, poderiam ter sido escritas para distrair seus alunos ou simplesmente constituir mero exercício de imaginação de uma novel escritora, que apresentava seu primeiro livro, *Fantasia*.

### 3.2 – CARTAS À LÚCIA

“Cartas à Lúcia” constitui um conjunto de artigos escritos entre 19 de julho de 1905 e 8 de agosto de 1906, e publicados em *O Comércio*. Cândida já estava com 43 anos, portanto, na fase madura de sua vida e a partir de sua experiência de cerca de 20 anos como professora. Nesse conjunto, a mulher – professora e jornalista – manifesta-se sobre dois temas em particular: a educação moral dos jovens, seguindo o método da filosofia comtiana, e o Espiritismo, nos moldes propostos por Allan Kardec.

No momento em que redige as cartas, o Rio Grande do Sul havia saído de uma dura guerra civil, que se estendera de 1893 a 1895, luta sanguinária e fratricida, em que a degola foi a prática mais usual, por ambos os lados, para sacrificar os inimigos. Legalistas e republicanos, da facção borgista/castilhista, bateram-se contra a facção legalista, de pendor monarquista, que preconizava o federalismo. A índole dualista dos gaúchos que, desde a Revolução Farroupilha separou os rio-grandenses, ressurgia agora sob a denominação de pica-paus, filiados ao novo chefe sulino e recém-empossado presidente da Província, Júlio de Castilhos, e de maragatos, os “estrangeiros”, em virtude da adesão dos platinos e dos alemães, sob o comando de Silveira Martins. A guerra deixou como saldo a polarização política extrema no Rio Grande, a consolidação do sistema político centralizado e a sólida ligação entre o Exército e o Partido Republicano Rio-grandense (PRR). (LOVE, 1975, p. 78-79). Cândida vivenciou esse período em Cachoeira do Sul, cidade atingida pela revolução, pois localizada muito perto do campo de algumas batalhas.

Além disso, a doutrina de Augusto Comte dominava o pensamento da nova geração de políticos rio-grandenses. Essas ideias chegaram ao extremo Sul através da Faculdade de Direito de São Paulo, onde

grassava o pensamento positivista. Júlio de Castilhos estudou Direito em São Paulo e, voltando a seu estado natal, imprimiu a filosofia na nova Constituição estadual. O Positivismo passou a orientar o pensamento de políticos e dirigentes, como também de grande parte da sociedade gaúcha. Júlio de Castilhos governou o Estado, após a revolta civil que dividiu os gaúchos, e escreveu a Constituição estadual à luz da teoria comtiana.

Cândida conheceu essas filosofias quando estudante em Porto Alegre, delas se abeberou e orientou sua práxis pedagógica e sua atuação jornalística à luz desses princípios. Especialmente na família, a mulher assume função preponderante. Na concepção positivista, o núcleo familiar é composto pelos pais dos dois cônjuges, pelo casal e pela prole. É constituída, portanto, por três gerações que representam, respectivamente, o passado, o presente e o futuro. Entre elas, deve vigorar a continuidade e a solidariedade e cabe à mulher, à esposa, preparar “o culto do grande Ser, que ela aí personifica”. Quase como uma sacerdotisa, a mãe presentifica-se no santuário doméstico, materializando, por sua ação, a formação moral dos filhos e amparando o esposo nas suas tarefas. Dedicada ao extremo, a mãe positivista procura responder à pergunta de Clotilde de Vaux: que prazeres podem exceder os da dedicação?

Em uma carta datada de 16 de agosto de 1905, expressa claramente a importância da família na educação intelectual e moral dos jovens. Os dois tipos de educação devem ser ministrados no lar, pelos pais, e apenas na falta desses por esclarecidos educadores, “em estabelecimentos como os célebres ‘jardins de infância’” (*O Commercio*, Cachoeira do Sul, 16 ago. 1905) existentes na Europa e no Rio de Janeiro. A base dessa educação é o exemplo e nela imprimem-se a energia, que deve nortear o espírito da mulher, os castigos, expressos em privações de carinho ou de folguedos, mas nunca o castigo físico. A educação que envolve três aspectos – a educação física, a moral e a intelectual – deve ser exercida em combinação entre pais e escola e, se isso não ocorrer, a mãe pode retirar a criança da escola e assumir ela, própria, a educação dos filhos. O consenso entre família e escola, que sintetiza esse método educacional, encontra-se na carta de 1 de janeiro de 1906, quando Cândida escreve: “Tudo podes conseguir e sem prejuízo para

quem quer que seja, procurando chegar particularmente a um acordo com o professor ou com seu esposo, de modo que seus filhos jamais percebam a menor sombra de discussão e muito menos de azedume.”  
*(O Commercio, Cachoeira do Sul, 1 jan. 1906)*

A atitude de Cândida é crítica em relação aos fundamentos e princípios da doutrina. Ela os submete à observação, comparação e dedução, enfim, procede em relação a esses princípios submetendo-os às leis da cientificidade. Em maio desse ano, quando volta a abordar o assunto em outra matéria, parece já ter mais convicção, pois assim escreve:

Do que sobre a doutrina tenho lido e observado concluo apenas que não é absurda, e é mais lógica do que a católica e mesmo mais de acordo com a moral e rica de consoladoras promessas, dispondo, para mantê-las do poderoso auxílio da fenomenologia.

Interpretando mais fielmente o pensamento de Cristo, despida de mundanos aparatos, como crença, é tão purificadora que ainda não pôde seduzir todos os caracteres, mormente aqueles sobre os quais o clero exerce o seu domínio absorvente;

.....

Haveis de convir, distinto colega, que tudo é, por enquanto, na mal difusa claridade da brumosa madrugada, apesar do meio século de viver que lhe concedeis. *(O Commercio, Cachoeira do Sul, 9 maio 1906)*

Como afirma a historiadora brasileira Mary del Priore, em *Do outro lado*. A história do sobrenatural e do espiritismo, o espiritismo que chegava ao Brasil se apresentava como uma revelação, tal como a que propiciaram Moisés ou Jesus Cristo. Ele não emanava de Deus, mas de espíritos falíveis, necessitando, portanto, da verificação e comprovação das mensagens.(DEL PRIORE, 2014, p. 53) A relação com os mortos, a reencarnação, a crença numa recompensa ao final da jornada levaram o espiritismo a expandir-se pelo Brasil. Do ponto de vista moral e social, a doutrina visava ao “‘progresso individual e social’” (DEL PRIORE, 2014, p. 56) e desejava instaurar nas relações humanas um regime de transparência generalizada que poria fim à hipocrisia e à mentira. Kardec assumiu também uma posição política moderada: colocou-se ao lado da paz, evitando revoluções, violência, tomada de poder pelas armas. As bases da nova doutrina eram claras: as desigualdades sociais deveriam ser aceitas porque necessárias ao progresso dos indivíduos.

Esclarece Mary del Priore os princípios da doutrina:

Hierarquias existiam e deviam ser respeitadas. O direito à propriedade privada era sagrado, assim como ao trabalho. Os que tinham bens, por obrigação moral deviam compartilhá-los. A redistribuição de riqueza ficava por conta da caridade. Só ao final da “grande jornada” os indivíduos se encontrariam iguais em luz. (DEL PRIORE, 2014, p. 56-57)

Fazia sentido, portanto, o espiritismo: não só se coadunava com a educação moral preconizada pelo Positivismo, como prevaleciam nele ideias de paz, não violência, que precisavam ser adotadas num território recém-saído das armas.

Cândida reconhece nos pressupostos da doutrina maior logicidade do que na religião católica e está mais de acordo com a moral e rica de consoladoras promessas. A imortalidade da alma ou a “reencarnação” e a “pluralidade de mundos” (DEL PRIORE, 2014, p. 55), como salienta Mary del Priore, que constituem a base do movimento, são abordados por Cândida, não de forma passiva, mas como motivo de reflexão e experimentação. Ela mesma põe sob suspeita as bases doutrinárias da religião, levantando várias indagações ao colega Artur Soares, jornalista como ela, e adepto fervoroso do cardecismo.

Mãe espiritual dos cachoeirenses - assim foi como a poeta e amiga Júlia Lopes de Almeida se referiu a Cândida Fortes Brandão, quando a saudou em uma cerimônia de homenagem. Talvez Cândida preferisse outro epíteto ou ser associada a outra frase: aquela ligada à máxima comtiana – *destinadas a formar homens, as mulheres devem ser, como todos os autores, julgadas pelas suas obras.* (COMTE, 1978, s. p.)

Em tempos de feminismo, em tempos de discussão sobre o lugar da mulher, do seu empoderamento e de sua palavra, certamente essa professora de uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul mostrou que, mesmo “trancada nesse espaço limitado”, foi capaz de se fazer ouvir e expressar seu pensamento. Poderiam ser dela as palavras proferidas por Virginia Woolf, quase duas décadas depois, não no interior do Rio Grande, mas na Inglaterra pós-sufragista:

Ah! mas eles não podem comprar a literatura também. A literatura é franqueada a todos. Recuso-me a permitir que você, por mais bedel que seja, me mande sair do gramado, tranque suas bibliotecas, se quiser, mas não há portão, nem fechadura, nem trinco que você consiga colocar na liberdade da minha mente.<sup>7</sup>



Lousa e palmatória de Cândida Fortes Brandão

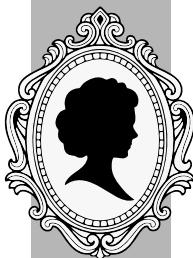
Figura 2 – Retrato de Cândida Fortes Brandão, lousa e palmatória  
– Acervo Museu Municipal de Cachoeira do Sul – Patrono Edyr Lima

<sup>7</sup> WOOLF, Virginia: <https://www.passeidireto.com/arquivo/5911853/um-teto-todo-seu---virginia-woolf/> [20 de janeiro de 2017].

## REFERÊNCIAS

- BILAC, Olavo. Aos estudantes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 11 de outubro de 1916. In: BILAC, Olavo. *Últimas conferências e discursos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1924.
- BRANDÃO, Cândida Fortes. *O Commercio*, Cachoeira do Sul, 16 ago. 1905.
- BRANDÃO, Cândida Fortes. *O Commercio*, Cachoeira do Sul, 01 abr. 1906.
- Cartas / Júlio de Castilhos*; edição comemorativa dos 90 anos de criação do Museu Júlio de Castilhos. Porto Alegre: IEL; AGE, 1993.
- COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).
- DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado. A história do sobrenatural e do espiritismo*. São Paulo: Planeta, 2014.
- FONTOURA, João Neves da. *Rio Grande*, Cachoeira do Sul, 18 mar. 1906.
- FONTOURA, João Neves da. *Rio Grande*, Cachoeira do Sul, 01 abr. 1906.
- FONTOURA, João Neves da. *Memórias. Borges de Medeiros e seu tempo*. Porto Alegre: Globo, 1969. v. 1.
- FORTES, Cândida de Oliveira. *Fantasia*. Porto Alegre: Oficinas do *Correio do Povo*, 1897.
- LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- PORTELA, Vitorino; CARVALHO, Manoel. *Cachoeira histórica e informativa*. Cachoeira do Sul: Tipografia Portela, 1941.
- PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Buqui, 2017.
- RITZEL, Mirian R. M. *Cândida Fortes Brandão – uma vida reconstituída pela obra*. [mimeo].
- SCHMIDT, Rita T. In: MUZART, Zahidé L. (Org.). *Escrivtoras brasileiras do século XIX*. Mulheres, 2000. p. 144.
- WOOLF, Virginia:<https://www.passeidireto.com/arquivo/5911853/um-teto-todo-seu---virginia-woolf/20>. [5 de janeiro de 2017].





# UM QUEBRA-CABEÇA PARCIALMENTE RECONSTITUÍDO: A VIDA E A OBRA DE TERCÍLIA NUNES LOBO

MAURO NICOLA PÓVOAS\*

Dedicado a meu tio-avô Décio, pesquisador apaixonado.

Uma poetisa de vida e obra difíceis de serem recompostas, nos dias atuais. Eis o resumo da tentativa de biografar Tercília Nunes Lobo, autora de produção pequena e com poucos dados recuperáveis, mais de cem anos depois de sua morte. Neste texto, mesclam-se a análise de seus poemas e a verificação das parcias informações pesquisadas em livros, artigos, jornais e documentos.

Natural de Rio Grande, viveu e morreu na cidade portuária situada no Sul do Rio Grande do Sul, e que na segunda metade do século XIX tinha grande atividade jornalística. Isso talvez explique o fato de

\* Doutor em Letras (Teoria da Literatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor associado do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), onde atua como professor de Literatura na graduação e na pós-graduação.

Tercília nunca ter publicado um livro, sendo a sua obra encontrada somente em periódicos circunscritos a Rio Grande e Pelotas, município vizinho, exceto um poema editado em Santa Catarina, em 1889, e as composições no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro<sup>1</sup>, de Lisboa, em 1889 e 1890, o canto de cisne de sua atividade literária. Pode-se conjecturar que a publicação internacional foi a culminância de uma carreira poética a que ela se dedicava de modo bissexto, tanto que os periódicos muitas vezes reproduziam os seus poucos poemas.

Nasceu Tercília Silva, em 11 de janeiro de 1854, filha dos portugueses Joaquim Nunes da Silva (falecido em 1873) e Florisbela Joaquina de Lima (nascida em 1838), tendo como irmã mais nova Florisbela Nunes Almeida (nascida em 1857)<sup>2</sup>. Foi batizada em 3 de maio de 1854. Com menos de vinte anos, no dia 8 de fevereiro de 1873, casou-se em primeiras núpcias com Rafael Blanco (nascido em 1850), procedente da Espanha. Assume o nome Tercília Nunes Blanco, deixando de lado o Silva, fato que se constata depois, quando assina seus poemas. Teve uma filha com Rafael, Amélia Blanco, batizada em 18 de janeiro de 1876. Para além dessas informações, nada mais encontrado sobre Rafael ou Amélia.

Uma hipótese é que Tercília tenha ficado viúva de Rafael, pois dez anos depois contraiu segundas núpcias, no dia 29 de novembro de 1883, com Eduardo da Costa Pinto Lobo (1857-1912), português radicado no Rio Grande do Sul que ocasionalmente se dedicou à poesia<sup>3</sup>. Em novembro de 1885, ela lamenta a perda de seu filho Mário, em poema com que retorna às publicações, após interregno de quase dois anos, o que permite pensar que, após se casar, ficou grávida, perdendo

1 Deve-se anotar que o almanaque lisboeta trazia muitas contribuições de escritores brasileiros, sendo a colaboração de gaúchos “numerosa e expressiva”, desde 1857, “crescendo nos anos seguintes e desaparecendo a partir de 1919, com uma única exceção em 1932” (CHAVES, 2014, p. 47).

2 Muitas vezes, só foi possível detectar a data de nascimento ou de morte dos familiares de Tercília Nunes Lobo, por isso as lacunas apresentadas. As informações biográficas são retiradas de duas fontes: da certidão de óbito de Tercília, assentada no Cartório Borghetti, de Rio Grande, sob a matrícula 100206 01 55 1917 4 00048 022 0001290 19, Livro: C-48 – Folha: 22v – Termo: 1290, e da FamilySearch, página eletrônica mantida por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e que contém registros históricos de nascimento, casamento e falecimento. Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

3 No texto “Escavando fontes primárias sul-rio-grandenses do século XIX: o casal de poetas Tercília Nunes Lobo e Eduardo Lobo”, publicado nos *Cadernos Literários* (v. 27, n. 1, jan./jun. 2019), periódico editado pela FURG, lanço um olhar sobre a pequena produção poética de Eduardo Lobo.

a criança logo a seguir. O quinto filho de Tercília e Eduardo chamou-se Mário, em uma provável homenagem ao primeiro Mário, falecido precocemente.

Dona de um “privilegiado intelecto”, atuou como poetisa e professora particular, muito “procurada e acatada” (NEVES, 1989, p. 180). Seus primeiros poemas são assinados somente como Tercília Nunes, confirmando a preferência de um sobrenome (Nunes) em relação ao outro (Silva). Dedica-se à literatura, pelo menos publicamente, em um espaço de oito anos, entre 1882 e 1890, quando foi encontrado o seu último poema inédito, ou seja, começa com vinte e oito anos, interrompendo a atividade com trinta e seis. É crível que o abandono da vida literária tenha se dado por causa do casamento e da absorção decorrente das atividades reservadas às mulheres na época – os cuidados com o lar, as sucessivas gravidezes, os partos e a criação dos filhos, que foram em número de seis, no segundo casamento: Alcira Lobo Gonçalves (1886), Laura Lobo Ferreira (1888), Eduardo Lobo Júnior (1889), Ernesto Lobo (1891-1921), Mário Lobo (1895) e Marina Lobo Tamega (1896-1981). Alcira foi casada com José Manuel Gonçalves; Laura, com Normélio Ferreira; Ernesto, com Mercedes Saraiva Mascaranas; e Marina, com Armando de Oliveira Tamega.

Tercília Nunes Lobo, naquele momento viúva, morreu às 9h do dia 8 de dezembro de 1917, um sábado, aos 63 anos, de complicações decorrentes de um câncer na bexiga, conforme atestado pelo Dr. Pedro Bertoni, sendo declarante do falecimento o seu filho Eduardo Lobo Júnior, na mesma data da morte. Não deixou testamento. Morava na Rua Uruguaiana, 163, atualmente Av. Silva Paes, no centro de Rio Grande, sendo enterrada no Cemitério Católico da cidade.

A sua morte teve alguma repercussão na imprensa rio-grandina, que contava com três jornais diários: *Rio Grande*, *O Tempo* e *Eco do Sul*. Neste último, nada consta. No *Rio Grande*, há uma pequena notícia sobre o enterro e uma nota da família. No dia 10 de dezembro de 1917, segunda-feira, na coluna “Vida social”, que dá conta de aniversários e outras efemérides, aparece a seguinte nota: “Esteve muito concorrido o enterro da Exma. Sra. D. Tercília Nunes Lobo, efetuado sábado, à tarde. O féretro ia coberto com muitas coroas com expressivas dedicatórias” (*Rio Grande*, 10 dez. 1917, p. 3).

Já em anúncio que se repete em dois dias, 13 e 14 de dezembro de 1917, quinta-feira e sexta-feira, a família agradece a todos que se dedicaram aos últimos momentos da poetisa, assim como aqueles que manifestaram pêsames pelo passamento:

#### **Agradecimento**

Eduardo Lobo Júnior, Ernesto Lobo, Mário Lobo, Marina Lobo, Alcira Lobo Gonçalves, Laura Lobo Ferreira, José Manuel Gonçalves, Normélia Ferreira, filhos, genros e netos, ainda assoberbados pelo rude golpe que vêm de sofrer com o desaparecimento subjetivo da sua idolatrada mãe, sogra e avó

#### **Tercília Nunes Lobo**

vêm, por meio deste, agradecer penhorados as provas de amizade e carinho de que foram alvo, na triste emergência, por parte de amigos dedicados e afeiçoados que se interessaram sempre e lhes prestaram serviços que jamais esquecerão.

Ao ilustre clínico Exmo. Sr. Dr. Pedro Bertoni, médico assistente, que desveladamente e com a competência que lhe é reconhecida, empregou todos os recursos da ciência para salvar aquele ente tão caro, ainda que os seus esforços fossem infrutíferos devido à gravidade da moléstia, atendendo-a sempre com o máximo carinho, cercando-a de todas as atenções, confessam-se sumamente gratos.

Estendem este agradecimento aos amigos e pessoas das suas relações que compareceram ao enterro e às que enviaram coroas, buquês e flores para o féretro.

A todos enfim que por qualquer modo manifestaram os seus sentimentos de pesar nesse amargurado transe, o seu reconhecimento será imperecível. (*Rio Grande*, 13 e 14 dez. 1917, p. 3)

Em *O Tempo*, apenas uma nota na segunda-feira, 10 de dezembro de 1917, que apesar das poucas informações, produz uma dúvida em relação à idade de Tercília, pois grafia 66 anos:

Registro civil – Morreram: Itamar, 3 meses, branco, filho de Galdino Furtado; Guihermina Peres, 38 anos, branca, deste Estado, casada; Joaquina Mursa de Miranda, 87 anos, branca, viúva, deste Estado; Francelina Isabel Andrade, 63 anos, solteira, deste Estado; *Tercília Nunes Lobo, 66 anos, branca, deste Estado, viúva*; Ida Otto, 51 anos, viúva, russa; Luís Gonçalves de Assumpção, 38 anos, branco, solteiro, deste Estado. (*O Tempo*, 10 dez. 1917, p. 2, grifos meus)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> No site FamilySearch, há a reprodução da certidão de batismo de Tercília, datada de 3 de maio

Ainda o *Corimbo*, revista em que Tercília contribuiu com três sonetos, traz um texto digno de registro, no dia 15 de dezembro de 1917, em que se comenta a morte da senhora, na seção “Resenha de notas – Pêsames”:

Os sentimentos do *Corimbo* estendem-se ainda à digna família da inspirada poetisa Exma. Sra. D. Tercília Nunes Lobo, que há pouco deixou de existir, tendo cerrado os olhos para sempre, nesta cidade que lhe foi berço e que lhe escutou com satisfação os acordes da lira quase sempre soluçante.

Paz à inditosa sonhadora. (*Corimbo*, 15 dez. 1917, p. 3)

A notícia fúnebre permite elaborar um ponto de inflexão para se pensar sobre Tercília Nunes Lobo, a “inditosa sonhadora” possuidora de uma “lira quase sempre soluçante” – os trechos misturam aspectos pessoais da poetisa com seus temas literários. Não se pode esquecer que a sua vida foi marcada por ter provavelmente enviado duas vezes e pela morte de seu filho Mário, ainda bebê. Não seria absurdo, então, estabelecer elos entre a realidade e as páginas líricas dispersas em jornais, as quais delimitam uma espécie de autobiografia poética.

A citação a seu nome, afora essas notas de falecimento nos periódicos, restringe-se aos livros de Alzira de Freitas Tacques e Décio Vignoli das Neves e aos trabalhos acadêmicos de Jacqueline Rosa da Cunha, Alberto Lopes de Melo, Cecil Jeanine Albert Zinani e Guilherme Barp<sup>5</sup>.

Alzira de Freitas Tacques, no quarto dos cinco volumes de *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros: antologia de escritores brasileiros e*

de 1854. No documento, consta que o seu nascimento se deu no dia 11 de janeiro de 1854. Décio Vignoli das Neves aponta que ela nasceu em 1852, tendo, portanto, 65 anos em 1917. A se levar em conta a informação de *O Tempo*, teria nascido em 1853. Já a certidão de óbito mostra que morreu aos 60 anos, ou seja, teria nascido em 1857. Frente a tantas discrepâncias, fica-se com a informação da certidão de batismo, que é clara na data disposta.

5 Em minhas pesquisas sobre Tercília, apresentei comunicações e palestras cujo tema foi a escritora rio-grandina: “Escavando fontes primárias sul-rio-grandenses do século XIX: o casal de poetas Tercília Nunes Lobo e Eduardo Lobo”, comunicação no XIII Seminário Internacional de História da Literatura, em 2019, na PUCRS (Porto Alegre); “Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses”, palestra no III Seminário Cultura e Identidades do Rio Grande, em 2018, na Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande); e “Primeiros passos de uma pesquisa biográfico-literária: escritoras sul-rio-grandenses do século XIX e fontes primárias”, comunicação no VI Colóquio da Pós-Graduação em Letras, em 2017, na UNESP (Assis/SP).

estrangeiros, anota sobre a autora em tela:

**Tercília Nunes Lobo**

Natural da cidade do Rio Grande, e lá radicada como professora particular, Tercília Nunes Lobo cintila como um astro, na constelação radiosa da Poesia, elevando e glorificando o seu torrão natal.

Não sei de nenhum livro publicado, de sua autoria, mas tem espalhado ela, a mancheias, as joias do seu estro, pelas colunas dos jornais do Estado e do Interior.

“A coruja”, de sua lavra, dá bem uma ideia do valor e brilho da inspiração de Tercília Nunes Lobo: [segue reprodução do poema] (TACQUES, 1958, p. 2.603-2.604)

Décio Vignoli das Neves, no terceiro volume de *Vultos do Rio Grande*, recorre ao livro de Alzira Tacques para dar informações sobre a poetisa. Aponta, com erro, as datas de nascimento e de falecimento, sublinha as colaborações dela no *Corimbo* e no *Eco Lusitano* e reproduz dois poemas, “Ímã” e “Saudade”; esse último, na verdade, trata-se de “À prematura morte do meu inocente Mário”. Ao final, comenta: “Como inspirada poetisa, foi autora de uma enormidade de poesias – notadamente sonetos – que se fossem editados dariam alentadíssimo volume” (NEVES, 1989, p. 181).

Alberto Lopes de Melo apresentou o trabalho “Literatura e política: a poesia do periódico pelotense *O Farrapo* (1889)”, na II Mostra de Produção Universitária (MPU) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no ano de 2003, procedendo à análise dos poemas “Viver longe de ti”, de Tercília, e “*Terribilis umbra*”, de Afonso Celso<sup>6</sup>.

A dissertação de Mestrado de Jaqueline da Rosa Cunha, *Arauto das Letras* (1882-1883): uma amostra da expressão literária da região Sul rio-grandense (2004), traz uma visada sobre a prosa e a poesia do jornal rio-grandino, onde Tercília publicou seus quatro primeiros poemas.

Cecil Jeanine Albert Zinani, no artigo “Escritoras gaúchas presentes no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*”, enfeixado no livro *Mulheres gaúchas na imprensa do século XIX: Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, por ela organizado em 2018, faz pequena alusão a Tercília Nunes Lobo. Registra a ausência de dados sobre a autora em

---

<sup>6</sup> Esta informação encontra-se em MELO, 2006, p. 9.

dicionários e histórias da literatura e comenta rapidamente os dois poemas publicados no *Almanaque de Lembranças*, acentuando, em especial, a qualidade literária de “Dor oculta”, tendo em vista a análise de suas rimas, aliterações e metáforas.

Por fim, Guilherme Barp e Cecil Jeanine Albert Zinani, em “Reiluminando a arte literária de Tercília Nunes Lobo: um estudo de sua contribuição no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*”, no periódico *Letras em Revista*, de 2019, apresentam o trabalho mais abrangente sobre a autora até o momento. O artigo discute o Romantismo e o Parnasianismo na literatura sul-rio-grandense, busca informações sobre a vida e a obra de Tercília e centra a análise nos poemas do anuário português, a partir das relações intertextuais com outros autores, em especial Raimundo Correia (“Dor oculta”/“Mal secreto”), e da análise do simbolismo da coruja na cultura ocidental, concluindo, entre outros itens, pela ausência da temática regional na obra de Tercília.

Em comum, Tacques e Neves aludem ao fato de que a autora deixou um grande número de produções espalhadas em periódicos, o que não se confirmou na busca efetuada, pois a lista de poemas de Tercília encontrados até o momento compõe-se de apenas doze títulos, a seguir dispostos em ordem cronológica:

1. “Vozes do coração”, *Arauto das Letras*, Rio Grande, 5 nov. 1882, ano 1, n. 13, p. 3;
2. “À memória de meu pai”, *Arauto das Letras*, Rio Grande, 10 dez. 1882, ano 1, n. 18, p. 2;
3. “Visão funesta”, *Arauto das Letras*, Rio Grande, 18 mar. 1883, ano 2, n. 11, p. 1-2;
4. “Julieta dos Santos”, *Arauto das Letras*, Rio Grande, 22 abr. 1883, ano 2, n. 14, p. 2;
5. “1º de dezembro de 1640”, *Eco Lusitano*. Comemoração do 243º aniversário da gloriosa restauração de Portugal em 1640. Rio Grande, 1º dez. 1883, número único, p. 3;
6. “1640”, *Eco Lusitano*. Comemoração do 243º aniversário da gloriosa restauração de Portugal em 1640. Rio Grande, 1º dez. 1883, número único, p. 4;
7. “À prematura morte do meu inocente Mário”, *Corimbo*, Rio

- Grande, nov. 1885, ano 1, n. 6, p. 8. Apareceu também em: *A Ventarola*, Pelotas, 27 out. 1889, ano 3, n. 135, p. 3; *Almanaque Popular Brasileiro*, Pelotas, 1896, ano 3, p. 184, com o título “Saudade: no passamento de meu filho Mário”; e *Vultos do Rio Grande*, v. 3, de Décio Vignoli das Neves, p. 181, com o título “Saudade” e algumas alterações nos versos. É o poema mais difundido dela;
8. “Ímá”, *Corimbo*, Rio Grande, mar. 1886, ano 1, n. 10, p. 8. Apareceu também em: *Vultos do Rio Grande*, v. 3, de Décio Vignoli das Neves, p. 180-181;
  9. “À memória da ilustre escritora Revocata de Figueiroa e Melo”, *Corimbo*, Rio Grande, ago./set. 1887, ano 3, n. 25/26, p. 5;
  10. “Viver longe de ti”, *O Farrapo*, Pelotas, 2 jun. 1889, ano 1, n. 5, p. 4. Apareceu também em: *Crepúsculo – Gazeta literária, Desterro* (atual Florianópolis), 8 jul. 1889, ano 3, n. 28, p. 3;
  11. “Dor oculta”, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, Lisboa, 1889 – Suplemento, ano 39, p. 168;
  12. “A coruja”, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, Lisboa, 1890, ano 40, p. 158. Apareceu também em: *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*, v. 4, de Alzira de Freitas Tacques, p. 2.603-2.604.

Alguns aspectos devem ser anotados: a) ao passo que os seis primeiros poemas são assinados como Tercília Nunes, os seis últimos são subscritos como Tercília Nunes Lobo; b) enquanto as quatro primeiras composições, publicadas no *Arauto das Letras* quando ainda era solteira, são formalmente mais longas no número de estrofes, as outras oito são sonetos; c) a poetisa tinha uma relação estreita com a sua cidade natal, pois, dos doze poemas, somente em “À memória da ilustre escritora Revocata de Figueiroa e Melo” e nos dois divulgados no *Almanaque de Lembranças* não consta a identificação “Rio Grande”, ao final; era comum, igualmente, a marcação, junto ao nome da cidade, do mês e/ou do ano da escrita.

De sua produção, em que se destaca a preferência pelo soneto, observa-se um certo teor autobiográfico, um tom encomiástico, o gosto pelos temas melancólicos e o lirismo amoroso. Esses elementos formais

e de conteúdo serão estudados na sequência.

Os poemas de circunstância, bastante comuns em qualquer periódico do século XIX, marcam a produção de Tercília. Neste quesito, podem ser apontados “Vozes do coração”, “À memória de meu pai”, “Julieta dos Santos”, “À prematura morte do meu inocente Mário” e “À memória da ilustre escritora Revocata de Figueiroa e Melo”; alguns desses poemas possuem um caráter mais particular, trazendo à tona a mãe, o pai e o filho da autora, outros caracterizam figuras públicas da época.

“Vozes do coração”, oferecido “à minha mãe”, e “À memória de meu pai”, com o subtítulo “saudade”, remetem à família da poetisa e apresentam uma estruturação formal mais extensa em relação à maioria das produções da poetisa, respectivamente com seis quartetos (em versos de nove sílabas) e oito quartetos (em versos de dez sílabas), como se a homenagem e a rememoração de pessoas próximas levasssem à necessidade da elaboração do sentimento em um número maior de versos.

A condição materna é exaltada, em versos como “Não existe ventura mais santa / Do que ter neste mundo uma Mãe” e “Não há nada mais doce na terra – / Que o chamar-se uma Mãe com doçura”. O eu-lírico ainda se desculpa pela “rude e singela canção”, que embora “sem flores, sem brilho, e sem arte”, tem a sinceridade como característica, pois são “vozes do meu coração”, ecoando o título. O pai, por sua vez, naquele momento já falecido, é lembrado a partir de um exercício memorialístico, em que são evocadas a saudade e a dor da perda, ainda não sanada: “Há muito tempo já que a mão da morte / Me roubou de meu pai o terno amor”.

Poema distribuído em cinco sextetos, com versos decassílabos e hexassílabos, “Julieta dos Santos” está inserido em uma edição do *Anau-to das Letras* toda dedicada à atriz infantil referenciada no título do poema. O volume estampa vários textos que homenageiam Julieta, entre os quais o poema de Tercília, que faz o contraponto entre o diminuto tamanho da jovem artista e a grandeza de seu talento: “Quem é que ao ver-te assim tão pequenina / Calcula a força com que tu dominas / A imensa multidão?”<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Francisca Julieta dos Santos nasceu em 22 de janeiro de 1873, em Alegrete/RS. Entre 1882 e 1885, atravessou o país de Norte a Sul, primeiro com a companhia de teatro de Francisco Moreira de Vasconcelos, depois sob a direção do próprio pai, Irineu dos Santos, em espetáculos teatrais que

Já o soneto “À memória da ilustre escritora Revocata de Figueiroa e Melo” exalta a mãe das irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro (a sua “prole inconsolável”), editoras e redatoras do *Corimbo*, periódico em que o poema saiu. Revocata de Figueiroa era sempre lembrada pelas filhas nas páginas da revista rio-grandina, em especial no aniversário de sua morte, ocorrida em 14 de setembro de 1882.

O poema de Tercília Nunes Lobo, publicado em uma edição de agosto/setembro de 1887, participa da tentativa de manutenção, na memória coletiva, da escritora há cinco anos falecida. Reforçando a inevitabilidade da morte e o pranto da família, a figura de Revocata de Figueiroa é revestida de vários adjetivos, como “inspirada”, “memorável” e “dulcíssima”, embora a morte, infatigável ceifadora da raça humana, causadora de dor e luto, também seja qualificada de maneira respeitosa:

A morte, erguendo a destra soberana,  
E abrindo as negras asas, sem piedade,  
Fez entrar nos umbrais da eternidade  
A inspirada cantora americana!...

Ao pé da regelada sepultura,  
Onde jaz a escritora memorável,  
Pranteia a sua prole inconsolável –  
Coberta de terrível amargura!...

“À prematura morte do meu inocente Mário” revela-se outro poema de circunstância, mas Tercília, em um subgênero geralmente afeito a homenagens leves e divertidas, segue o caminho das lembranças dolorosas, como em “À memória da ilustre escritora Revocata de Figueiroa e Melo”. O soneto para Mário reveste-se de um caráter melancólico, em que a poetisa-mãe lamenta a morte de seu filho<sup>8</sup>:

---

deram grande prestígio à atriz mirim. Entre fevereiro e junho de 1883, Julieta dos Santos, com a companhia teatral de Vasconcelos, esteve em Rio Grande e Pelotas, estreando em solo gaúcho na primeira cidade, no Teatro 7 de Setembro, em 19 de fevereiro de 1883, com o drama *Georgeta, a cega* e a comédia *Amor por anexins*, o que explica o número especial do *Arauto das Letras*, de abril de 1883, organizado sob o impacto das apresentações da pequena artista, que por onde passava, no Brasil, ganhava homenagens, poemas e edições comemorativas de jornais e revistas (cf. GERALDES, 2018, p. 178-195).

<sup>8</sup> No “Expediente” da revista, Revocata Heloísa de Melo saúda a composição, aludindo ao caráter melancólico da poetisa, item que volta à tona quando da notícia da morte de Tercília, dada pelo

Na brisa silenciosa que perpassa,  
 No entreabrir das pétalas da rosa;  
 No arrulhar da pomba carinhosa,  
 No brando esvoaçar da nívea garça;

Na linda borboleta que esvoaça,  
 No perfume da flor fresca e viçosa;  
 Na nuvem branca, azul e vaporosa,  
 Que, no espaço infinito alegre passa;

No formoso clarão da lua pálida,  
 Na frágil e poética crisálida,  
 No brando ciciar da leda aragem;

Em tudo enfim que neste mundo existe,  
 Eu, lacrimosa, solitária e triste,  
 Diviso, oh! meu filhinho, a tua imagem!...

No conjunto das estrofes, há a alusão a aspectos da natureza: a brisa, a nuvem, a lua e a aragem; flores como a rosa; animais como a pomba, a garça, a borboleta e a crisálida (estado intermediário da borboleta, entre a fase larvar e a adulta). Em geral, relacionam-se imagens delicadas a esses elementos, como a suavidade da brisa, o frescor das flores ou a fragilidade da crisálida, nas quais é entrevista a imagem do filho ausente. Uma série de adjetivos positivos dos fenômenos naturais é listada (“carinhosa”, “nívea”, “linda”, “viçosa”, “alegre”, “poética”), em contraposição àquele ponto de inflexão antes citado para designar o sujeito poético: “lacrimosa, solitária e triste”. O mundo, em seu estado natural, por sua idealidade e essencialidade, até seria suportável caso não existisse a dor proveniente da finitude humana.

Ainda dentro da questão encomiástica, sobressaem-se três poemas de tom elogioso a Portugal, seja na recuperação de um acontecimento histórico, em “1º de dezembro de 1640” e “1640”, seja na fuga tipicamente romântica, em que o deslocamento para outro local é desejado a fim de escapar da realidade que se apresenta opaca, em “Íma”. No eva-

---

*Corimbo*, como já visto: “Pela primeira vez embeleza hoje a nossa *Revista* um inspirado soneto da lavra da inteligente e merencória poetisa Exma. Sra. D. Tercília N. Lobo. Agradecemos o mimo que nos dispensou” (*Corimbo*, nov. 1885, p. 3).

sionismo pelo tempo e pelo espaço, Tercília elabora “Canções do exílio” às avessas, em que Portugal se afigura como a terra perfeita, dos sonhos.

O 1º de dezembro de 1640, ou a Restauração da Independência, foi o levante que tornou Portugal uma nação independente outra vez, a partir do movimento de um grupo de portugueses descontentes com a situação do país, desde 1580 anexado à Espanha; um tratado de paz definitivo entre os dois países, porém, só foi assinado vinte e oito anos depois, em 1668. Os dois sonetos decassilábicos do jornal *Eco Lusitano*, editado em número único em “Comemoração do 243º aniversário da gloriosa restauração de Portugal em 1640”, relembram a revolta que separou os reinos de Espanha e Portugal, na toada laudatória que marca esse tipo de produção, com palavras que giram em torno dos campos semânticos da bravura e do nacionalismo: “altivez”, “alipotente”, “valente”, “heroísmo”, “patriotismo”, “guerreiro”, “fidalguia”, “liberdade”. A primeira estrofe de “1640” exemplifica as características dos dois poemas:

Hosana Portugal! festeja ufano  
O dia em que te ergueste sobranceiro,  
Arrojando os grilhões do cativeiro –  
Sobre as faces do povo castelhano!...

O apreço a Portugal retorna em “Íma”, três anos depois, já com o nome de casada. O país europeu, terra de “heróis e gênios”, é evocado por meio de figuras e temas típicos, como o Rio Tejo, o poeta Camões, as belezas naturais (os prados, as auroras, os crepúsculos), o rouxinol. Se porventura o mundo em que o sujeito poético vive revela-se triste e desolador, o outro espaço e o outro tempo sempre serão melhores, descortinando uma possibilidade de evasão da realidade:

Não sei que força magnética, ingente –  
Prende minh’alma às lusitanas plagas!  
Que o pensamento meu transpondo as vagas  
Vai no Tejo vagar languidamente.

Uma outra ordem de composições caracteriza-se por uma sensibilidade poética regida pelo luto e pela melancolia, em “Visão funesta”, “Dor oculta” e “A coruja”. Os três poemas carregam consigo uma afini-

dade temática com o existencialismo pessimista e agônico do português Antero de Quental, em, por exemplo, “O palácio da ventura”, “*Mors-amor*” e “Tormento do ideal”, enfeixados em *Sonetos completos*, de 1886, relação possível de ser estabelecida até pela relação de proximidade de Tercília com a nação lusitana – a evocação literária em seus poemas; a publicação no *Eco Lusitano* e no *Almanaque de Lembranças*; e o fato de os pais e o segundo marido serem portugueses.

“Visão funesta” é a maior composição da poetisa, com dez sextilhas de versos heptassilábicos. Institui um diálogo entre um “fantasma medonho” e o eu-lírico, uma moça atormentada por essa “visão horrível”. Nas três primeiras estrofes, a mulher reclama que sua alma “Perdeu a plácida calma” após o confronto com a aparição espectral, perguntando, ainda, o que ela afinal deseja.

Nas quatro sextilhas seguintes, a visão responde que é a “irmã da desventura”, “pior do que a morte!”, pois quando vê uma pessoa sensível regozija-se em torturá-la. Na oitava e nona estrofes, o sujeito poético suplica à entidade medonha que tenha piedade, em especial por ser jovem e desejar aproveitar a vida; no entanto, o clamor é em vão, pois a figura responde negativamente ao pedido. A confirmação de que “o anjo d’amargura” não deixará a moça fecha a última sextilha do poema, com a desesperança que marca parte da obra da autora:

E cingindo-me em seus braços  
Fez deles uns férreos laços  
E meu peito lacerou!...  
E da minh’alma a bonança,  
Crença d’amor e esperança...  
Tudo!... tudo! me roubou!...

Nos sonetos merencórios “Dor oculta”, dedicado “ao Ilmo. Sr. Fortes de Fontes<sup>9</sup>”, e “A coruja”, oferecido “ao Sr. Dr. António Xavier Rodrigues Cordeiro<sup>10</sup>”, fica caracterizado um apreço à morte, consti-

<sup>9</sup> Fortes de Fontes publicou um “Anagrama: ao grupo português que tão brilhantemente se ostenta na Imprensa Paulense”, em homenagem a jornalistas portugueses, no suplemento do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* de 1887, p. 168. Aparece como residente no Povo Novo, distrito do município de Rio Grande, sendo, portanto, conterrâneo de Tercília.

<sup>10</sup> António Xavier Rodrigues Cordeiro, poeta, jornalista e político português, nasceu em 28 de dezembro de 1819, sendo diretor do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* de 1861 a 1896, ano em que vem a falecer, em 11 de dezembro.

tuído a partir da paulatina renúncia à vida. “Dor oculta”, espécie de continuação da dor e do desconforto apresentados em “Visão funesta”, articula um interessante jogo entre um “eu”, que se esforça para mostrar à sociedade uma aparência (o “pálido sorriso”) que não corresponde à verdade, e um “eu” escondido que jaz em agonia e decepção. A vida é comparada a uma estrada íngreme e custosa, sem a possibilidade de um futuro encantador e redentor. A máscara, frente ao desgosto de viver, talvez não resista e caia, abreviando a existência e a mentira do dia a dia:

Quantas vezes um pálido sorriso  
Paira nos lábios meus!... E no entanto,  
Sorrio pra ocultar o amargo pranto,  
Filho deste martírio em que agonizo!...

Ah! quem me vê sorrir diz que eu diviso  
Um futuro pra mim cheio d'encanto!...  
É que não podem suspeitar o quanto  
É íngreme a estrada em que deslizo!...

Como é custoso afivelar no rosto  
A másc'r'a do prazer, quando o desgosto  
Faz vergar a minh'alma enlanguescida!...

Quem assim como eu padece tanto  
Pode acaso no mundo achar encanto  
E ter anseio de uma longa vida?...

Já “A coruja” ecoa Edgar Allan Poe, nesta época já bastante conhecido no Brasil. Assim como a ave do clássico poema “O corvo”, do autor norte-americano, a coruja é a mensageira agourenta de outros tempos e espaços, a anunciar a morte. Sem se impressionar com a figura noturna, portadora da notícia funérea, ou de se lamentar com a possibilidade do fim da vida, o sujeito poético, pelo contrário, deseja que o “mortífero bafejo” recaia sobre si, desde que poupe aqueles a quem ama:

Assim que a noite estende o negro manto,  
Vem pousar sobre a minha laranjeira  
Uma coruja horrenda e agoureira,  
Para soltar o seu medonho canto.

Fui ver essa funesta mensageira  
De tudo quanto há mau, martírio e pranto!  
E disse-lhe: – Por ver-te não me espanto,  
Se bem que ora te vejo a vez primeira.

Se vens trazer mortífero bafejo,  
Esparge-o sobre mim, que a morte almejo,  
Para findar o meu sofrer profundo!...

E dize à morte que, com mão segura,  
Sobre mim descarregue a fouce dura...  
Mas que poupe a quem amo neste mundo!...

Atente-se para a repetição da metáfora, a marcar a precisão da morte com o manejo de seu instrumento, a “fouce dura”: se antes foi a “destra soberana” do poema a Revocata Figueiroa e Melo, agora aparece a “mão segura”, marcando a inexorabilidade da morte, que domina o seu ofício à perfeição, fazendo com que sempre vença o duelo contra a vida.

Igualmente um soneto decassilábico, “Viver longe de ti”, sem abandonar a tristeza, elemento-chave em Tercília, segue um enquadramento lírico-amoroso pouco comum em sua produção. Retorna a caracterização do sujeito poético como alguém que possui uma alma sensível, e que, aqui, externa ao ser amado a impossibilidade de viver sem a sua presença. Caso ele não acredite, o eu-lírico desafia-o a partir para longe, pois “[...] em breve a brisa lá irá levar-te / O eco do meu último gemido!...”. Abaixo do poema “Viver longe de ti”, uma nota do jornal saúda, com fartos elogios, a publicação e a sonetista:

### Tercília Nunes

Aformoseia hoje as colunas d'*O Farrapo* uma inspirada produção poética da Exma. Sra. D. Tercília Nunes Lobo, distinta cultora das letras, residente na cidade vizinha.

Esperamos que a aplaudida poetisa continue a honrar-nos com a sua valiosa colaboração e que nos dê assim ensejo de oferecer ao bom gosto dos nossos leitores produções de elevado merecimento como são as do seu brilhante estro.

Recomendando o soneto “Viver longe de ti”, cumprimos simplesmente um dever, que mais grato se nos torna pela deferência que merecemos à autora em no-lo enviar, acedendo assim a um desejo que havíamos manifestado. (*O Farrapo*, 2 jun. 1889, p. 4)

“Viver longe de ti” reaparece pouco mais de um mês na “gazeta literária” catarinense *Crepúsculo*, dirigida por Sabas Costa. Assim como ocorreu antes, com o *Corimbo* e *O Farrapo*, a poetisa é apresentada aos leitores, sendo festivamente anunciada: “Tercília Nunes – Dessa primorosíssima e talentosa poetisa transcrevemos um esplêndido soneto o qual verá o leitor na seção – Pérolas de Ofir. Essa puríssima joia é do mais fino quilate” (*Crepúsculo*, 8 jul. 1889, p. 4). O jornal da antiga Desterro, hoje Florianópolis, mantinha intensa colaboração com escritoras gaúchas, como Cândida Fortes, Júlia Cavalcanti, Luísa Cavalcanti, Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro. A relação das editoras do *Corimbo*, conterrâneas e amigas de Tercília, talvez explique como “Viver longe de ti” chegou a Santa Catarina ou, ainda, como “Dor oculta” e “A coruja” atravessaram as fronteiras internacionais<sup>11</sup>. Essa é uma característica muito presente em fins do século XIX e no começo do XX: as relações que os literatos estabeleciam entre si, formando uma rede de periódicos, tendo o *Corimbo*, na seara feminina, um papel fundamental na divulgação de autoras que, de outra forma, não seriam conhecidas<sup>12</sup>.

Antes de encerrar, registre-se, em uma edição de 1882 do *Arauto das Letras*, uma das composições de Eduardo Lobo, que viria a ser o segundo marido de Tercília. Ainda não casado, o poeta oferece-lhe um “Acróstico – À nova e maviosa poetisa brasileira D. Tercília Nunes”, utilizando-se das letras iniciais do nome da homenageada para elencar seus pontos positivos. Destaque para a ênfase que Eduardo Lobo dá ao olhar de sua futura esposa, fato que permite conhecer uma característica física de Tercília, especificada no poema:

---

11 Em uma longa carta de Ibrantina Cardona a Presciliiana Duarte de Almeida, escrita em Campinas/SP, no dia 3 de novembro de 1897, e reproduzida em *A Mensageira – Revista literária dedicada à mulher brasileira*, edição de 15 de novembro de 1897 (ano 1, n. 3, p. 38-41), cuja diretora era exatamente Presciliiana, a remetente discorre sobre a importância de Revocata Heloísa de Melo na cena literária brasileira, apontando que a mesma é “a escritora que mais brilha na literatura do Sul; é um astro de primeira grandeza, que tem como satélites: – Julieta de Melo Monteiro [...]; Andradina de Oliveira [...]; Luísa Cavalcanti Guimarães [...]; Cândida Fortes, Tercília Nunes Lobo [...]” (p. 40). A carta reaparece em MUZART, 2004, p. 453-456. A inclusão de Tercília no rol de Ibrantina faz pensar que a autora rio-grandina era reconhecida no meio literário, pois desde 1890 não publicava inéditos, o que não a impediu, contudo, de ser lembrada na carta de 1897.

12 Discuto essa questão no livro *Uma história da literatura*, em especial no capítulo “Consolidação do sistema literário”. V. PÓVOAS, 2017, p. 210-284.

**T**u tens altivos troféus –  
**E**ntre todas as mulheres,  
**R**oubas-me a vida, se queres,  
**C**om um olhar só dos teus;  
**I**mensas vezes eu penso –  
**L**endo nele o meu destino,  
**I**r com esse olhar divino  
**A**té aos últimos céus.

**N**em às estrelas mostrava  
**U**m olhar com tal doçura!  
**N**E**ntão havia deixá-lo –  
**S**em esp'rança de ventura. (*Arauto das Letras*, 17 dez. 1882, ano 1, n. 19, p. 2)**

O panorama aqui construído, à semelhança de um quebra-cabeça, por meio dos reduzidos dados biográficos e dos versos coletados, ainda apresenta lacunas, mas introduz minimamente uma poetisa com domínio das técnicas de composição e que alcança bons resultados estéticos, em especial na produção que trata da melancolia e da morte. Com certeza, o fato de sua obra ser tão concisa e de nunca ter sido recolhida em volume colaborou para o apagamento da poetisa na historiografia literária sulina, até porque sua obra ficou limitada especialmente às páginas de periódicos do Sul do Estado, exceção às publicações em Santa Catarina e nas terras longínquas de Portugal, país com o qual mantinha relações afetivas.

A falta de dados biográficos também contribuiu para que essa poetisa de nome incomum aparecesse em referências mínimas, ao longo dos séculos XX e XXI, em alguns poucos livros e trabalhos acadêmicos, caindo em um semiesquecimento. Assim, a intenção foi a de retirar, mesmo que momentaneamente, a pátina que revestiu, ao longo do tempo, o nome de Tercília Nunes Lobo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARP, Guilherme; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Reiluminando a arte literária de Tercília Nunes Lobo: um estudo de sua contribuição no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. *Letras em Revista*, Teresina, v. 10. n. 2, p. 88-103, jun./dez. 2019. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/184/126>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- CHAVES, Vania Pinheiro. O *Almanaque de Lembranças* e o Rio Grande do Sul. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014. p. 35-54.
- CUNHA, Jaqueline da Rosa. *Arauto das Letras* (1882-1883): uma amostra da expressão literária da região Sul rio-grandense. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000010407.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- GERALDES, Renata Romero. *Teatro e escravidão*: a poética abolicionista na dramaturgia de Arthur Rocha. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/332986/1/Geraldes\\_RenataRomero\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/332986/1/Geraldes_RenataRomero_M.pdf). Acesso em: 26 mar. 2020.
- MELO, Alberto Lopes de. *José Paulo Paes e a anatomia do poema*. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006. Disponível em: [https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/tde\\_arquivos/10/TDE-2006-06-21T130632Z-28/Publico/Jose%20Paulo%20Paes%20e%20a%20anatomia%20do%20poema.pdf](https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/tde_arquivos/10/TDE-2006-06-21T130632Z-28/Publico/Jose%20Paulo%20Paes%20e%20a%20anatomia%20do%20poema.pdf). Acesso em: 18 mar. 2020.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Ibrantina Cardona. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. v. 2. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 429-463.
- NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. v. 3. Rio Grande: [s.n.], 1989.
- PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Buqui, 2017.

SILVA, Jandira M. M. da; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.

TACQUES, Alzira de Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros: antologia de escritores brasileiros e estrangeiros*. v. 4. Porto Alegre: Thurmann, 1958.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Escritoras gaúchas presentes no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Mulheres gaúchas na imprensa do século XIX: Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Caxias do Sul: EDU-CS, 2018. p. 29-45.

**FONTES PRIMÁRIAS (QUANDO NÃO APONTADO, A CONSULTA FOI FEITA NO MATERIAL ORIGINAL):**

*A Mensageira*, São Paulo, 1897. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 1.

*A Ventarola*, Pelotas, 1889.

*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, Lisboa, 1889-1890. Poemas disponíveis em CD-ROM anexado em: CHAVES, Vania Pinheiro (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014.

*Almanaque Popular Brasileiro*, Pelotas, 1896.

*Arauto das Letras*, Rio Grande, 1882-1883.

*Corimbo*, Rio Grande, 1885-1887.

*Crepúsculo*, Desterro (atual Florianópolis), 1889. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/crepusculo%20desterro/OCRE1889028.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

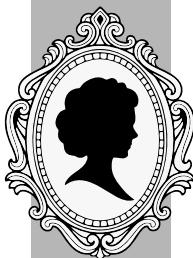
*Eco Lusitano*, Rio Grande, 1883.

*O Farrapo*, Pelotas, 1889.

*O Tempo*, Rio Grande, 1917.

*Rio Grande*, Rio Grande, 1917.





# AS FLORES SILVESTRES DE MARIA CLARA DA CUNHA

PALOMA ESTEVES LAITANO \*

Reconhecida pela sua bela voz e por sua destreza e elegância no manejo do arco, a musicista, poeta, jornalista, cronista, contista, artista plástica, Maria Clara da Cunha Santos foi uma importante escritora que figurou no cenário nacional. Segundo Laudelino Freire, em *Collectania Século XVII – XX. Sonetos Brasileiros* (s.d), Maria Clara Vilhena da Cunha (nome de solteira) era natural de Pelotas, onde nasceu a 18 de novembro de 1866, falecendo a 23 de outubro de 1911, no Rio de Janeiro. Ainda que nosso objetivo seja não moldar esta biografia ao que usualmente se costuma construir, é importante destacar alguns dados biográficos da nossa escritora, com o objetivo de situar Maria Clara da Cunha Santos no cenário nacional da época. Nesse sentido, cumpre dizer que, era filha de Dr. João Vieira da Cunha, Juiz de Direito em Alfenas, e Sra. Cecilia Alcântara Vilhena da Cunha. Ainda muito jovem, juntamente com sua família (tinha 5 irmãs), mudou-se para o estado de Minas Gerais. Foi casada com o Dr. José Américo dos Santos (engenheiro e abolicionista), sem filhos, teve uma significativa vida social, viajou bastante e dedicou-se às atividades jornalísticas e literárias.

---

\* Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (palomalaitano@gmail.com).

Maria da Clara faleceu em 1911 e, um ano antes de sua morte, deu uma entrevista ao *Almanach do Paiz*, na qual fala de suas influências literárias, citando a escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, além de mencionar Camões. Essas referências nos ajudam a compreender o estilo literário da escritora e, também, o modo como ela via o fazer artístico. Quando recorda o início de sua produção poética, Maria Clara faz uma analogia, comparando a criação de versos ao nascimento de flores silvestres (*Almanach do Paiz*, p. 381, 1910):

Os versos brotavam espontâneos em meu coração como flores silvestres. Lembro-me que a primeira quadra que fiz foi a propósito da morte de uma perua, que tendo perdido o companheiro, entrou a definhár... definhár e morreu... de tédio talvez ou de saudades. Essa quadrinha humorística andou de mão em mão, lá no interior de Minas onde se abriram e desabrocharam as primeiras rosas do meu coração.



Retrato de Maria Clara, *A Mensageira*, ano I, n. 23, p. 353, 15 de setembro de 1898.  
Fonte: *A Mensageira*

Na mesma entrevista, a autora deixa registrada sua opinião sobre assuntos do cotidiano, principalmente relacionados às questões femininas, tais como a maternidade, o casamento, o divórcio e o amor.

Percebemos que suas considerações estão em diálogo com uma visão tradicional da família, pois entende o casamento como uma instituição de origem bíblica e, ao mesmo tempo, encara a maternidade e o amor como aspectos sublimes. Seu posicionamento, mesmo em relação a questões mais complexas, beira a neutralidade, ainda que, em alguns momentos, a partir de questionamentos que levanta durante a entrevista, abra espaço para que possamos interpretar que Maria Clara possui opiniões contrárias a certos movimentos, tais como o feminismo.

Maria Clara da Cunha colaborou com diferentes periódicos brasileiros e, especificamente no Rio Grande do Sul, podemos destacar a presença de seus escritos em *Gazeta de Notícias*, *O País*, *Tribuna Liberal*, *Correio da Tarde*, *Jornal do Brasil* e *O Corimbo*. No entanto, grande parte de sua produção pode ser encontrada nos textos de *A Mensageira*, e são estes textos que nos permitem identificar alguns aspectos importantes da literatura produzida por Maria Clara.

Apesar de contar com diferentes colaboradores, entre homens e mulheres, é possível afirmar que uma das principais personagens de

*A Mensageira* foi Maria Clara, que assinava a coluna intitulada “Carta do Rio”. O título dessa seção é explicado pelo fato de a escritora residir na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, desempenhando, assim, a função de correspondente da revista. Essa coluna estará presente em *A Mensageira* durante todo o período de edição do periódico, ocupando dessa forma um espaço de ordem fixa nesta que foi uma importante publicação na época.

Maria Clara Cunha destacou-se por sua intensa atividade intelectual, há um con-



senso entre as informações sobre a multiplicidade de talentos de desta escritora. Suas crônicas constituem o seu grande número de produções. Enquanto escrevia, quinzenalmente, para o periódico *A Mensageira*, por exemplo, falava de temáticas cotidianas, tais como, lançamento de livros e assuntos internacionais. No entanto, esses textos tinham um enfoque importante quando era voltados para as respostas às cartas de seus leitores.

A atuação de Maria Clara como cronista retrata, de uma forma geral, a vida carioca do final do século XIX. Nesse sentido, o que encontramos em seus textos, publicados em *A Mensageira*, são as opiniões as impressões que a cronista tem de diferentes assuntos, tais como a arte, os comportamentos da sociedade do Rio de Janeiro, algumas considerações sobre a cultura, entre outras notas particulares. Em seu primeiro texto no mencionado periódico, Maria Clara esclarece o teor de suas publicações:

De longe... mandar-te-ei as minhas impressões, na singela linguagem que escrevo sempre, tão despidas de encantos e de arte. Assim pois, guarda para mim, em tua revista um lugarzinho para "As Cartas do Rio", que iniciarei no próximo número. (*A Mensageira*, ano I, n. 1, p. 6, 1898)

Os textos presentes na seção “Carta do Rio” transitam entre diferentes gêneros, pois há a publicação de contos, de crônicas, de cartas e, também, de notícias. Assim podemos perceber uma reflexão da escritora sobre aspectos do cotidiano, que surgem a partir da observação que faz de momentos ordinários do dia-a-dia. Exemplo disso é a preocupação com o anunciado fim do mundo, diante da proximidade do fim do século, como podemos ver no texto a seguir:

Morrer de medo deve ser o cúmulo da cobardia! Haja em vista esta história que me contaram a propósito da peste bubônica em Santos. Um sujeito, excessivamente medroso, ia fugindo da peste india que arrasou a Inglaterra em 1665. Em caminho, adormeceu, de cansado e sonhou que vira em um jardim magnífico uma mulher pálida e feia, definhada e antipática a colher flores. O jardim era enorme e muito bem tratado. Só três pessoas lá estavam, a mulher pálida e feia e dois rapazes fortes e robustos. Enquanto a mulher, que tinha um ar de preguiçosa, colhia uma flor, os rapazes colhiam dezenas e

centenas de lindas e viçosas flores. A mulher afinal foi descendo as escadas do jardim, desanimada e triste. Os incansáveis mancebos continuavam sua faina, devastando o jardim. O medroso que espreitava, perguntou á mulher: que gente é essa? De quem é esse jardim? A horrorosa mulher fez um trejeito macabro, e respondeu: "O jardim pertence a Deus, é o mundo, as flores são as criaturas... eu sou a Peste Bubônica e aqueles guapos rapazes são um o Terror e outro o Boato." E esta? Como o Boato e o Terror fazem muito mais vítimas do que a Peste! Foi um sonho, me dirão. Mas um sonho, respondeu eu, que dá a ideia da realidade da vida. (*A Mensageira*, Ano II, n. 34, p. 185-186, 15 nov., 1899).

Por outro lado, o caráter multifacetado de seus textos, permite que Maria Clara transite entre a ironia e um certo, ainda que contido, engajamento social, relacionado à função da mulher na sociedade e à questão da injustiça social (abolição da escravatura).

Quando mencionamos seu envolvimento com questões sociais, é importante destacar sua participação em ações desenvolvidas, por exemplo, na cidade de Pouso Alegre, em Minas Gerais, quando ainda jovem fez parte da Aliança Libertária de Pouso Alegre, instituição que tinha como um de seus principais objetivos jogar luz sobre a questão dos escravos e, assim, lutar pela liberdade dessas pessoas. Ao mudar-se para o Rio de Janeiro, Maria Clara segue suas participações em movimentos sociais na Associação das Damas da Assistência à Infância. Nesta instituição ajudava na realização de ações educativas, assistenciais e filantrópicas.

O nome de Maria Clara merece destaque não necessariamente pela quantidade de obras publicadas, mas, especialmente, pela relação dela com a literatura, pelo sentimento de pertencimento à profissão de escritora e por sua curiosidade e seu constante comprometimento. Seu engajamento literário é percebido através da variedade de gêneros literários aos quais se dedicou. Além da coluna em *A Mensageira*, na qual seus escritos eram constantes, publicou poemas, que tratavam de temas comuns às demais produções da época, ainda que alguns textos como “As belas artes” e “Cega”, merecem destaque dentre sua produção, por demonstrarem um domínio técnico do fazer poético. Um exemplo de poemas, publicado em parceria com Adelina Lopes Vieira, é o soneto reproduzido abaixo:

## Dois Oasis

*A Presciliiana Duarte*

Ha dois oasis no deserto extenso  
Da nossa vida, onde se apagam dôres:  
Um, tem fontes e sombras e fulgores  
Outro, o dormir no seio bom do Immenso.

— Queimaste os pés n'esse brazeiro intenso?  
Morres de sede? Um diz, tens agua e flores  
Bebe! Revive! Esquece os amargores...  
Eu sou o Amor, que a desventura venço.

E o outro diz com voz sonora e calma:  
— Cançaste? Vem! desprende o pensamento  
Deixa-o voar nas azas brancas d'alma,

Acolhe-te a meu seio, e n'um momento  
Um sonmo dormirás que a angustia acalma.  
Eu sou a Morte, eu sou o esquecimento.

*Adelina Lopes Vieira*

*Maria Clara da Cunha Santos*

1891.

Como já mencionamos, Maria Clara, em seus textos, dissertou sobre diversos tópicos. Em alguns escritos, por exemplo, podemos observar a presença da crítica de arte, quando a escritora, partindo de sua própria experiência com as belas artes, fala sobre as exposições artísticas. No entanto, é importante destacar a pouca presença de artistas mulheres nos textos dedicados às artes, como ocorre, de forma breve, quando fala das obras de D. Hortência, em um texto de 1897. Nesta crítica, apesar de destacar o fato de mulheres estarem expondo seus trabalhos e, assim, se fazerem presentes no cenário da arte nacional, seu comentário sobre as obras da artista é: “D. Hortência apresenta 3 bons trabalhos”. (*A Mensageira*, Ano I, n. 3, p. 36-37, 15 nov. de 1897). A atuação de Maria Clara como crítica de arte reflete sua participação ativa nos eventos artísticos e nos acontecimentos sociais de sua época, o que no permite afirmar que seus textos são um testemunho das produções artísticas da época.

Para Maria Alciene Neves, a produção de Maria Clara apresenta características que se aproximam da ingenuidade, o que se justifica por seu caráter mais romântico e que ficam exemplificadas através do modo espontâneo relacionado à inspiração para a produção dos poemas, à liberdade no que diz respeito à escrita de seus textos e, ainda, à presença de um sentimentalismo que são, em muitos momentos, tendência da sua produção poética.

Apesar de ser mais reconhecida por suas crônicas, sua produção em prosa apresenta, na opinião de muitos estudiosos, a sua grande força literária. Nesse sentido, os contos, publicados em *Paineis*, retratam temas diversos relacionados não somente com a cidade e o dia-a-dia das pessoas que por ali e movimentam, mas também o viver da roça, com suas paisagens, pessoas e lendas. relatos de viagens e conferências. Para alguns estudiosos de sua obra, os textos de Maria Clara, com algumas exceções, carecem de originalidade, pois apresentam conflitos ordinários e narrativas de histórias que transitam entre o real e o imaginário.

Quando analisamos os contos escritos por Maria Clara, percebemos características que, em muitos momentos, se distanciam daquelas que estudiosos atribuem a este tipo de narrativa. Assim as produções da escritora costuram histórias sobre amor, morte, sentimentos contraditórios e descrições de personagens que demonstram um trabalho mais detalhado na construção narrativa. O amadurecimento dos escritos e do fazer literário de Maria Clara da Cunha fica evidente quando lemos seus contos, como ilustrado na passagem a seguir do conto “*Lenda*”, publicado em *A Mensageira*:

No princípio do mundo, apareceu cá na terra um anjo, que se gabava de ser um dos preferidos de Deus. Tinha amplos poderes, só fazia o que queria. Favores, preciosas dadiwas concedia ele amiudadas vezes. Um dia o anjo encontrou-se em ignotas paragens com três moças formosíssimas e encantadoras. Preso de amores por elas, prometeu conceder-lhes as graças todas que solicitasse. Cada uma, disse o anjo, formule seu pedido. Eu, disse a primeira – quero que a primavera seja eterna, odeio o inverno, o frio que me faz lembrar a morte. Quero viver sempre em atmosfera cálida, ver flores viçosas e exuberantes, sentir nas veias o meu sangue ardente, eu quero o calor, eu quero a vida. (*A Mensageira*, Ano I, n. 3, 15 nov. 1897, p. 44).

Para além das crônicas e dos contos, transitando em um terreno entre essas duas produções, estão os relatos de viagens que Maria Clara escreve e que dão conta das suas viagens para diferentes locais, caracterizando seus textos com a presença de um olhar turístico, com observações rápidas. Em alguns momentos, seus relatos são exemplos de registros históricos breves dos locais por onde passa, tal como é exemplificado no texto a seguir: “Chegamos à Bahia pela madrugada. Quando fomos para o tombadilho, às 7 horas da manhã, já sabíamos que não poderíamos desembarcar; o vapor fora considerado infectado.” Em outros, por outro lado, é possível perceber observações e considerações mais profundas relacionadas ao perfil das pessoas que a cercam, como é o caso do trecho a seguir, no qual constrói um esboço de perfil da mulher americana: “A mulher americana desde criança encontra em seu país elementos favoráveis para o seu desenvolvimento intelectual. [...] Acostuma-se desde criança com a ideia de que o homem não é superior nem inferior a si, é igual na esfera de seus direitos e garantias. [...]”

A análise das publicações de Maria Clara nos permite perceber o amadurecimento pelo qual a escritora estava passando que vai de uma aproximação clara com os aspectos românticos, nos temas de seus textos, até um “flerte” com o realismo, no que tange aos aspectos formais. Ao estudar a vida e a obra de Maria Clara da Cunha Santos, podemos perceber seu posicionamento social e seu trabalho estético na construção dos textos. Nesse sentido, a participação ativa da escritora no cenário intelectual brasileiro, para além de ilustrar a sua inserção no contexto cultural da época, ilustra também, o papel da mulher neste mesmo ambiente.

## REFERÊNCIAS

A FAMÍLIA. SEC – FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – RJ. Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros Ano I a VI, 29 de dezembro de 1888 – 20 de outubro de 1894.

ALMANACH DO PAIZ. Rio de Janeiro, v. 1, p. 373-382, 1910.

A MENSAGEIRA: revista literária dedicada a mulher brasileira, directora Presciliiana Duarte de Almeida. – Edição fac-similar. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, v. 1 e 2, 1987.

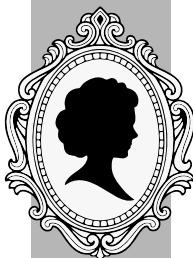
CABRAL, Ana Cláudia Moura. *Maria Clara da Cunha Santos e a crítica de arte em A Mensageira (1897-1900)*. Monografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

NEVES, Maria Alciene. *Os Brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos*. Tese (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São João del Rei, 2009.

SANTOS, Maria Clara Vilhena da Cunha; DUARTE, Presciliiana. *Pyrilampos*. Rio de Janeiro: Tipografia e Litografia de Carlos Gaspar da silva, 1890.

VASCONCELOS, Eliane. Maria Clara Vilhena da Cunha Santos. In: *Escritoras Brasileiras do século XIX*. MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. v. 2.





# ANDRADINA AMÉRICA ANDRADE DE OLIVEIRA\*: UMA VOZ TRANSGRESSORA NO ESPAÇO SOCIOCULTURAL DO *FIN DE SIÈCLE*

SALETE ROSA PEZZI DOS SANTOS \*\*

Políticas que envolveram a valorização masculina em detrimento do sujeito feminino, nos mais diversos setores da sociedade, em especial, no século XIX e início do XX, impediram que, por longo tempo, a história literária brasileira legitimasse a produção intelectual feminina.

Em uma época na qual manifestar o pensamento, usar a palavra, expressando sua capacidade cognitiva, era prerrogativa do homem, Andradina Améria Andrade de Oliveira soube fazê-lo de forma magistral.

\* Encontram-se diferentes designações para a escritora, tais como Andradina Améria Andrade de Oliveira, Andradina Améria de Andrade(a) e Oliveira, Andradina de Andrade e Oliveira. Também ocorrem divergências quanto à data de nascimento da autora: FLORES (2011) e SCHUMAHER e BRAZIL (2000) apontam a data referida neste texto. SCHMIDT (2004) indica a data de 12 de junho de 1870, e VILLAS-BÔAS, a data de 12 de julho de 1878

\*\* Doutora em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora e pesquisadora na Graduação e nos Programas de Pós-Graduação em Letras na Universidade de Caxias do Sul (UCS).



Andradina América Andrade de Oliveira

(Porto Alegre, 12 de junho de 1864 – São Paulo, 19 de junho de 1935)

Fonte: OLIVEIRA, A. A. A. de. *Divórcio?* Organizado por Hilda Agnes Hübner Flores. Porto Alegre: Ediplat; Florianópolis: Mulheres: 2007. p. 20.

Seus escritos, suas conferências, suas aulas tiveram repercussão no meio social de então e, atualmente, com o trabalho de resgate que os Estudos Culturais de Gênero ensejaram, livros como *O perdão* e *Divór-*

*cio?* – a edição *principis* dessas obras da autora ocorreu, respectivamente, em 1910 e 1912 - foram reeditados, e sua trajetória como mulher de letras aparece referendada nos meios acadêmicos. Seus escritos têm sido indicados como *corpus* de estudos, viabilizando trabalhos significativos para a escrita de uma nova história da literatura brasileira. Isso, no mínimo, demonstra a relevância da produção literária da escritora, não se justificando ter permanecido no ostracismo depois da receptividade alcançada por ocasião de suas publicações *principis*.

Filha de Joaquina da Silva Pacheco e de Carlos Montezuma de Andrade, Andradina de Oliveira recebeu, de acordo com registros, uma educação esmerada, iniciando seus estudos na escola da escritora porto-alegrense Luciana de Abreu. Formou-se no curso de magistério na Escola Normal de Porto Alegre, posteriormente, Instituto de Educação General Flores da Cunha - o mais antigo educandário de ensino secundário e de formação de professores da cidade. Por ocasião da morte do pai, a família passa a viver em Rio Pardo com parentes maternos. Lá, ainda jovem, casa-se com o paraibano Augusto Martiniano de Oliveira, oficial do exército brasileiro, Alferes do 12º Batalhão de Infantaria de Rio Pardo, nascendo dessa união os filhos Adalberon e Lola.<sup>1</sup>

Em 1888, morre o marido e Andradina de Oliveira torna-se responsável pela manutenção do lar. Ministrou aulas por oito anos, em diversas cidades do estado, dedicando-se, também, ao jornalismo e à literatura. Além de professora e jornalista, foi romancista, contista, teatróloga, poeta, conferencista, biógrafa, figura atuante em seu meio, uma expressiva representante do feminismo no Rio Grande do Sul. Na verdade, sua jornada como mulher de letras é assinalada por relevante ação na área cultural, ultrapassando as fronteiras da Província por seu comprometimento com a luta por direitos humanos, por uma educação renovada, pela defesa da emancipação feminina através do acesso à educação e ao trabalho. Basta observar os títulos de muitos de seus textos, de suas conferências, para perceber sua constante preocupação

<sup>1</sup> Essa afirmação em relação a Adalberon e Lola encontra respaldo em pesquisas realizadas por estudiosas como Schmidt (2004), Flores (2007), entre outros, sendo ambos apontados como filhos do militar Augusto Martiniano de Oliveira. Entretanto, pesquisas de Gautério (2015) indicam que, após a morte do marido, Andradina de Oliveira contraiu novas núpcias, casando-se, em 1895, com o artista dramático Júlio de Oliveira, em Pelotas, e, dessa união, nasce, em 14 de outubro de 1896, a filha do casal, Lola de Oliveira. Flores (2011), em relação ao nascimento de Lola, registra a data de “14.10 (entre 1889-1897)”.

com essas questões. Ao evidenciar aspectos da experiência feminina, sua produção intelectual a coloca em sintonia com outras vozes que se elevavam em defesa dos direitos da mulher e, por acreditar que seria um importante veículo de divulgação do pensamento feminino da época, Andradina de Oliveira funda o jornal *Escrínio*, começando sua publicação em 02 de fevereiro de 1898, na cidade de Bagé (RS). Posteriormente, o periódico foi editado em outros municípios sul-rio-grandenses, como Rio Grande, Santa Maria e Porto Alegre, encerrando suas publicações, na data de 25 de junho de 1910 (GAUTÉRIO, 2015). Foi contemporâneo de outros jornais, entre eles, *O Corymbo* (1883-1943), fundado pelas irmãs Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo, na cidade de Rio Grande (RS); o *Pena, Agulha e Colher*, de Zenir Alcáea, em Florianópolis; a revista mato-grossense *A Violeta* (1916-1950), resgatada pela pesquisadora Yasmin Nadaf, na qual encontrou maciça participação de mulheres de letras sul-rio-grandenses, entre elas, Andradina de Oliveira e Lola de Oliveira (FLORES, 2007).

No editorial do primeiro número do *Escrínio*, a autora enfatiza sua crença na necessidade de a mulher ser instruída, educada, e, em suas palavras, o jornal surgia como um incitamento a que a mulher sul-rio-grandense colocasse à mostra “sua cultivada inteligência”, rompendo a obscuridade em que vivia. Ainda nesse editorial, a escritora se posiciona a favor do trabalho da mulher fora do lar, considerando que isso não acarretaria dano a “seus deveres domésticos”. Essas afirmações a colocavam na contramão do pensamento dominante que advogava o malefício da emancipação política e social da mulher para a constituição familiar.

Publicado por nove anos, em Bagé, depois em Santa Maria, o *Escrínio* teve sua veiculação interrompida devido ao trauma emocional sofrido por Andradina de Oliveira pela morte do filho Adalberon de Oliveira. O jovem não superou a tuberculose, doença que contraíra enquanto seguia a carreira militar, no Colégio Militar de Rio Pardo, falecendo em 1906. Em *Cruz de pérolas*, obra publicada em 1908, a escritora deixa transparecer a dor pela perda do filho. Nessa coletânea de narrativas breves, o tom é a emoção, o sofrimento que dilacera a alma da mãe privada do afeto filial.

O periódico reaparece em 1909, em Porto Alegre, com nova con-

figuração, a de revista ilustrada, seguindo a mesma linha de valorização de ações femininas. E isso se consolida ainda mais quando, nos espaços disponíveis entre um texto e outro, eram publicadas notícias rápidas, situando os leitores sobre os feitos, as conquistas de mulheres no Brasil e no mundo, além de abordar temas de economia, educação, saúde nas escolas – prevenção contra a tuberculose - entre outros. Também havia espaço para escritos de autoria masculina. É o que se encontra na edição de 12 de fevereiro de 1910, quando o *Escrínio* publica a conferência “O caloteiro”, de Ferdinando Martino, homeopata de Bagé. Na pesquisa de Flores (2007), há o relato de interessante fato a respeito do médico: ele submetera a noiva a um contrato nupcial no qual auferia de todos os direitos, restando a ela total sujeição ao domínio masculino, reiterando-se a tirania exercida sobre a mulher. Ainda, na capa dessa edição, “Aspectos de nossa terra”, vislumbra-se Porto Alegre, possivelmente, do início do século XX, corroborando o apreço de Andradina à sua terra.



Capa da revista *Escrínio*, de 12.2.1910: Porto Alegre antigo

Fonte: OLIVEIRA, A. A. A. de. *Divórcio? Organizado por Hilda Agnes Hübner Flores. Porto Alegre: Ediplat; Florianópolis: Mulheres: 2007, p. 24.*

Pelas realizações de Andradina, depreende-se que a autora julgava ser possível sensibilizar o público feminino a se mobilizar em prol de emancipação e de obtenção de direitos. Apontamentos apresentados por Soares (1980) aludem a um artigo escrito por Andradina, publicado no *Escrínio*, no qual ela divulga minucioso retrospecto da história feminina, evidenciando as injustiças a que mulheres foram acometidas, como também as que se notabilizaram nas mais diferentes épocas e sociedades. Não somente esse artigo da escritora foi publicado no *Escrínio*; outros escritos seus informavam sobre as arbitrariedades perpetradas contra a mulher, nos quais se levantava em prol dos direitos femininos, inspirada por sua visão crítica em relação às conjunturas sociais de então.

A escritora sempre se expôs abertamente em seus textos, demonstrando coragem e determinação, lutando pelas causas em que acreditava e nas quais vislumbrava a alternativa de um mundo melhor, mais justo. Possivelmente tenha sido esse comprometimento que motivou quarenta intelectuais de todo país, entre elas feministas respeitáveis como Mariana Coelho e Inês Sabino, a se engajarem na revista como colaboradoras, assim que o *Escrínio* foi relançado, em 1909.

Quando questões como exclusão e resgate são colocadas em discussão, desponta o nome de Andradina de Oliveira, a qual figura entre um grande número de escritoras oitocentistas que não lograram registro em Histórias da literatura brasileira bem como em compêndios escolares, ainda que as obras de muitas dessas autoras tenham conquistado aceitação de público no momento de sua publicação. A produção intelectual de Andradina de Oliveira – e de outras mulheres de letras na mesma condição - começa a desvelar-se a partir dos anos de 1980, momento em que pesquisas relevantes na área dos estudos culturais de gênero passam a questionar o cânone, e essas autoras emergem do apagamento a que foram submetidas. Entretanto é necessário registrar que, antes disso, Guilhermino Cesar (1956) referiu-se à autora como alguém que escreveu teatro em diferentes fases do desenvolvimento desse gênero literário no Rio Grande do Sul, identificando-a como autora da obra *O perdão* (1910), além de citar outras mulheres de letras, coetâneas da escritora, como Ana Aurora do Amaral Lisboa, Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo. Também Alzira Freitas Tacques

dedica um espaço à escritora, na obra *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*: antologia de escritores brasileiros e estrangeiros (1956), reportando-a com palavras elogiosas ao considerá-la uma artista de grande imaginação perpassada de inspiração e sentimento. Na década de noventa do Século XX, Regina Zilberman, na obra *A literatura no Rio Grande do Sul* (1992), apresenta uma seção alusiva à escrita feminina no Rio Grande do Sul e destaca que, no Século XIX, é possível apontar a produção de inúmeras poetisas, e o nome de Andradina de Oliveira - mesmo tendo escrito poesia – não é mencionado. A autora é citada no apêndice do livro, “Quadro cronológico da literatura gaúcha”, quando são destacadas três de suas obras: *Preludiando* (1897), *A cruz de pérolas* (1908) e *O perdão* (1910), sem que haja referência a qualquer outro aspecto de sua vida ou obra.

Ainda que sem repercussão junto à historiografia literária brasileira, Andradina de Oliveira como também outras escritoras oitocentistas sul-rio-grandenses tiveram suas produções divulgadas no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, editado em Lisboa, a partir do ano de 1851. São mulheres de letras que compõem o *corpus* do Projeto de Pesquisa “*Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses*”, coordenado por Maria Eunice Moreira, da Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e a Universidade de Caxias do Sul (UCS). Essas autoras colaboraram com o periódico *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* entre os anos de 1873 e 1903. E isso é admirável, se considerarmos que a literatura sul-rio-grandense alcançou maior representatividade no momento em que surge a Sociedade Partenon Literário, agremiação literária e política do Rio Grande do Sul, fundada em 1868 e extinta em 1879, agregando, em especial, homens de letras da Província. Até então, o que se escrevia era divulgado em periódicos que destinavam espaços para a literatura, ou em outros que surgiram como jornais literários. O mais perceptível é o fato de que o universo das letras era de domínio masculino, reproduzindo o que ocorria na sociedade como um todo. O Partenon Literário abriu suas portas às mulheres, entretanto poucos nomes constam no rol de agremiados. Entre eles, sobressai o da escritora Luciana de Abreu que usou a tribuna da Associação para defender veementemente o direito da mulher à

educação, ao trabalho, ao voto, à cidadania, caminho também trilhado por Andradina de Oliveira, que se constituiu em notável defensora dos direitos femininos, atuando de forma marcante nesse contexto. Valendo-se de espaços de divulgação, a autora participou com seus escritos em diferentes jornais e revistas do país, tais como *Echo do Sul* (Rio Grande), *Corymbo* (Rio Grande), *Correio do Povo* (Porto Alegre), *Almanaque Estatístico e Literário do Rio Grande do Sul* (Pelotas), *A Violeta* (Cuiabá), *Folha do Norte* (Pará). Além desses, é importante mencionar *A mensageira*, revista lançada em São Paulo (1897-1900), fundada e dirigida por Presciliiana Duarte de Almeida. A participação de Andradina foi importante e reconhecida pela revista que, em diversos momentos, menciona a escritora e sua produção literária. Em artigo publicado em *A mensageira*, Damasceno Vieira (VIEIRA, *A Mensageira*, 1987) analisa a obra de contos *Preludiando*, de Andradina de Oliveira, no qual reconhece o talento com que trabalha a artista, de forma correta e brilhante, incitando-a a continuar. Ademais, Damasceno Vieira informa sobre a participação da autora no *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre, com a publicação de uma série de artigos denominada *Defesa da Mulher*, em fins de 1890. De acordo com o autor, que transcreve alguns excertos para corroborar suas afirmações, esses textos situavam Andradina de Oliveira entre as escritoras brasileiras de maior talento.

Patrona da Cadeira n. 11 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (ALFRS), de acordo com Flores (2007, p. 10), “Andradina de Oliveira é ícone da cultura e da educação que transforma e constrói uma nova relação de afeto e respeito pela conquista dos direitos femininos...” Otilia de Oliveira Chaves, ao assumir a Cadeira n. 11 da ALFRS, no discurso de posse, enfatiza a qualidade dos escritos de Andradina, sua capacidade criativa, sensibilidade, inspiração, criação de imagens grandiosas, grande observadora do corpo social, patenteando sua admiração pela escritora.

É inegável como a ação de Andradina caracterizou-se pela coragem e espírito de vanguarda. Viúva, não se intimidou, fez de seu trabalho intelectual o sustento da família, fato não comum na época. Seus empreendimentos a levaram adiante tanto no campo familiar quanto intelectual: lecionou, editou livros, fez conferências remuneradas, indo na contramão do que se esperava da mulher da época. No período en-

tre 1915 e 1920 (FLORES, 2007), realiza viagem cultural com a filha Lola, percorrendo países como Uruguai, Argentina, Paraguai e também o estado de Mato Grosso. Tal empreendimento lhes valeu a subsistência, a autora proferindo palestras e conferências, e Lola vendendo suas telas e ministrando aulas de desenho e pintura. Após esse período, ambas passam a residir em Ribeirão Preto, município do interior de São Paulo, não sem antes viver, temporariamente, em Jaú. Coube à escritora prefaciar a obra de estreia da filha Lola de Oliveira, *Ametistas*, que alcançou seis edições. Sem muitos registros dessa época, o que se resgata é que, durante a Revolução Constitucionalista de 1932, Andradina de Oliveira foi presa, o que lhe acarretou insanidade mental, levando-a à morte em 1935, aos 71 anos de idade, na cidade de São Paulo.



Andradina Améria Andrade de Oliveira, sentada à esquerda da filha Lola de Oliveira.

Fonte: SHUMAHER, S.; BRAZIL, É. V. (Org.). *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 42.

Coerente com suas realizações, Andradina de Oliveira deixou apreciável legado para o campo das letras. Rita Terezinha Schmidt (2004, p. 839-840) e Hilda Agnes Hübner Flores (2007, p. 21-22), em importantes inventários, apresentam as obras publicadas pela escritora, no período entre 1878 e 1935, quais sejam: *Antônio conselheiro*, Porto Alegre, 1878 e São Paulo, 1935 (drama encenado em Porto Alegre, em 1902, pelo Conjunto do Centro Artístico “Furtado Coelho”); *Você me conhece?* Rio Grande, RS (comédia estreada em 1889); *O sacrifício de Laura*. Rio Grande, RS (drama estreado em 1891); *Preludiando*. Rio Grande, RS, 1987, 170 p. (contos); *Viúva e virgem*, 1902 (drama); *Berço vazio*. Porto Alegre, 1902 (drama); *Pensamentos*. Porto Alegre, 1904 (contos); *A mulher rio-grandense: escritoras mortas*<sup>2</sup>. Porto Alegre: Americana, 1907 (síntese biográfica com retratos); *Cruz de pérolas*. Porto Alegre: Americana, 1908 (narrativas breves - Medalha de Ouro em Exposição Nacional do Rio); *Contos de Natal*. Porto Alegre: Americana, 1908 (literatura infantil); *O perdão*<sup>3</sup>. Porto Alegre: Americana, 1910 (romance); *Divórcio?*<sup>4</sup> Porto Alegre: Universal, 1912 (tese social); *O abismo*. Porto Alegre: Universal, 1912 (romance); *Consuelo*. Porto Alegre, 1915 (romance). Ainda registram a participação da autora em antologias: “Última noite de outono”. In: CARVALHO, Nelly Rezende e KRUG, Guilhermina. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935. p. 159-61; “À margem do Guaíba”. In: MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses*. Rio de Janeiro: Minerva, 1952. Também são apresentados títulos de conferências: “As cataratas do Iguaçu”; “A mulher não é inferior ao homem”; “A mulher através dos tempos”; “Brasil”; “O mar”. Além disso, outras obras lhe são atribuídas, embora não apresentem dados completos de imprensa: *A condenada*; *Em defesa da mulher* (coletânea de artigos publicados no *Escrínio*); *A outra* (romance); *Pátria e Bilac*; *O dia e os dias*. Flores (2007) assinala que, na edição *príncips* da obra *Divórcio?* (1912), aparecem como inéditos

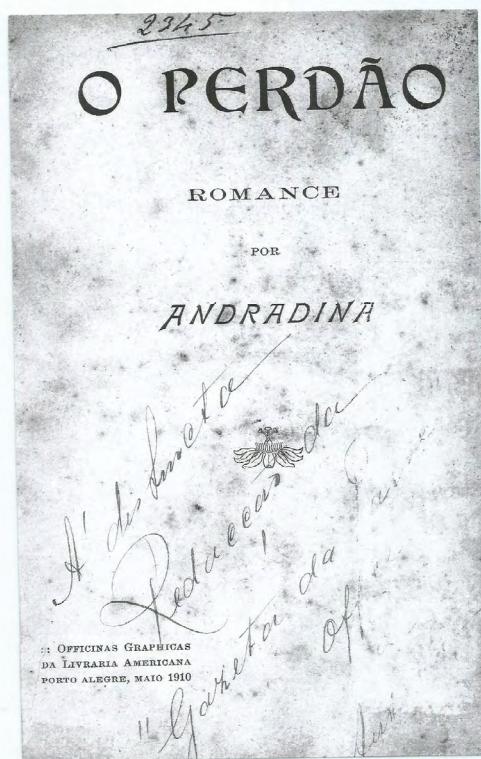
2 Flores (2007, p. 21), em nota de rodapé, destaca que a obra apresenta a biografia de: Delfina Benigna da Cunha, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Revocata dos Passos Figueiroa e Melo, Rita Barém de Melo, Luciana de Abreu, Maria Benedita Bormann, Maria Josefa Barreto, Marie Helena da Câmara Andrade Pinto, Leocádia Grecco, Luísa Cavalcanti Filha e Alaíde Ulrich.

3 Em 2010, foi publicada uma “Edição comemorativa dos 100 anos da primeira edição” pela editora Mulheres (Florianópolis), com a organização de Rita Terezinha Schmidt.

4 A segunda edição de *Divórcio?* ocorreu em 2007 com a organização de Hilda Agnes Hübner Flores, pelas editoras Ediplat (Porto Alegre) e Mulheres (Florianópolis).

os títulos: *O grande amor* (romance); *A crucificada* (romance); *Contos infantis*; *Das minhas memórias*; *Livro de saudade*; *Crônicas femininas*; *Poucos versos*; *Dramas*; *Babel de uma alma*; *O Rio Grande do Sul*. Esses títulos também são listados por Schmidt (2004).

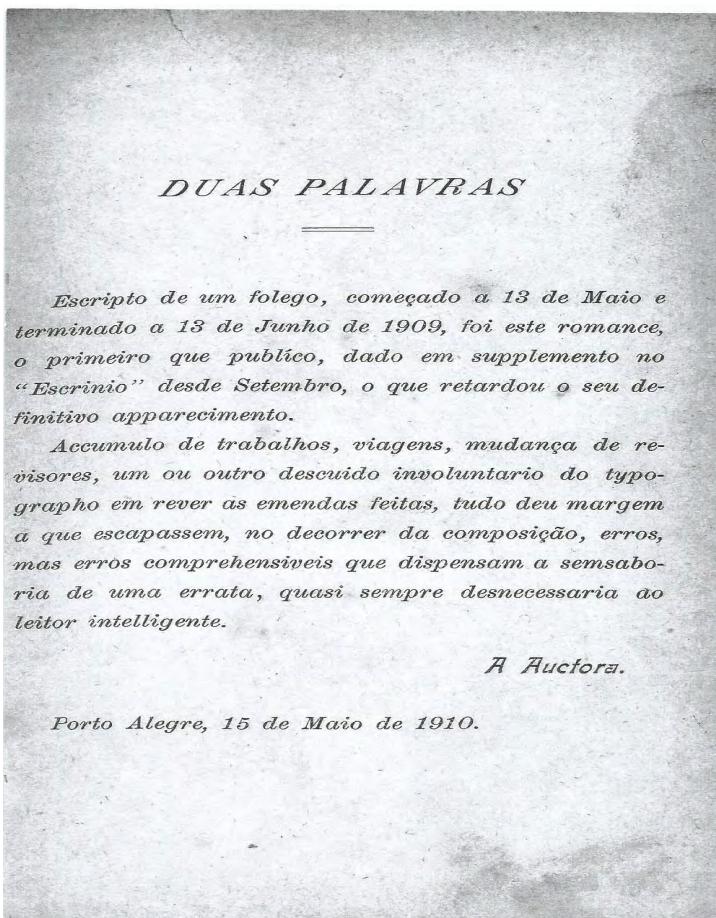
Embora oficialmente publicada em 1910, pelas Oficinas Gráficas da Livraria Americana de Porto Alegre, a obra *O perdão* circulou, antes disso, em forma de folhetim no *Escrínio*, fato esclarecido pela autora na abertura do romance. Em acervo da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul (UCS), encontra-se um exemplar da obra, em cuja capa consta, quanto falha de nitidez, uma dedicatória de Andradina de Oliveira, o que valoriza grandemente o documento.



Capa da primeira edição da obra *O perdão*, 1910.

Fonte: OLIVEIRA, A. A. A. de. *O perdão*. Porto Alegre: Americana, 1910. Acervo da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Coleção especial de Laudelino Teixeira de Medeiros.

No texto “Duas palavras”, abertura da obra naturalista *O perdão*, Andradina de Oliveira esclarece ao leitor que o romance foi escrito de um só fôlego e que possíveis erros poderiam ter “escapado”, erros “comprehensiveis [...] ao leitor intelligente.”



Palavras com que Andradina de Oliveira apresenta a obra *O perdão* (1910) a seus leitores.  
Fonte: OLIVEIRA, A. A. A. de. *O perdão*. Porto Alegre: Americana, 1910. Acervo da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Coleção especial de Laudelino Teixeira de Medeiros.

A narrativa gira em torno da protagonista Estela, a primogênita da família Leonardo de Souza, rico fazendeiro, representante do poder econômico e patriarcal do Rio Grande do Sul, no final do Século XIX e início do XX. Constitui, juntamente com os demais membros do clã, parte da elite de Porto Alegre oitocentista, cujo comportamento em tudo se parece à alta burguesia europeia. Cogitando manter uma vida abastada e confortável, Estela casa-se com Jorge, jovem abonado da sociedade porto-alegrense, com quem acredita será feliz. No entanto, um acontecimento inesperado – a chegada de Armando, sobrinho do marido, um *bon vivant* que vem do Rio de Janeiro para concluir os estudos no curso de Direito – a faz descobrir-se um ser vulnerável, capaz de conhecer um arrebatamento nunca antes experimentado. Desse momento em diante, a protagonista vivencia medo, vergonha, sofrimento por sentir-se indigna de conviver com a família, desencadeando um processo opressivo de autopunição, que a leva ao suicídio. Todos esses acontecimentos são acompanhados pela sensibilidade de uma voz narrativa sintonizada com a vivência repleta de agonia da protagonista, representação do sujeito feminino da época.

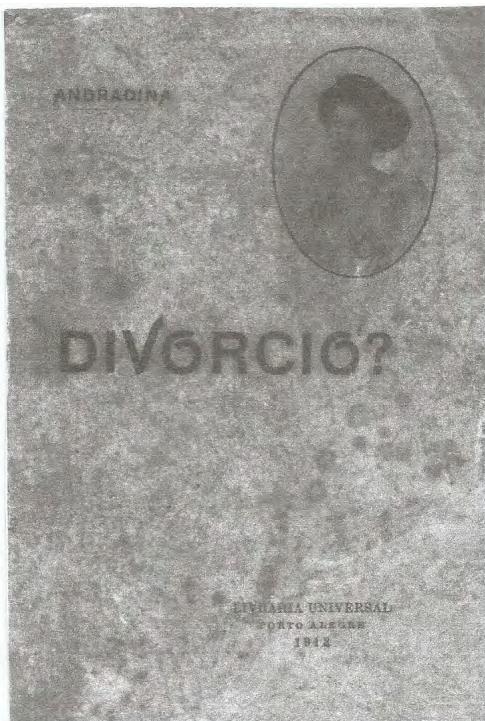
Também é possível delinejar, na obra, a representação de um contexto em que as classes sociais são ordenadas entre os que detêm o poder econômico e os que dependem de favor benemerente para sobreviver. Isso ocorre com os pobrezinhos de Lúcia, com Birutinha, com os serviços da casa, fato que viabiliza a demonstração de benevolência da família Souza. A denúncia é gritante quando Eva, escrava alforriada e cozinheira da família, embora se reconhecendo “burra”, afirma que entende determinadas coisas, como a caridade feita para que haja o reconhecimento público do feito praticado.

Sem dúvida, Andradina de Oliveira estava atenta aos contextos social, político e econômico de sua época e, ao colocá-los em universos ficcionais, propiciava ao público uma oportunidade de reflexão acerca de si e da realidade circundante. Assim, conjecturando sobre o poder humanizador do texto literário, é possível presumir que o contato com os escritos da ficcionista faculta ao leitor constatar importantes conjunções daquele tempo, alargando sua visão do mundo.

Ao publicar a obra *Divórcio?* (1912), mais uma vez, Andradina de Oliveira demonstrou sua posição de vanguarda, determinação, deste-

mor, observação. Do gênero epistolar, a obra é constituída de 25 cartas, cada qual com argumento diverso, entretanto todas convergem para o mesmo tópico: a importância da instituição do divórcio para as famílias brasileiras.

Polêmico para a época, o livro provocou grande impacto nos meios sociais devido à temática abordada, colocando à mostra a hipocrisia da sociedade em relação à indissolubilidade do casamento. São homens e mulheres que falam de seus infortúnios na vida conjugal, da dor que carregam por não poderem refazer suas vidas, constituir outras famílias, desvincilhando-se de antigas convenções.



Capa original, Porto Alegre 1912

Fonte: OLIVEIRA. A. A. A. de. *Divórcio?* Organizado por Hilda Agnes Hübner Flores. Porto Alegre: Ediplat; Florianópolis: Mulheres: 2007, p. 4.

Na abertura do livro, em seção intitulada “Às mulheres e aos homens do meu país”, Andradina faz uma exortação aos leitores para que abram o livro sem medo, pois é “um livro moral.” A autora é contundente ao denunciar o comportamento de uma sociedade repleta de preconceitos, a falta de atenção em relação à educação feminina, a posição inquisitorial da Igreja que não reconhece a justeza do divórcio para o restabelecimento da felicidade de determinadas famílias. A obra enseja a identificação com personagens que extravasam seus mais consternados sentimentos em relação à vida familiar, que poderiam ser redimidos, caso o divórcio fosse instituído. Evidencia-se a situação da mulher, na separação do casal, que passava a ser vista com reprovação, por ser “mulher desquitada”, e isso não era perdoado pela sociedade. São vozes que, sensibilizadas, conclamam a aprovação do divórcio como um bem social. Por fim, enfatiza sua defesa ao divórcio, apontando a mesquinhice das restrições impostas à mulher, contrapondo-se à anuência à realidade masculina.

Nessas cartas, também ocorre o elogio ao feminismo, reconhecido como uma das lutas mais legítimas pelos direitos femininos, o caminho pelo qual as mulheres poderiam alcançar a consciência de seu verdadeiro lugar “na família, na sociedade, na pátria.”

A autora, tanto em seus escritos literários quanto nos demais, permitiu virem à tona experiências humanas, em grande parte, dolorosas, que demandam um olhar atento, uma atitude de respeito pela busca de igualdade, de justiça. As personagens de suas obras ficcionais vivenciam situações em que afloram sentimentos afilítivos, que possibilitam à leitora identificar-se com as situações representadas, e ao leitor, sensibilizar-se diante das circunstâncias vividas, notadamente, pelo sujeito feminino. Seus artigos, suas palestras, suas conferências abrangem temas de vanguarda para seu tempo, verdadeiros testemunhos de perseverança e de crença na importância em continuar abordando essas questões com veemência. Andradina América Andrade de Oliveira soube interpretar os valores sociais de sua época e, ao construir uma crítica de resistência, reiterou o comprometimento com seu tempo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira, diretora Presciliâna Duarte de Almeida. Edição fac-similar / com comentários de Zuleika Alambert. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria do Estado da Cultura, 1987. Reprodução em livro, dois volumes, da Revista Literária publicada de 1897 a 1900, na cidade de São Paulo.

FLORES, H. A. H. Apresentação. In: OLIVEIRA, A. A. A. de. *Divórcio?* Porto Alegre: Editora Ediplat; Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

FLORES, H. A. H. *Dicionário de mulheres*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

GAUTÉRIO, R. C. H. *Escrínio, Andradina de Oliveira e sociedade(s): entrelaços de um legado feminista*. 2015. 391 p. Tese (doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis, SC.

SANTOS, S. R. P. dos. *Duas mulheres de letras: representações da condição feminina*. Caxias do Sul, RS: Editora Educs, 2010.

SANTOS, S. R. P. dos. Imprensa feminina no Brasil oitocentista: a presença de Andradina de Oliveira em A Mensageira, revista literária dedicada à mulher brasileira. In: ZINANI, C. J. A. (Org.). *Imprensa feminista e literatura: contribuições da revista A Mensageira*. Caxias do Sul/RS: Editora Educs, 2019. p. 63-82.

SCHMIDT, R. T. Andradina América Andrade de Oliveira. In: MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. v. II. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Editora EDUNISC, 2004. p. 835-859.

SCHUMAHER, S.; BRAZIL, É. V. (Org.). *Dicionário mulheres do Brasil*: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

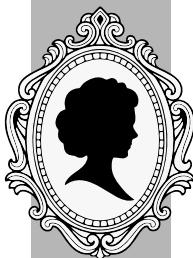
SOARES, P. M. Feminismo no Rio Grande do Sul: primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina; ROSEMBERG, F. (Org.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

VILLAS-BÔAS, P. L. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Editora EST, Edigal, 1991.

TACQUES, A. F. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*: antologia de escritores brasileiros e estrangeiros. Porto Alegre: Editora Thurmann, 1956.

ZILBERMAN, R. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1992.





# A VIDA E A OBRA DE LUÍSA CAVALCANTI FILHA GUIMARÃES (1869-1891) E DE JÚLIA CÉSAR CAVALCANTI (1871- 1890): FRAGMENTOS BIOGRÁFICOS

REGINA KOHLRAUSCH\*

Elas viveram e morreram no século XIX. A vida foi curta, mas intensa, pois tiveram a audácia de pertencer a um grupo para o qual, considerando o contexto, as mulheres eram vistas como adorno e propriedade e não como sujeitos pensantes capazes de, da mesma forma que os homens, produzir e publicar literatura em livros, em revistas, em jornais, em periódicos e em almanaque de suas épocas. Porém, para chegar ao almanaque, neste caso o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, que circulou entre 1851 e 1932<sup>2</sup>, há uma trajetória a ser seguida

\* Doutora em Letras (Teoria da Literatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora titular da Escola de Humanidades da PUCRS, onde atua como professora em níveis de graduação e pós-graduação.

2 Informações acerca da fundação e circulação do Almanaque encontram-se no artigo “Notas para o estudo da presença feminina no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro”, de Vania

e assim traçar, com fragmentos de vida, uma biografia, breve e nem tão completa, destas duas mulheres, as irmãs, Luísa Cavalcanti Filha, posteriormente Luísa Cavalcanti Guimarães, e Júlia César Cavalcanti, nascidas em Pelotas, RS. Para constituir o caminho percorrido, contou-se com o apoio das histórias literárias brasileira e de textos publicados em livros e revistas e/ou periódicos visando recuperar o que se disse e o que se registrou delas e sobre elas para, então, prospectar a história de vida ou fragmentos biográficos das irmãs Cavalcanti que aqui se apresenta.

Segundo a ordem cronológica das fontes primárias pesquisadas, que sinalizam à existência das escritoras, a primeira origina-se do periódico *Crepúsculo*<sup>1</sup>, de 08 de julho de 1889, informando que conta com a colaboração das “distintas escritoras rio-grandenses DD. Cândida Fortes, Cândida Abreu, **Luiza Cavalcanti Guimarães**, respeitável esposa do primoroso poeta Mathias Guimarães<sup>2</sup> e **Julia Cavalcanti**”. O editor continua sua apresentação, considerando-as como “valentes poetisas muito conhecidas por todo o vasto país das Letras são todas primorosamente inspiradas” que, conforme afirma nesse anúncio, “digaram se assoberbar com suas inspiradíssimas produções literárias as páginas do *Crepúsculo*”.

Júlia César Cavalcanti faleceu em 24 de abril de 1890, em Pelotas, cidade de seu nascimento, nove meses depois de sua primeira participação no *Crepúsculo*, que circulou publicado em 08 de julho de 1889. Sua contribuição consiste na publicação da sentença “Apoteosando a Liberdade seja a República o luminoso santelmo de nossa Pátria” (*CREPÚSCULO*, 1889, p. 3), a qual indica a posição da escritora em relação ao contexto histórico brasileiro de sua época, a saber: a favor da instauração da forma republicana presidencialista e pelo fim da monar-

Pinheiro Chaves, publicado na revista *Navegações* – Universidade de Lisboa, v. 4, n. 2, p. 187-192, jul./dez. 2011.

1 Documento digitalizado originário do Acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina.

2 Conforme destaca Povoas (2017), ao comentar sobre o poema “À campesina”, publicado no *Corimbo*, em maio de 1886, seguido da assinatura M. Guimarães, e na pesquisa realizada para este texto, não há registros ou verbetes com dados biobibliográficos desse poeta na bibliografia consultada e indicada nas Referências. Povoas explica que foi possível “desdobrar a inicial M. para Matias em função de um registro anterior, no *Corimbo* de abril de 1886, que se refere a um Matias Guimarães, como “inteligente jovem pelotense” e “inestimável colaborador” da revista”. (PÓVOAS, 2017, p. 162). A menção ao poeta, nas referidas obras e textos, aparece com o indicativo de esposo da também poeta **Luiza Cavalcanti Filha**, que adotou o nome do marido, passando a chamar-se **Luiza Cavalcanti Guimarães**.

quia constitucional, ou seja, vê na República o farol protetor da Pátria e a possibilidade da liberdade coletiva.

Acompanhando a posição da irmã, Luísa Cavalcanti, que faleceu em 05 de março de 1891, dezoito meses depois de sua irmã, também, primeira aparição no *Crepúsculo*, e onze meses depois do falecimento de Júlia, em suas duas sentenças publicadas também em 08 de julho de 1889 – “A descrença é um suicídio moral” e “A democracia é o elemento integrante da civilização” (*CREPÚSCULO*, 1889, p. 3) –, expressa, por um lado, a defesa da necessidade de se acreditar em algo ou em alguma coisa para garantir uma existência ética e, por outro, a convicção da democracia como condição para um mundo que se quer civilizado. Significa, portanto, que se está diante de duas defensoras, no final do século XIX, da democracia e do presidencialismo, ecoando hoje, início do século XXI, quando ainda se faz necessário ir à rua para preservar a democracia, a liberdade e os direitos humanos.

Em função da finitude humana, essa militância a favor da República e da democracia, como sistemas integrantes da civilização, foi interrompida devido ao falecimento precoce das irmãs Cavalcanti. Perdeu-se a voz, mas não o eco, perdeu-se a escrita em processo, mas não a palavra já escrita.

A morte de Júlia está registrada na nota de Vitor de Castro (*NALLB para 1892*, p. 317-318), com o título “Julia Cavalcanti”, que acompanha o texto “Ficção”, de autoria da escritora, escrito no ano de sua morte, enviada para publicação no *Almanaque*. Diz a nota:

A talentosa autora do belo escrito [Ficção], que em seguida se vai ler, faleceu nesta cidade, a 24 de abril de 1890, com dezenove anos de idade apenas, vitimada por uma tuberculose pulmonar, lenta e impiedosa, que lhe excruciou a existência, aniquilando-a fibra a fibra até destruí-la completamente. (CASTRO, 1892, p. 317-318)

Na continuidade do texto, Vitor de Castro expressa sua admiração, sua dor e seu afeto, reitera elogios que apontam ao talento, ao mesmo tempo que lamenta o fim do sonho individual e da esperança daqueles que acreditavam em um futuro promissor no universo das letras por conta da tuberculose, mal que ceifou uma infinidade de jovens no decorrer do século XIX, entre elas as irmãs Cavalcanti:

Prometia dar muito a simpática e distinta moça, mas, desgraçadamente para os seus sonhos de futuro e para as esperanças de quantos punham nela as castas alegrias, afetos sinceros e extremos, a morte golpeou-a muito cedo ainda, quando à sua formosa e peregrina inteligência se rasgavam róseos e dilatados horizontes, onde certamente a mal-aventurada escritora palparia a realidade da visão que lhe confagrava a imaginação ardente – a felicidade...

Como homenagem de apreço e saudade pela ilustre moça aqui deixo neste livro de lembranças estas ligeiras linhas que traduzem o meu muito sentir e o meu muito querer-lhe. (CASTRO, 1892, p. 317-318).

A morte, com apenas dezenove anos, impediu que Julia realizasse o sonho de seguir a carreira literária, mas o tempo vivido oportunizou sua participação em periódicos diversos, entre eles, o *Progresso Literário* (Pelotas, 1877), *A Ventarola* – “Folha ilustrada e humorística” (Pelotas, 1887-1890), *Crepúsculo* – Gazeta Literária (Desterro, 1889), *O Radical* (Pelotas, 1890, do partido Republicano). Acredita-se que o levantamento dessa colaboração, conforme apontam pesquisas sobre a imprensa rio-grandense, que confirmam o nome de Julia entre os colaboradores e colaboradoras desses periódicos, possibilitariam uma visão mais completa da produção dessa escritora no que se refere, por exemplo, ao gênero textual e também à temática abordada. Pode-se dizer, considerando a sentença destacada acima, por um lado, a prevalência de um olhar crítico e militante em relação ao contexto social, e, por outro, como sinalizado pelos estudos acerca de sua aparição no *Almanaque* e confirmados pela leitura de seus textos ali publicados, o vínculo ao gênero prosa e ao estilo romântico da sua época.

De sua produção literária já registrada, destacam-se os textos “Ficção” (*NALLB para 1892*, p. 318-319), de 1890, “A felicidade” (*NALLB para 1893*, p. 159-160), de abril de 1890, “Quimeras” (Póstumo) (*NALLB para 1894*, p. 454-456), de 1888, “Conto medieval” (*NALLB para 1895*, p. 405-406), sem data, “Impressões” (*NALLB para 1896*, p. 389-390), sem data, “Aventura fatal” (*NALLB para 1897*, p. 195), sem data, “Reflexos” (*NALLB para 1898*, p. 215), de 1890, “Frases aéreas” (*NALLB para 1900*, p. 187-188), de 1890, publicados postumamente no NALLB (*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*). Convém salientar que não há indicação de que esses textos tenham sido editados anteriormente em algum outro periódico. O que se

sabe, é que Julia Cesar Cavalcanti colaborou com periódicos diversos e, graças a publicação póstuma no *Almanaque de Lembranças*, ela passou a integrar o rol de escritoras que escreveram e tiveram suas produções lançadas ao público.

Registra-se, no entanto, que estar no *Almanaque* não foi suficiente, pois o nome de Júlia César Cavalcanti não consta em nenhum dicionário ou história da literatura, ausência que se justifica, talvez, pelo fato de não ter publicado obra autoral em vida e por não ter recebido nenhuma edição póstuma, exceto a merecida homenagem de Vitor de Castro, quem, pela admiração e afeto, enviou para divulgação o texto “Ficção” e, provavelmente, pois não foi localizado, até o momento, outra possibilidade, os demais que foram publicados a cada ano, entre 1892 e 1900, exceto no ano de 1899. É, portanto, graças à percepção da literalidade dos textos divulgados pelo *Almanaque* que se pode aqui validar o trabalho e a produção literária dessa jovem escritora, que teve uma existência curta, mas não alheia ao seu entorno político e literário de sua trajetória.

Luísa Cavalcanti Filha, nascida em 03 de agosto de 1869, passou a se chamar Luísa Cavalcanti Guimarães, após casamento com o poeta Matias Guimarães, faleceu em 05 de março de 1891<sup>3</sup>. Além da sua defesa em prol do estado democrático, ela posicionou-se em relação aos direitos da mulher, como, por exemplo, no artigo publicado no jornal *Correio Mercantil*, em 29 de abril de 1886 (CUNHA, 2009, p. 117), ao dirigir-se às jovens mulheres, convida-as “ao cultivo de seu intelecto”:

o jovem Brasil almeja, projeta progredir, elevar-se à amplitude das cultas potências europeias, o que não conseguirá enquanto não se compenetrar da absoluta necessidade de instruir a mulher, esta importante parte da dualidade humana [...].

Estude donzela, despreze os bailes, os vãos saraus, onde imperceptivelmente desprende suas asas cândidas, dedique-se ao cultivo do intelecto, que a coadjuvada pela soberba intuição que lhe deu a natureza, exibir-se-á condignamente nas cenas da vida”.  
(GUIMARÃES Apud CUNHA, 2009, p. 117).

---

<sup>3</sup> Sobre a data de falecimento, Flores (2011, p. 169) informa a data de 25 de março de 1891. No entanto, considerando os demais registros que comentam acerca da vida e da obra da escritora, indicando o dia 05 de março de 1891, acredita-se ser um problema de digitação.

Conforme explicitado no texto, Luiza deixa claro sua percepção de que um país que almeja progredir e elevar-se à altura das nações europeias, parâmetro civilizatório dos países em busca de suas independências e estabelecimento enquanto nação, deve investir na formação e na instrução das mulheres, posição em sintonia com o pensamento, por exemplo, de Luciana de Abreu e Amália Figueiroa de Mello, integrantes da Sociedade Partenon Literário, que aproveitavam a *Revista Mensal do Partenon Literário* para divulgar seus pontos de vista em prol das mulheres. Evidencia-se, no texto, que essas questões da formação e instrução e do direito de aprender feminina passa também pela conscientização das jovens donzelas, ou seja, ao dirigir-se a elas, orientando que estudem e que desprezem os bailes e “vãos saraus”, para dedicar-se aos estudos, é uma forma de dizer que estudar e ter uma formação deve ser também uma vontade pessoal, pois, se já há uma intuição natural que possibilita resolução e intervenção sensatas, com o estudo terão ainda mais condições de intervir no cotidiano da vida.

A morte, com apenas 22 anos, também motivada pela tuberculose, não impediu que Luísa, diferente de sua irmã mais jovem, Júlia, deixasse um legado literário mais efetivo. Segundo consta, das mulheres cujas produções escritas foram divulgadas no *Almanaque*, Luísa foi uma das poucas que teve obra editada, conforme destaca Moreira (2014, p. 220). No ano de 1886, veio a público o livro *Alvoradas*: poesias, composto de 69 poemas, prefaciado por Francisco de Paula Pires, editado em Pelotas, pela Tipografia Alemã-Brasileira. (BLAKE, 1899, p. 482). Essa publicação recebeu uma nota na imprensa rio-grandina, mais especificamente no *Corimbo*, de Rio Grande, em fevereiro de 1886, assinada por Matias Guimarães<sup>4</sup>, que veio a ser, posteriormente, o esposo de Luísa. A nota em questão, “*Alvoradas. À simpática poetisa pelotense Exma. Sra. D. Luiza Cavalcanti*”, anuncia, em forma de poema, a obra lançada, conforme segue:

---

<sup>4</sup> Segundo informado por Póvoas (2017, p. 213, nota 286), ao tratar da consolidação do sistema literário, o texto de Matias Guimarães foi publicado no *Corimbo*, Rio Grande, anos 1, n. 9, p. 8-9, fev. 1886. Esta mesma nota informa ainda que “posteriormente, ela se casou com Matias Guimarães, trocando seu nome para Luísa Cavalcanti Guimarães”.

São *Alvoradas* gentis,  
Cheias de flores, de cantos,  
De luzes, perfumes, prantos,  
De voos de colibri...

Cheias de anjos, huris,  
Formosas como amarantos,  
Que nos dão sorrisos santos  
Vermelhos como rubis...

Que tem nos olhos, da Sirius  
Fulgurações misteriosas  
Que dulcificam martírios...

São *Alvoradas* formosas!  
- Parecem feitas de lírio  
De lírios brancos e rosas...<sup>5</sup>

Além do livro *Alvoradas*, segundo consta nos verbetes acerca da atuação de Luísa, ela colaborou em diversos jornais, publicando poemas, entre eles, “Uma tarde”, no *Tribuna Literária* (Pelotas), em 08 de janeiro de 1882; “A luz”, no *Tribuna Literária* (Pelotas), em 22 de janeiro de 1882; “Recordações”, no *Tribuna Literária* (Pelotas), em 29 de janeiro de 1882; “O sabiá”, no *Tribuna Literária* (Pelotas), em 05 de fevereiro de 1882; “Amor filial”, no *Arauto das Letras* (Rio Grande), em 24 de dezembro de 1882; “Chromo”, no *Corimbo* (Rio Grande), em 11 de abril de 1886; Artigo, no *Correio Mercantil* (Pelotas), em 29 de abril de 1886; “O Retrato”, no *Corimbo* (Rio Grande), em 13 de junho de 1886; “A enjeitada”, no *Progresso Literário* (Pelotas), em 22 de julho de 1888; “Talvez”, no *Progresso Literário* (Pelotas), em 06 de janeiro de 1889; *Crepúsculo – Gazeta Literária* (Desterro), em 08 de julho de 1889; bem como o artigo “A mulher”, no *Tribuna Literária* (Pelotas), em 19 de março de 1882, e a crônica “A Formatura”, no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande), no ano de 1890<sup>6</sup>. Participou ainda da Sociedade Partenon

5 Poema transcrito por Póvoas, (2017, p. 213).

6 CD – Anexos.pdf – Fichas bibliográficas dos Autores da Antologia, p. 76-77. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014.

Literário e da Sociedade Iris Brasílico<sup>7</sup>.

Em relação ao *Tribuna Literária*, inaugurado em janeiro de 1882, jornal declaradamente republicano e abolicionista, convém salientar que a participação de Luísa coincide com o ano em que ela completou catorze anos de idade, atuação essa que valida a prospecção de que se sua trajetória literária estava vinculada ao contexto político e social, ou seja, com catorze anos a completar já fazia parte do corpo de colaboradores de um jornal declaradamente comprometido ideologicamente com ideais democráticos. Pode-se dizer o mesmo sobre o *Correio Mercantil*, de propriedade do republicano e abolicionista, Antonio Joaquim Dias, que se pretendia imparcial e apenas noticioso, não teve como evitar seu comprometimento ideológico ao veicular, por exemplo, o artigo de Luísa direcionada às donzelas pelotenses incitando-as a desprezar os saraus e a dedicar-se ao estudo em busca de instrução e de formação.

Em 1891, ano do falecimento de Luísa, veio à luz a antologia literária *Sonoras*, publicada pela editora Universal de Pelotas. Trata-se, conforme explica Cunha (2009), de um projeto organizado por Francisco de Paula Pires com a ajuda de Carlos Bandeira Renault e Antonio J. Ferreira de Campos, os quais convidaram a participar colegas e amigos que publicavam nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, conformando-se com um total 174 poemas, entre os quais, encontram-se poemas de autoria de Luísa Cavalcanti Guimarães. Em função da não localização da obra física e nem no formato digital, não é possível precisar quais e quantas composições integram a antologia. Aqui, como no caso de Júlia, para complementação da produção literária da poeta, faz-se necessário ir a campo e completar o fragmento aqui exposto.

Passados três anos da morte de Luísa, em concomitância, nos anos de 1894 e 1896, com as publicações dos textos de Júlia, encontram-se três poemas de Luiza no *Novo Almanaque de Lembrança Luso-Brasileiro*, edição que reitera a importância literária da poeta. Trata-se de “Painel” (Póstumo), datado de 1886, e veiculado no *Almanaque para 1894*, “No Guaíba”, dedicado “À minha irmã Julia Cesar Cavalcanti” e “O ama-

---

<sup>7</sup> Conforme Cunha (2009, p. 74), essa Sociedade estava vinculada ao jornal *Progresso Literário* e tinha por modelo direto a **Sociedade do Partenon Literário**, pois alguns de seus representantes também eram membros e colaboradores da Sociedade Íris Brasílico como: Bernardo Taveira Júnior, Apolinário Porto Alegre, Hilário Ribeiro, Lobo da Costa, Teodoro de Miranda, Vitor Valpírio, Geraldo de Farias Correa, Frederico Sattamini e Luiza Cavalcanti.

nhecer” (Versos dos quinze anos), sem indicação da data da escrita dos poemas, incluídos no *Almanaque para 1896*.

Essa produção poética, como explica Moreira (2014), comunga, por exemplo, com Cândida Fortes Brandão, poeta de Cachoeira do Sul, que também teve sua produção editada no *Almanaque*, a mesma ideologia republicana e, literariamente, o pendor romântico, manifesto em seus versos. Moreira salienta ainda que,

ao contrário da cachoeirense, Luísa Cavalcanti imprime outra tonalidade ao Romantismo, ao abandonar os tons melancólicos de tristeza e infortúnio, para expressar seus sentimentos em versos leves e coloridos em que a paisagem é motivo recorrente para o exercício poético. Os três textos publicados no *Almanaque*, entre 1894 e 1896, são representativos dessa tendência e da tematização da natureza associada ao íntimo do sujeito poético. (MOREIRA, 2014, p. 210).

Essa temática e essa tendência associadas ao romantismo, como também se revela na produção escrita de Júlia, confirmam o alinhamento de Luísa e, consequentemente, das irmãs, ao estilo literário próprio de sua época. Não é só presença da natureza física local, mas também a expressão do sentimentalismo saudoso e melancólico, como se pode verificar em “Ficção”, de Júlia, escrito no ano de sua morte:

A natureza, vestida de gala, exibia magnífico e deslumbrante painel.  
Trilava ridente a passarada, doudejando no espaço, pleno suavíssimas fragrâncias que se desatavam do róseo seio da peregrina diva que se ataviava para o noivado – a primavera, cujos ósculos vivificantes reverdeciam os prados, marchetados de boninas e outras flores silvestres, porém admiráveis!

(...)

Só há verdadeiro êxtase no campo!

Doce saudade, porém, me despertava o melancólico Outono, que já tão longe se ia! Oh! O pálido Outono é para mim a fase predileta do ano!

Eu sofrera tanto, tanto que me tornara invulnerável à alegria por isso que, mesmo acariciada pela felicidade, transparecia sempre em meu semblante mórbido reflexo de uma tristeza vaga!

Tarde, muito tarde, sorria-me a ventura! (CAVALCANTI, Júlia, 1890. NALLB para 1892, p. 317-318).

Ainda sobre a escrita de Luísa, além da nota do poeta Matias Guimarães, ao saudar “a simpática poetisa”, com versos marcados pela natureza local, anuncia o livro que é posteriormente validado, ao ser inserido no *Dicionário bibliográfico brasileiro*, de Blache (1899, p. 482), autor do primeiro verbete que inclui a poeta no sistema literário nacional. Nessa inclusão, afirma o dicionarista: “D. Luiza Cavalcanti Filha, natural do Rio Grande do Sul, cultivou com elegância e gosto a poesia escreveu: - *Alvoradas*: poesias (...). Seus versos são belos e naturais, sem palavrões ou termos estudados, como usam os poetas modernos”. (BLAKE, 1899, p. 482). Pode-se inferir desta afirmação, além do gosto pessoal do historiador, a validação da naturalidade da expressão poética presente nas composições do referido livro assim como nos poemas dispostos no *Almanaque*.

Assim, seguindo fontes, conforme menções acima, foi possível acompanhar rastros e reunir fragmentos que registram a vida e a obra das irmãs Cavalcanti. Convém, procurando situar o caminho percorrido neste texto, pensar este resultado, que se quer biográfico, também como a conformação de uma espécie de arquivo, à luz de Assmann (2011, p. 368), que vê o arquivo como “um armazenador coletivo de conhecimentos que desempenha diversas funções” e nesse funcionamento, como acontece com qualquer armazenador, “três características desempenham papéis fundamentais: *conservação, seleção e acessibilidade*” (ASSMANN, 2011, p. 368). Nessa linha, ao resgatar e selecionar os dados relacionados à vida e à obra das escritoras, Luísa Cavalcanti Guimarães e Júlia César Cavalcanti, configura-se, aqui, mais um material a ser acessado em busca do preenchimento de lacunas que conformam vidas.

É, portanto, na conservação e na acessibilidade, ao traçar o percurso de vida das escritoras, que tiveram uma curta existência, porque a morte as levou quando tinham apenas dezenove anos a primeira, e vinte e dois anos, a segunda, que este texto homenageia Luísa e Júlia e também suas contemporâneas que juntamente com elas desafiaram o sistema patriarcal e se posicionaram frente aos assuntos que defendiam mudanças para o bem estar social, entre eles, a favor da república, o fim da escravidão e o direito das mulheres à instrução e formação para que pudesssem garantir sua sobrevivência. Finalizando sem terminar, pois uma biografia segue sempre inconclusa em função das novas pistas

e de novas fontes, as escritoras Luísa Cavalcanti Guimarães e Júlia César Cavalcanti, apesar da brevidade da vida física, registraram sua compreensão em torno do contexto histórico de sua época assim como deixaram impresso a expressão de sentimentos que seguem ecoando, pois ainda precisamos de literatura, de democracia e de liberdade.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionario bibliográfico brasileiro*. 7 v. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899, arquivo 000011472\_05, p. 482. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>, acesso em 29/10/2019, 17h.
- CASTRO, Vitor de. (Pelotas). Júlia Cavalcanti. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1892*, p. 317-318.
- CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014.(Livro acompanhado de CD).
- CHAVES, Vania Pinheiro. Notas para o estudo da presença feminina no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. *Navegações – Universidade de Lisboa*, v. 4, n. 2, p. 187-192, jul./dez. 2011.
- CREPUSCULO – GAZETA LITTERARIA. PROPRIEDADE DE SABBAS COSTA**, Desterro, 8 de Julho de 1889. ANNO III, nº 28. Publicação semanal. Documento digitalizado originário da Biblioteca Pública de Santa Catarina.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- CUNHA, Jaqueline da Rosa. *A formação do sistema literário de Pelotas: uma contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul*. 2009. 241f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da URGs; DAC/SEC-RS Instituto Estadual do Livro, 1978.

MOREIRA, Maria Eunice. Em poesia e prosa: a voz das senhoras gaúchas do *Almanaque de Lembranças*. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014, p. 197-221.

PAULA PIRES, Francisco de; RENAULT, Carlos; FERREIRA de CAMPOS, ANTONIO J. (Orgs.) *Sonoras*. Antologia de poetas brasileiros. Pelotas: Liv. Universal, 1891.

PÓVOAS, Mauro Nicola. A crítica literária sul-rio-grandense no *Almanaque de Lembranças*. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014, p. 239-264.

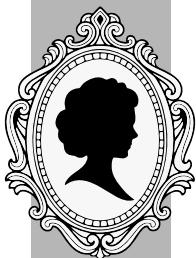
PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Buqui, 2017.

VIEIRA, Míriam Steffen. *Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico Corimbo, 1885-1925*. 1997. 184f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário Bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: EST; Edigal, 1991.

VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; IEL, 1974.

ZANINI, Cecil Jeanine Albert (org.). *Mulheres gaúchas do século XIX: Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.



# IBRANTINA CARDONA, UM EQUILÍBRIO PALPITANTE

VIVIANE VIEBRANTZ HERCHMANN \*

Como de costume, vestiu-se sobriamente. Em seguida, organizou e arejou a sala, sempre repleta de livros, dispostos nas preciosas mobílias também adornadas por porcelanas, jarras e alguns objetos de arte. No vaso, pôs as flores recolhidas do jardim que cultivava, em canteiros triangulares, ao lado da casa. Tão logo as três mulheres convidadas se acomodaram, passou a dedilhar pelas teclas do piano diversas peças musicais que aprendera “de ouvido”. A ocasião marcava sua despedida desse companheiro que, em longas tardes, embalou sua lira e preencheu sua alma. Além dele, vendeu os móveis coloniais do quarto de casal que, por anos, compartilhou com seu finado marido. Esse evento, ocorrido em 1950, foi preparado por Ibrantina Cardona, aos seus 82 anos, para custear a edição de sua última obra publicada: *Cosmos*, impressa nas oficinas da empresa gráfica da “Revista dos Tribunais”, em São Paulo, no ano seguinte.

*Cosmos* traz o subtítulo “poesias de vários tempos”, sinalizando

---

\* Doutora em Letras pela PUCRS. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Docente no Colégio Marista Rosário e nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade IB-GEN. Responsável pela Verbete Comunicação: assessoria em ensino e pesquisa.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7972092275460501>

a compilação de produções da autora em diversos momentos de sua vida. A obra, dedicada ao seu estado natal, o Rio de Janeiro, recupera poemas consagrados às cidades em que viveu, e se organiza por capítulos que resgatam os elementos constitutivos da natureza, os quais circunscrevem a excelsitude do universo, que se eleva por exemplos de comportamento e de fé e, principalmente, por meio da manifestação artística. Percebe-se em *Cosmos* a busca pela métrica perfeita, pela rima rica e pela palavra precisa, revelando uma poesia primorosamente pensada e sentida. *Cosmos* reúne aspectos que demarcam a produção de Ibrantina Cardona, ao longo de toda a sua trajetória, e as condições criadas para sua publicação possibilitam compreender a movimentação de seu próprio universo: ordenado por um *equilíbrio palpitante*, Ibrantina Cardona foi capaz de organizar seu cosmos como uma mulher consciente de seu tempo, movida pela alma de artista.

O percurso de Ibrantina no universo das letras começou ainda na adolescência, ao colaborar nos jornais de Desterro, atual Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, onde viveu com sua família e concluiu seus estudos, no Colégio Richard. Aos seus dezenove anos, ainda assinando sua produção com o sobrenome oriundo da família paterna – Oliveira –, já era conhecida nos periódicos da região por seus poemas e contos. Escreveu nos jornais *Polianteia*, *Palavra* e *Crepúsculo*, tendo seu nome, nesses dois últimos, no frontispício dos periódicos como colaboradora. Junto a sua irmã Ubaldina A. de Oliveira, Delminda Silveira e Revocata Heloísa de Mello, integrou o conjunto de mulheres que introduziram a participação feminina na cena cultural de Nossa Senhora do Desterro, por meio de suas publicações.

Jovem ativa e participativa, aos vinte anos já tinha uma reputação firmada na carreira letrada. O espírito vibrante de *Tita*, apelido carinhoso usado no ambiente familiar, despertava a atenção dos intelectuais com quem convivia. Tornou-se inspiração do escritor Ernesto Nunes Paiva na composição do conto “Ibrantina”. Arthur Teixeira, no texto “Tita”<sup>1</sup>, oferecido a Carlos de Faria, teceu comentários empolgantes sobre a juventude de uma fluminense de brilhante talento e genial poetisa. Em outubro de 1888, em seu vigésimo aniversário, as edições de *Palavra* e de *Crepúsculo* foram dedicadas a homenageá-la. Diversos

---

<sup>1</sup> TEIXEIRA, Arthur. *Tita. Crepúsculo*, Desterro, ano II, n. 21, p. 2, 10 set. 1888.

depoimentos ressaltaram seu ânimo, seu talento e sua qualidade enquanto escritora: “é estudiosa, ativa, ávida de leitura e bem preparada”<sup>2</sup>. A avidez de leitura de Ibrantina tornou-se um dos aspectos mais marcantes de sua biografia: a poetisa teve com os livros seu relacionamento mais íntimo. A arte, especialmente a literatura, revelou-se como seu propósito de vida.

Carlos de Faria e Sabbas da Costa, este último proprietário do jornal *Crepúsculo*, definiram Ibrantina como “deslumbrante poetisa” de “alma inspirada”. Em testemunho sobre a poetisa, citaram-na junto a consagrados nomes de escritoras que atuaram em prol da independência e na luta pelos direitos das mulheres: “Ibrantina de Oliveira [...] tem sabido como Georg Sand, Guiomar Torresão, Maria Amália Vaz de Carvalho e outras mulheres gloriosas atravessar heroicamente a rede de todos os obstáculos literários [...].”<sup>3</sup> Tal afirmação assinala que, desde jovem, Ibrantina foi reconhecida pelo ativismo feminino. O fato de os próprios depoimentos, em maior parte serem de escritores, evidenciam sua personalidade forte e seu comportamento emancipador, enquanto mulher inserida em um espaço predominantemente masculino.

De origem fluminense, Ibrantina Froidevaux de Oliveira nasceu aos onze dias do mês de outubro de 1868, em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro. O local de seu nascimento vincula-se a sua linhagem materna: sua mãe, Izabel, é descendente dos Froidevaux, oriundos do cantão suíço-francês, os quais foram os primeiros colonizadores dessa cidade, quando, em 1818, D. João VI promoveu a vinda dos primeiros 2000 colonos suíços para a Fazenda do Morro Queimado.

Embora tenha saído de Nova Friburgo ainda na tenra infância, aos cinco anos de idade, evocou os primórdios da sua vida no soneto “Terra Natal”<sup>4</sup>: “Alguém canta, emoldura de brincos o meu berço, e a beijar-me o embalança... Ai, terra que me abriste os olhos para a vida, se ao solo onde tracei meus passos de criança [...].” Seu retorno ao Estado do Rio de Janeiro ocorreu apenas cinquenta anos depois, mais precisamente em 28 de março de 1924, ao tomar posse, como membro correspondente, na Academia Fluminense de Letras. Essa vinculação à

<sup>2</sup> CAMPOS, Julio. D. Ibrantina de Oliveira. *Palavra*, Desterro, ano I, n. 16, 11 out. 1888

<sup>3</sup> FARIA, Carlos de; COSTA, Sabbas da. Homenagem à D. Ibrantina. *Crepúsculo*, Desterro, ano II, n. 26, p. 1, 16 out. 1888.

<sup>4</sup> Publicado na obra *Heptacordio* (1922) e republicado em *Cosmos* (1951)

entidade consagra Ibrantina como a primeira mulher da América Latina a integrar uma Academia de Letras. *Cosmos*, publicado nos últimos anos de sua vida, traz na capa o pertencimento da poetisa a essa agremiação. Tal obra, dedicada ao Rio de Janeiro, assim como o soneto de abertura, “Musa protetora”, resgata os laços da poetisa com a terra que sustentou seus primeiros passos.



Logo após seu quinto aniversário, Ibrantina mudou-se com a família para o Estado do Rio Grande do Sul, onde moraram em Jaguarão e Pelotas. Filha e neta de militares, seu pai, o mineiro Dr. Thomaz Antônio de Oliveira, alcançou o posto de capitão ao se tornar herói da Guerra do Paraguai. Seu avô, nascido em Portugal, o Brigadeiro Thomaz Antônio D’Oliveira, foi ajudante de ordens do Imperador. Além da carreira militar, o pai de Ibrantina tinha formação em Direito. Ligava-se à família Rezende e foi camarada de campanha militar e amigo de Visconde de Taunay, de quem se tornou compadre ao torná-lo padrinho de uma de suas filhas<sup>5</sup>.

De família numerosa, *Tita* é a primogênita de seis irmãs e um irmão<sup>6</sup>: Ubaldina, Rasbelger, Silvéria, Laura, Abigail, Olinda<sup>7</sup> e Ravelina<sup>8</sup>. Em sua primeira obra, *Plectros*, de 1897, há resgate de suas me-

5 DANTAS, Arruda. *Ibrantina Cardona*. São Paulo: Pannartz, 1976. p. 18.

6 Listou-se pela ordem de nascimento.

7 Poema *Olinda* consta na obra *Plectros* (1897), XLIX, p. 147-148.

8 Poema *Salva* dedicado à Ravelina de Oliveira na obra *Plectros* (1897), L, p. 149-151.

mórias infantis. Em “Relicário”, poema oferecido a sua irmã Ubaldina de Oliveira, relembrou as peraltices de meninas que viviam livres em uma chácara repleta de árvores e pássaros. Elas passavam o dia longe de casa e, ao ouvirem sua mãe as chamar, preocupada, escondiam-se dela e gargalhavam dessa situação. As irmãs prendiam borboletas, derrubavam os ninhos dos pássaros e, a pedradas, arrancavam os frutos das árvores. Os versos de Ibrantina indicam um comportamento traquinas e uma infância em meio à natureza: “queimadas pelo calor do sol... E que descarga, descalços ter os pés, a roupa a larga e libertas corremos nas estradas!”<sup>10</sup>.

O poema revela a cumplicidade das irmãs e o comportamento ou-sado de ambas. Recordou tentar atravessar um rio à nado, por volta das duas da tarde, para colher amoras em árvore na outra margem do rio. Ubaldina subiu ao topo de uma árvore para acompanhar a travessia da irmã. Lá de cima, ela avistou uma cobra erguer-se do moinho. Aos ber-ros, pediu ajuda ao hortelão que estava nas proximidades. Relembrou do medo e do gozo que sentiram dessa aventura. Para conservá-la como segredo, as irmãs tiveram de pagar ao hortelão salvador. Em seguida, roubaram-no, tomando o dinheiro de volta. As traquinagens de outrora eram castigadas pela mãe, ao colocá-las em um quarto escuro.

“Relicário”, além de recuperar as lembranças da convivência infantil das irmãs, traz um desabafo da jovem Ibrantina. As estrofes finais manifestam sua indignação ao ser ralhada por alguém por fazer poemas às vésperas de exame na escola. Mostra-se incompreendida na sua alma de poetisa. Os últimos versos apontam qual será seu caminho:

Muito da minha a tua ideia dista...  
Vaes ser a noiva de um doutor ricaço<sup>11</sup>,  
e eu... vou te falar sem embaraço:  
Eu pretendo ser noiva de um artista.

A declaração final reforça o que o percurso de Ibrantina exprime claramente: a escritora sempre buscou conduzir sua vida para as ar-

<sup>9</sup> CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: Estabelecimento Gráfico Steidel & C., 1897.

<sup>10</sup> CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: Estabelecimento Gráfico Steidel & C., 1897. p. 137.

<sup>11</sup> Ubaldina casou-se com Custódio Guimarães da Costa. O matrimônio foi anunciando no periódico *Crepúsculo*, Desterro, ano III, n. 39, p. 4, 7 out. 1889.

tes; nesse sentido, tinha consigo que apenas um marido artista poderia compreender e compartilhar do seu universo. Seu propósito de matrimônio, de certo modo, se consolidou. Embora seu futuro marido tenha atuado especialmente no jornalismo militante, sua expressiva atividade intelectual na imprensa permitiu que a casa editorial por ele fundada, tanto em Campinas quanto em Mogi Mirim, se tornasse um local de encontro e de circulação de diversas personalidades representativas do meio cultural, promovendo lançamentos, exposições e divulgação tanto de jovens artistas, como de autores consagrados.

A permanência na infância e em parte da adolescência no Rio Grande do Sul marcaram fortemente identidade da poetisa. Em seus versos, consagrou à “Terra dos Pampas” o espírito de bravura que carregou consigo: “[...] Foi assim que aspirei tua seiva bravia; por isso de ti trago, ó terra, essa energia que impulsiona a minha alma e propele o meu passo”<sup>12</sup>. A escritora fez orgulhosas referências ao passado combatente do gaúcho, exaltando, no poema “Rio Grande do Sul”<sup>13</sup>, a figura de general Osório. Tal referência certamente vincula-se à figura paterna, uma vez que ambos lutaram e se destacaram na Guerra do Paraguai.

A obra lançada em 1939, *Asas Rubras*, tem como elemento central a guerra e seu impacto direto na destruição do povo e da nação. Obra de cunho eminentemente social, Ibrantina dedicou poemas aos soldados mortos, às crianças órfãs, aos índios que acompanharam a destruição de sua terra. Nela ofereceu um poema ao presidente americano Franklin Roosevelt e expressou claramente sua admiração ao político gaúcho, presidente do país na época, Getúlio Vargas. Nos versos de *A bandeira da pátria*, mostra o orgulho nacionalista que encontra naquele que fora chamado de *pai dos pobres* “Bandeira da Democracia Liberal que a arrancada cívica do libertador e restaurador Getúlio Vargas, na revolta vitoriosa de trinta, salvou da prepotência oligárquica... Bandeira Excelsa que flutuas no ‘Estado Novo’ de saneamento político e social da nacionalidade...”<sup>14</sup>.

12 Publicado em *Heptacórdio* e republicado em *Cosmos*. CARDONA, Ibrantina. *Cosmos: poesias de vários tempos*. São Paulo: Oficina da Revista dos Tribunais, 1951. p. 40.

13 O poema *Rio Grande do Sul* foi publicado em *Plectros* (p. 5) e no periódico *O Estado*, em dezembro de 1912, apresentado como órgão da mocidade Castilhista do Rio Grande do Sul. Leonora De Luca, em seu estudo sobre a revista *A mensageira*, indica que Ibrantina chegou a manifestar sua simpatia pelos rebeldes da Revolução Federalista.

14 CARDONA, Ibrantina. *Asas Rubras*. São Paulo: Oficinas Gráficas da Casa Cardona, 1939, p. 123.

É inegável que a juventude de Ibrantina ter sido no centro cultural do Estado, a cidade de Pelotas, onde conviveu com notáveis escritoras, contribuiu para formação de suas ideias e seus ideais feministas, delineando sua identidade e reforçando sua relação com a terra sulina. Esse elo com o Rio Grande do Sul projetou-se, inclusive, a além-mar, ao ser apresentada como rio-grandense em biografia que acompanhou o poema “Teus Olhos”<sup>15</sup>, publicado em Lisboa, Portugal, no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. O texto, assinado por A.O., iniciais da escritora gaúcha Andradina de Oliveira, exibe Ibrantina como “filha da terra dos pampas e do minuano bravio”<sup>16</sup>, nascida na cidade de Porto Alegre.

Cabe assinalar que o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, em seus mais de oitenta anos de circulação, entre 1851 e 1932, tornou-se um grande espaço de divulgação dos poemas, acrósticos, charadas, textos em prosa de escritoras sul-rio-grandenses que, embora tenham fomentado o cenário literário e cultural em seu período histórico, não obtiveram o merecido reconhecimento nos tomos das histórias da literatura brasileira. Tem-se o registro de treze versos publicados por Ibrantina no *Almanaque*, além do texto biográfico sobre Múcio Teixeira<sup>17</sup>. Sua primeira obra também foi divulgada nesse espaço internacional com o qual estabeleceu um vínculo: “Já não era para nós desconhecido o nome da talentosa poetisa, que, por mais uma vez, tem tido a amabilidade de colaborar com este anuário fazendo publicar nele algumas das suas formosas produções”<sup>18</sup>.

Além de figurar, junto a escritoras gaúchas, nesse Almanaque, Ibrantina integrou-se a essas mulheres nas publicações em periódicos sulinos locais. É o caso de *O Corimbo*, dirigido pelas irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro. Esse jornal tornou-se um dos mais consagrados periódicos do Rio Grande do Sul, circulando por seis décadas na cidade de Rio Grande (1883-1943). Também colaborou em *O escrínio*, dirigido por Andradina de Oliveira e veiculado no início dos anos 1900, em Bagé. Salienta-se que autoras mantiveram contato por muitos anos. Registrou-se, inclusive, uma visita feita por

15 *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Lisboa: [s.ed.], 1893, p. 490.

16 *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Lisboa: [s.ed.], 1893, p. 490.

17 *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Lisboa: [s.ed.], 1899, p. 241-242.

18 *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Lisboa: [s.ed.], 1899, p. 241-242.

Andradina à Ibrantina quando esta já vivia em São Paulo.

A carta enviada à Prisciliana Duarte de Almeida, fundadora da revista paulista *A mensageira*<sup>19</sup>, um dos órgãos mais representativos da primeira geração de feministas brasileiras, revela muito da personalidade de Ibrantina como mulher leitora, crítica, atualizada, ávida, que comprehende de modo natural e inato o lugar de equidade que a mulher deve ocupar no espaço social. Nesse período, já morando em São Paulo, mostra generosidade e apoio à produção feminina, ao dedicar grande parte do conteúdo da carta à indicação de um repertório de escritoras gaúchas que eram praticamente desconhecidas entre os leitores do eixo Rio – São Paulo, citando a importância de sua intelectualidade para o País.

Nesse relato, referiu-se a Revocata de Melo, fundadora do jornal *O Corimbo*, como “astro de primeira grandeza”, a qual tinha, como “sátélites”, Julieta de Melo Monteiro, Andradina de Oliveira, Luiza Cavalcanti Guimarães, Cândida Fortes, Tercília Nunes Lobo, Ana Aurora do Amaral, Carlota do Amaral Lisboa, Cândida Abreu, Júlia Cavalcanti, Carolina Koseritz, Zamira Lisboa, Maria de Menezes, Paula Ferreira, Geldipa Guimarães. Além disso, trouxe em seu texto a importância das doutoras Antonieta Dias Morpurgo e Rita Lobato Lopes, assim como de Gabriele Matos, reforçando a ideia de que as mulheres podem contribuir para o avanço do País tanto pelo magistério, pela literatura e pelo jornalismo, como também pelo estudo acadêmico científico voltado a outras áreas do conhecimento ou mesmo acompanhando o exército na revolução, caso desta última.

“A mulher possui todos os dotes com que a Natureza dotou o homem, e em nenhum deles torna-se-lhe inferior. [...] Alguém disse que instruir a mulher é preparar as gerações futuras; sim, porque é justamente pela instrução da mulher que se começa a do homem; e, como disse o grande Napoleão: ‘o futuro de um filho é sempre obra de sua mãe’.”<sup>20</sup> Tal excerto da carta deixa claro o movimento de Ibranti-

19 A revista *A mensageira*, editada em São Paulo, foi veiculada de 1897 e 1900, e que foi espaço de suma importância para a manifestação intelectual das mulheres desse período. A carta veio à público na edição de número 3 da revista. A carta consta-se transcrita na obra de MUZART, Zahidé. A carta está transcrita na obra de Zahidé Muzart. *A mensageira*, São Paulo, ano I, n. 3, 15 nov. 1897. In: MUZART, Zahidé. Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Vol. II. Florianópolis, Editora Mulheres, ano. p. 429-463.

20 *A mensageira*, São Paulo, ano I, n. 3, 15 nov. 1897. In: MUZART, Zahidé. Lupinacci. *Escrito-*

na enquanto intelectual ativa na luta pela emancipação feminina. Essa postura torna-se ainda mais representativa ao se levar em conta que, no Brasil, poucas vozes femininas conseguiam ecoar numa sociedade patriarcal. Mulheres ainda eram conduzidas a espaços vinculados às lidas domésticas, a criação dos filhos. Eram cerceadas as possibilidades de efetiva participação social e muito menos política, uma vez que não tinham direito a voto. A condição histórica do Rio Grande do Sul voltada para guerra tornou ainda mais adversa a situação feminina, pelo tardio acesso à educação, em comparação aos demais Estados brasileiros. Entender esse contexto permite perceber a árdua luta das escritoras gaúchas por um lugar social e a importância da carta de Ibrantina, ao atuar como intelectual ciente da necessidade de fazer ecoar as vozes das mulheres na busca por igualdade de direitos.



O registro que se tem sobre a formação de Ibrantina é o constante no texto de Andradina de Oliveira para o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, no qual consta que seus estudos foram em gabinete, sob a condução dos seguintes mestres: “seu pai, Dr. Tomás de Oliveira; Gustavo Richard (hoje senador); Léon Lapazene (filólogo); Araújo Ximenes Pitata (matemático); Sílvio Pellico; João Ramos; Cris-tóvão Freire e Horácio Nunes, distinto escritor e atual Diretor Geral da

---

ras brasileiras do século XIX. Vol. II. Florianópolis, Editora Mulheres, ano. p. 429-463.

InSTRUÇÃO PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA”<sup>21</sup>. Provavelmente, este último, foi seu professor na adolescência, etapa de sua vida em que se mudou com a família para a capital desse Estado, Nossa Senhora do Desterro.

Nessa cidade litorânea, Ibrantina viveu sua juventude e se firmou como poetisa. Esse período marcou um elemento frequente em sua produção: o mar. O poema “Ilha Verde”<sup>22</sup>, dedicado ao Estado de Santa Catarina, registra o amor que cresceu pela poesia, pela “Musa embalada”, nesse lugar. Sua intensa produção nesse período foi revelada nas páginas dos periódicos de Desterro. Eles registraram seu talento literário e a inscrição de seu destino: no ano de 1889, em meio às notícias da semana, no canto inferior direito da segunda página de uma publicação dominical, encontra-se um relato de amor. O autor, Francisco Cardona; a destinatária: essa moça que apreciava as letras e escrevia intensamente.

Essa publicação de 29 de setembro de 1889, no *Jornal do Comércio* da cidade de Desterro, registra “um quadro palpitante”<sup>23</sup> de paixão de dois jovens adultos. Tal declaração, republicada no periódico *Crepúsculo*, no dia subsequente, é uma entre os muitos textos e poesias que passam a dedicar um ao outro. Há, nessa mesma edição de *Crepúsculo*, um texto da inspirada escritora para o “talentoso literato Francisco Cardona”, intitulado *Le Retour*.

O título dessa prosa poética de Ibrantina contribui para a suspeição de que a jovem e Francisco, que se conheceram pelas páginas dos periódicos, podem ter estado juntos presencialmente. No período dessas publicações, Ibrantina já morava na cidade de Bagagem, hoje denominada Estrela do Sul, em Minas Gerais. A despedida de Desterro das irmãs poetisas Ibrantina e Ubaldina ocorreu no dia 3 de abril de 1889 e foi divulgada no periódico Polianteia<sup>24</sup>. Foi pelos jornais também que Francisco Cardona deixou registrada a intenção de viajar a Minas Gerais e a São Paulo e, nesse trânsito, conhecer pessoalmente as irmãs Ibrantina e Ubaldina. Esse texto, escrito em 30 de julho e

21 *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Lisboa: [s.ed.], 1893. p. 490.

22 Publicado em *Heptácordio* e republicado em *Cosmos*.

23 CARDONA, Francisco. *Duas Molduras. Jornal do Comércio*, Seção Variedades, Desterro, ano II, n.?, 29 set. 1889.

24 *Polianteia*, Partida, seção Fatos, Desterro, ano I, n. 6, 7 de abr. 1889.

publicado em 2 de setembro desse mesmo ano, poderia justificar as subsequentes publicações em tom amoroso que ambos passam a oferecer um ao outro. Os poemas finais de *Plectros* trazem um eu lírico que sofre com a ausência, com a distância e que lamenta a partida de um amado. Em “Violetas”, os versos mostram um eu lírico que faz das flores suas confidentes. Flores essas que amarradas junto a fios de cabelo de uma jovem e enviadas ao amado. A orientação do poema concilia com o texto “Pedaços D’alma, as tuas flores”, dedicado à Ibrantina por Cardona<sup>25</sup>, no qual ele revela a alegria de ter chegado a suas mãos flores enviadas por ela. A temática dos poemas e dos textos que se ofereciam nos jornais trazem muitos elementos em comum, permitindo que se identifique com clareza sua forte comunicação por correspondência, por onde trocavam fotografias e confidências.

O período em que viveu na cidade de Bagagem<sup>26</sup>, Ibrantina colaborou no periódico local *O Garimpeiro*<sup>27</sup> e uma de suas obras traz a composição do poema “Revelações”<sup>28</sup>, no qual a jovem comemora a passagem dos seus vinte e um anos em meio à natureza. Não se tem registros sobre os motivos que conduziram à família à região, mas, além da atividade militar do pai, que os levava a mudar de cidade, outra razão pode ter sido a provável residência de seu tio, irmão mais velho do Capitão Thomaz Antônio, o Tenente Coronel Carlos Augusto Rezende. Embora não se conheça o registro exato de seu endereço, sabe-se que Rezende era rico proprietário de minas de diamantes. Consagrada pelo garimpo, a cidade de Bagagem passou a ser designada futuramente de Estrela do Sul, por lá ser encontrado um diamante homônimo, considerado um dos mais famosos do mundo.

25 CARDONA, Francisco. *Pedaços D’alma, as tuas flores*. Datado de 1º ago. 1889. *Crepúsculo, Desterro*, ano III, n. 37, 23 set. 1889.

26 Na biografia de Ibrantina realizada por Arruda Dantas, o pesquisador avaliou, a partir do poema *Icará*, que a maneira como ela se refere ao lugar é como de alguém que viveu em Icará – Niterói/RJ. Contudo, em outro momento do texto, afirma que a autora voltou ao Estado do Rio de Janeiro apenas em 1924. (DANTAS, 1976, p. 23-24). Zahidé Muzart também faz breve referência sobre a morada da autora em Niterói, contudo também traz no texto o retorno ao seu estado natal em 1924. (MUZARD, s.a., p. 430). A cidade de Bagagem não é citada pelos pesquisadores. Tal cidade foi identificada pelos periódicos referenciados, nos quais a poetisa era colaboradora. Não há indicativos que relacionem residência da poetisa a Icará.

27 *Garimpeiro*: Órgão Literário e Noticioso, Bagagem (MG). Jornal sabatino.

28 O poema *Revelações*, a poetisa dedica aos seus vinte e um anos. Publicado em *Plectros*, p. 155-157.

Os planos paternos do capitão Thomaz Antônio não concebiam a hipótese de a filha Ibrantina casar-se com um intelectual. Intencionava desposá-la com o próprio Tenente Coronel Carlos Augusto Rezende, seu irmão e tio de Ibrantina. Nesse período, a família já vivia na cidade de Jaboticabal, no Estado de São Paulo. Frente a essa condição, Ibrantina, com a anuência da mãe, foge de casa em companhia de seu único irmão, Rasbelger, encaminhando-se para Campinas. Seu destino os jornais de Desterro já haviam testemunhado: Francisco Cardona. Em 23 de maio de 1891, enfim, uniram-se em matrimônio. A partir daí, tornou-se, então, Ibrantina Cardona.

Sugere-se que a intenção de casamento partiu da própria Ibrantina, que mantinha correspondência com Francisco Cardona e enviava seus textos e poemas ao jornalista, para que fossem publicados na imprensa de São Paulo, onde ele passou a residir em junho de 1890, mudando-se para Campinas em 1891. Acometido de bronquite, buscou encontrar nessa cidade melhores condições climáticas. Em 23 de março de 1891, ou seja, exatamente dois meses anteriores ao matrimônio, inaugurou a Casa Cardona, uma tipografia, papelaria e livraria, onde se editaram livros, jornais e revistas da região. Indica-se uma forte tendência pragmática da escritora em conciliar sua união com o jornalista que, além de se destacar na imprensa em prol das causas operárias, tornou-se proprietário de um espaço que oportunizaria um estímulo à carreira literária da poetisa, ao promover suas publicações.

Filho de portugueses, Francisco Cardona nasceu na cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, em 16 de setembro de 1866. Desde a juventude, executava pequenos serviços para auxiliar seu pai, carpinteiro de profissão. Aos nove anos começou a trabalhar na Biblioteca Pública Pelotense, onde também realizou sua formação, ao frequentar as aulas noturnas. Trabalhou nas oficinas e na redação do periódico *A Pátria* e, em 1888, aos vinte e dois anos, inaugurou, com outros intelectuais, a *Revista Popular*, semanário de orientação republicana que se opunha ao espírito liberal-monarquista que predominava em Pelotas. Em julho do ano seguinte, transferiu-se para Desterro, colaborando nos periódicos locais *Jornal do Comércio*, *A Evolução* e *Crepúsculo*. No período da proclamação da República, voltou a Porto Alegre, onde atuou em *A Federação*. Em seguida, estabeleceu-se em São Paulo, integrando

a redação do *Jornal do Comércio*. Muda-se, então, para Campinas, onde funda sua tipografia.

A Casa Cardona manteve-se em funcionamento em Campinas por cinco anos, até ser destruída completamente por um incêndio, em 11 de outubro de 1896. Indica-se que as chamas foram provocadas pela ponta de um charuto lançada em um cesto de papeis pelo pintor Aguinaldo Correa, que na ocasião realizava um retrato de Ibrantina. O seguro do estabelecimento, feito pela companhia inglesa Worthern, permitiu que Cardona inaugurasse novamente a Casa Cardona, então na cidade de Mogi Mirim.

Nessa época em que morou em Campinas é que a imagem e a poesia de Ibrantina alcançaram rumos internacionais: “Teus olhos”<sup>29</sup>, o primeiro poema, dos onze que integraram o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, em Lisboa, foi a público acompanhado de sua fotografia e texto biográfico. Registrhou-se, assim, sua figura no cenário português. Nesse período também veio a público sua primeira obra: *Plectros*. O prefácio, do crítico gaúcho Carlos Ferreira, expõe um quadro social conturbado, que pouco comportava a publicação de um livro de poesia. “Um livro de versos agora?” introduz a reflexão sobre uma sociedade em conflito, que buscava se configurar frente aos novos rumos políticos orientados pelo regime republicano e pela abolição da escravatura. O crítico, contudo, incentiva a escritora a seguir em frente, mesmo em cenário controverso. Ressalta a qualidade dos poemas líricos que compõe a obra e critica os de tendência para o gênero condoreiro.

Em *Plectros*, Ibrantina dedicou um de seus poemas ao consagrado poeta parnasiano Olavo Bilac, assim como ao grande poeta gaúcho Damasceno Ferreira. Em “Bravo!” seus versos vibram pelo talento da literata gaúcha Julieta Monteiro. “Inter Dolores” revela sua atenção a condição feminina: traz, em seus versos, a compaixão a uma mulher que, enganada por um sedutor mal-intencionado, passa a ser julgada socialmente e tem um triste destino. Promove a reflexão sobre os valores morais que sentenciam injustamente as mulheres na sociedade.

A crítica de Theotonio Freire sobre *Plectros* permite compreender a representatividade da obra no contexto do final do século XIX e início do XX, quando questões como princípios orientadores de educação da

---

<sup>29</sup> *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Lisboa: [s.ed.], 1893. p. 490.

mulher e seu direito ao voto começam a ganhar espaço em periódicos do País. Freire questiona se a sociedade brasileira está preparada para a lírica feminina de Ibrantina, em versos com conotações mais sexuais – como em Carícias, “todo o contato do teu corpo incita tão doce fluido, quente e provocante, que me embebeda, prostra e enfebrecita” – ou se verão tais versos como resultado de uma educação demasiada para uma mulher:

Porque eu não penso a sociedade brasileira ainda na altura de compreender estas larguezas de concepção, rebeldias de caráter, altivez de opinião em amor, numa mulher. Estamos ainda muito presos aos convencionalismos de nossa educação, quase nula; e qualquer esforço no sentido de sair do círculo comum, do modo geral de ver, é considerado como um ataque à estabilidade social, ou melhor, do lar, no qual a mulher deve ser, e somente, a conservadora do fogo sagrado, para o amor e para o carinho, que não para o voo do espírito e lides do pensamento. E, bem se vê, é um risco, em tal meio, o aparecimento de um livro de autor feminino, forte, nervoso, são, verdadeiro, como os Plectros; um perigo, mas uma belíssima prova de coragem e sobranceria, o que concorreu para que não se fizesse nele uma falsa arte, porque é antes de tudo sincero<sup>30</sup>.

Ibrantina defendia a liberdade feminina e sua educação como forma de progresso da sociedade. Tal questão, exposta na carta à Prisciliana, mostrava-se também por seus versos: valorizou a linguagem formal, o preciosismo vocabular, o descritivismo, a metrificação rigorosa, características próprias do movimento parnasiano. Tais aspectos contrapõem a linguagem coloquial e o tom declamatório do romantismo, bem como sua subjetividade. O racionalismo, a objetividade e o empenho em alcançar a perfeição estrutural do verso certamente contribuiu para seu alto desenvolvimento intelectual. A crítica de Freire mostra uma mulher corajosa, que se expõe, capaz de trazer à público a sensualidade da mulher, pela via do intelecto, para uma sociedade que, talvez, não conseguisse acompanhar seu pensamento e sua evolução, por meio de sua arte.

A lírica que envolveu a composição de seus versos foi embalada pela música: Ibrantina era pianista, concertista e tocava bandolim. Tal

---

<sup>30</sup> FREIRE, Theotônio. Bibliografia: sobre os Plectros. *Jornal de Recife*, Recife, ed. 21, 1898, p. 2.

habilidade se manifestou de forma expressiva em sua produção, e o envolvimento com a música configura-se como traço marcante em seus textos. Desde a primeira obra, além da própria designação e imagem de capa, *Plectros*, de 1897, traz um longo poema a ‘Carlos Gomes’, a quem a poetisa define como “o grande patriarca da arte musical”<sup>31</sup>. A obra *Heptacórdio*, de 1922, é subdividida em Cordas, Vibrações Bélicas, Culto Pagão e Vibrações líricas. *Cosmos*, de 1951, traz, no capítulo Excelsitude, poemas sobre Carlos Gomes, Beethoven, Shubert e Chopin, além de poesia designada “Violino Mago”.

Há, em *Plectros*, poemas que Ibrantina dedicou às suas irmãs e três que ofereceu à sua mãe, Izabel<sup>32</sup>. Um deles deixa claro ser em memória materna. Essa informação contribui para a identificação de que foi nesse período em que morou em Campinas que sua mãe faleceu. Seus versos mostram um eu lírico desolado pela morte materna, a qual foi comentada por Andradina de Oliveira no texto publicado no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*: “senhora inteligentíssima, formosa, que morreu em plena mocidade”<sup>33</sup>.

Foi nesse período de sua vida também que ocorreu o falecimento de seu pai, a quem dedicou esse primeiro livro. Ele residia com a família em Jaboticabal. Conta-se que um adversário do Capitão Thomaz Antônio contratou pistoleiros para matá-lo. Descobrindo a tempo a emboscada, arguiu os pistoleiros, que revelaram o mandante, a quem propôs um duelo. Na ocasião, o inimigo, ao levar à mão à arma, recebeu o tiro do capitão, que o conduziu à morte. Tal postura foi condenada pelo grupo da maçonaria, ao qual pertencia. Como punição, definiram por sua execução. Seu genro Idalino Padilha<sup>34</sup>, também maçom, foi o sorteado para assassinar o sogro. Não suportando, contudo, tal incumbência, suicidou-se. Logo em seguida, o pai de Ibrantina foi envenenado. Esse episódio familiar trágico deixou a família desprotegida. Encontraram, então, na primogênita o apoio.

31 CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: Estabelecimento Gráfico Steidel & C., 1897, p. 24

32 *Mãe* (p. 39) e *Mater dolorosa* (p. 79) e *Sub umbra* (o qual é dedicado a memória de sua mãe – p. 159-160)

33 *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Lisboa: [s.ed.], 1899. p. 242

34 Oferece o poema *Marinha*, em *Plectros*, a Idalino Padilha.

Ibrantina acolheu as irmãs solteiras, acompanhando-as até o casamento. Ajudou a viúva Silvéria<sup>35</sup> na criação de seu filho, o sobrinho Antinarbi, com quem teve muita proximidade e afeição. Antinarbi casou-se com uma prima, chamada Enorédia, também sobrinha de Ibrantina. Ambos tiveram Antinarbi Filho, que chegou a viver com a poetisa, a qual participou ativamente da criação. Há mais de um poema que a autora dedica tanto a Antinarbi quanto a Antinarbi Filho, manifestando seu amor por eles.

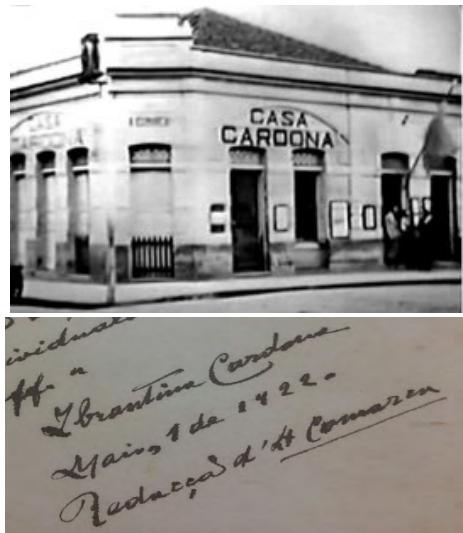
A ligação com o sobrinho Antinarbi<sup>36</sup> mostra-se desde a escolha do nome: sugerido pela poetisa, trata-se de um anagrama de Ibrantina. Ela também compôs o nome de sua esposa, a sobrinha Enorédia. A leitura do soneto à Antinarbi, onde narrou seus sentimentos ante o berço infantil, torna ainda mais intenso o poema pela sua morte: “A grande dor”. Dedicou-se o quanto pode a esse sobrinho e a seu filho. Chegou a vender parte de suas joias para auxiliar Antinarbi a montar uma farmácia em Conchal, município limítrofe a Mogi Mirim.

Precisamente em 28 de setembro de 1899 concretizou-se a mudança de morada de Ibrantina e o marido de Campinas para Mogi Mirim. Francisco Cardona já frequentava a cidade, onde passava temporadas para se convalescer de seus problemas respiratórios. O bom clima e também o convite de amigos os motivou a constituírem o lar em um novo local. Questionava-se, contudo, a adaptação de Cardona a essa cidade, uma vez que a ativa vocação do jornalista contrastava com o inexpressivo cenário cultural do lugar. A Casa Cardona em Mogi Mirim, inaugurada em 23 de março de 1900, há exatos nove anos da primeira, projetou-se como a casa comercial e industrial mais importante da cidade. Nesse mesmo ano de inauguração, em 5 de julho, fundou o jornal *A Comarca*, periódico em que propagou suas ideias em defesa das leis trabalhistas e no qual Ibrantina tornou-se colaboradora, publicando poesias, artigos e crônicas sobre variados assuntos.

---

<sup>35</sup> Oferece o poema *Pétalas* a Silvéria Padilha, *Plectros*, p. 143-146. Dedica um poema em memória de Silvéria Padilha, em *Heptacórdio*, em 1922, p.79.

<sup>36</sup> Antinarbi, *Plectros*, p. 153-154.



A infância e a juventude solares de Ibrantina contrastaram com a vida que passou a levar na cidade de Mogi Mirim. Ao investigar sobre sua história, o escritor Arruda Dantas<sup>37</sup> indica que a casa da poetisa nessa cidade “era conservada sempre fechada e às escuras”<sup>38</sup> e que viveu quase meio século numa situação de relativo isolamento. Comenta-se que foi recebida com certo desprezo pela sociedade local, especialmente pelas senhoras da cidade, as quais evitavam o convívio com uma pessoa cuja personalidade revelava a defesa pela autonomia da mulher e atuava como poetisa. O pouco contato social a conduziu ainda mais à literatura.

A vida reservada de Ibrantina<sup>39</sup> despertou a curiosidade dos habitantes de Mogi Mirim. Contou um ex-prefeito da cidade, que em sua juventude, ao ouvir os comentários que geravam a vida íntima da

<sup>37</sup> As informações sobre sua rotina e intimidade pautam-se, especialmente, na obra de Arruda Dantas, publicada em 1976, na qual o pesquisador expõe as informações que teve sobre a poetisa em entrevista aos sobrinhos mais próximos e a conterrâneos da escritora. DANTAS, Arruda. *Ibrantina Cardona*. São Paulo: Pannartz, 1976.

<sup>38</sup> DANTAS, Arruda. *Ibrantina Cardona*. São Paulo: Pannartz, 1976, p. 45.

<sup>39</sup> Aspectos da rotina e da vida pessoal da autora, além da obra de Arruda Dantas, encontrou-se informações na biografia de Ibrantina apresentada pela professora Zahidé Muzart (ver referências). Realizou-se, também, entrevista com o memorialista da cidade de Mogi Mirim, o jornalista Nelson Patelli Filho.

escritora, subia em uma árvore, tentando espiar a rotina da casa. A versão recorrente na cidade e que se perpetua até os dias de hoje é a de que o casal, com o decorrer dos anos, foi se afastando e passou a viver em separado, sendo a parte da frente da casa a morada de Francisco e a posterior, a de Ibrantina. Conta-se, inclusive, que o banheiro tinha duas portas, cada uma voltada para uma das residências. O motivo para o distanciamento do casal foi provocado por ciúmes de Cardona, que passou a tratar com desprezo a mulher, que se destacava como intelectual vibrante e poetisa.

O memorialista Nelson Patelli Filho<sup>40</sup>, reforça a ideia recorrente de que ambos se comunicavam apenas por bilhete e que a vida do casal, embora controversa em sua intimidade, repercute como dois intelectuais que promoveram a região. O periódico *A Comarca*, fundando por Cardona, ainda se mantém, no ano de 2018, em circulação. Em homenagem à sua memória, inaugurou-se, em 5 de julho de 1951, uma herma de Francisco Cardona, na Praça Rui Barbosa. Na ocasião, Ibrantina, aos seus 83 anos, foi responsável por descerrar a bandeira que cobria o monumento, após muitos discursos proferidos em honra do homenageado.

Há, por outro lado, uma outra versão sobre a rotina do casal, declarada a Arruda Dantas por sobrinhos e sobrinhos-netos de Ibrantina, os quais indicaram que ambos não viviam separados como comumente era divulgado, e que os diferentes hábitos de cada um os tornavam, por vezes, distantes. Afirmaram que o casal brigava muito, uma vez que ambos tinham forte personalidade, e segundo o ex-vigário da cidade, Monsenhor José Nardini, de quem Ibrantina tornou-se amiga, Cardona era de temperamento forte e violento. O que os levou a dormirem em quartos distintos, contudo, se deu por motivo de doença.

Logo após o casamento, Ibrantina foi atacada de reumatismo infeccioso. Os remédios desagradáveis que precisava utilizar e os incômodos da doença a levaram a dormir em quarto separado do marido, que, por sua vez, sofria devido às varizes. Os sobrinhos lembraram que o quarto de Cardona tinha um forte cheiro de iodo, por causa da medicação para suas pernas. Soma-se à condição de saúde, a diferença

---

40 Memorialista da cidade de Mogi Mirim, o jornalista Nelson Patelli Filho, foi entrevistado pela pesquisadora, por telefone, em 28 de fevereiro de 2018.

de horários do casal: enquanto Cardona gostava de se recolher para o quarto às 21h, sistematicamente, Ibrantina tinha por hábito avançar noite adentro com suas leituras, meditações e composições literárias. O horário que costumavam acordar pela manhã, por sua vez, também não coincidia, já que Cardona madrugava, enquanto Ibrantina repousava até mais tarde. Esse foi o motivo de comunicarem-se, com frequência, por escrito.

Os hábitos peculiares do casal, em uma cidade pequena e provinciana como Mogi Mirim era na época, devem ter provocado muitos comentários e alcovitice entre vizinhos e moradores. O perfil de Ibrantina, de poucas amizades, de personalidade forte, poetisa, mulher e intelectual e partidária à emancipação feminina, deve ter chocado muitos dos habitantes da cidade. Em seu convívio social, comenta-se que não fora bem aceita na cidade pelas classes mais abastadas. Sua convivência acabou sendo com pessoas mais modestas. Em sua poesia, refere-se a “gente acolhedora” de Mogi Mirim. Na comemoração do centenário da cidade, em 3 de abril de 1949, dedica-lhe o poema “Pouso Bandeirante”<sup>41</sup>. Em seus versos retoma a ideia de uma população “amiga, hospitaleira e inteligente”. Talvez, a rejeição de algumas mulheres de relevo social não tenha afetado seu universo e sua alma de artista.

Em seu cotidiano, Ibrantina dedicava o turno da manhã para administrar a casa, orientar a organização do almoço e supervisionar as criadas. A rotina para as tarefas da casa era fixada na cozinha com ordem de serviço, numerada. Organizada e sistemática, ela orientava a sequência que as atividades do lar deveriam ser executadas pelas domésticas, fiscalizando, com rigor, seu cumprimento. À tarde e à noite, voltava-se para aqueles que preencheram a maior parte de sua vida: os livros. Eles estavam por toda a parte da casa e chegavam a subir até o teto. Vivia mergulhada em livros, jornais, recortes e cartas. Gabriela Mistral era uma de suas poetisas preferidas. Em suas leituras na sala, utilizava um abajour ao qual podia controlar a distância da lâmpada, mais próxima ou distante, conforme iluminação do ambiente. Certamente isso lhe ajudou a manter a boa visão até o fim da vida, sem necessidade do uso de óculos.

Das vezes que saía de casa, Ibrantina frequentava as poucas ami-

<sup>41</sup> O poema *Pouso Bandeirante* foi publicado em *Cosmos*, p. 42.

gas que possuía e ia, com frequência, a São Paulo. Com regularidade, também fazia estações de repouso em Poços de Caldas, município do estado de Minas Gerais. Em Campinas, ia anualmente consultar o dentista, hábito que permitiu conservar os próprios dentes até a morte. Quanto à aparência, tinha estatura média, mãos bonitas e conservadas. Ao perder os cabelos, adotou peruka. Vestia-se sobriamente, em geral com peças escuras, não seguindo a moda. Habitou-se a usar um xale preto, cor também da gargantilha, dos brincos de pérola escura e do um anel com 18 pedrinhas de brilhantes. Intencionava vender as joias para publicar seus últimos livros, mas os sobrinhos intervieram. Foi nesse momento que tiveram de convencê-la a vender sua casa, para ir, então, morar com eles.

Ibrantina e Francisco Cardona residiam na rua Ulhôa Cintra, n. 592. A casa, conhecida como “o Pombal”, recebeu os versos da poetisa em “A casa de meu lar”. Neles, trouxe a memória afetiva de bons momentos de sua vida. Chamou-a de “casa do meu amor, lar de clemência”. A natureza, elemento constante em sua obra, fez-se presente em seu cotidiano pelas flores, organizadas em canteiros triangulares, que cultivava no jardim ao lado da casa. A sobrinha Enorédia, que vivia com ela, contou que Ibrantina tinha o costume de esperar a dama-da noite adormecer. Desabafou também sobre sua impaciência em ter de acompanhar esse evento com a tia, como condição para poder ir depois à janela ver o movimento das pessoas que passavam pela rua. Além das flores, gostava do sol. Adquiriu o hábito de, no verão, utilizar o calor dos raios solares para aquecer a água para o banho, prática a qual designava de “banho de sol”.

Um dos registros que assinalou a vida do casal foi a convivência com gatos, por desejo de Cardona. Ele gostava tanto dos felinos, que os mantinha tanto em casa quanto na redação do jornal. Os bichanos tinham uma alimentação especial e Chirico, um dos gatos selvagens da casa, colocava as patas no colo de Ibrantina cada vez que tinha sede: ele só bebia água corrente. Acostumou-se, Chirico, apenas a água fresca!

Em certa ocasião, adversários políticos utilizaram esse apego pelos bichanos como vingança, envenenando-os, como forma de revidar seu jornalismo combatente. Cardona, em fúria, vestiu sua indumentária gaúcha, com espora e bombacha, e trazendo o laço em punho

caminhava pelas ruas a busca de inimigos. O fato de não ter filhos e pouco conviver socialmente com a esposa tornaram os gatos os grandes companheiros de Francisco, que recebeu, por alguns, a alcunha de “o solitário de Pelotas”.

Ibrantina morou em Mogi Mirim a maior parte de sua vida e manteve-se na *casa de seu lar* mesmo após a morte do marido, em 27 de janeiro de 1946. O falecimento de Francisco Cardona conduziu a vida da poetisa a uma nova realidade, mais modesta, vivendo só, passando a cuidar da casa e lavar a própria roupa. Além de parte da herança que recebeu do tio, proprietário das minas de diamantes, precisou contar com a ajuda dos sobrinhos para poder se manter. O jornalista vendeu a Casa Cardona ainda em vida a seus sócios, excluindo-a da negociação. Depois do acordo, as publicações de Ibrantina em *A Comarca* tornaram-se cada vez mais espaçadas e, após a morte de Cardona, cessaram sua participação do periódico.

Pranteou o falecimento do marido nos versos de “Ante o esquife de Francisco Cardona”, “Sob a luz da verdade”, “Poema da noite triste” e “Dentro da vida”. Em vida, dedicou-lhe a obra *Heptacórdio* e diversos poemas.

Após a morte de Cardona, Ibrantina passou a participar mais de eventos culturais. Mário Pires relembra quando conheceu a poetisa, na condição de diretor de colégio, em 1952: “Ibrantina Cardona, conservando admirável lucidez de espírito, entusiasmava-se bastante e comparecia a todas as tertúlias e reuniões literárias promovidas na cidade”<sup>42</sup> Pires ressaltou que ela ia sempre acompanhada de sua ama, devido suas pernas e vistas cansadas. Dantas faz referência a sua amiga Davina Moraes Cintra, mãe do poeta Carlos Cintra, a qual indicou que, com frequência, a consideravam sua ama.

A poetisa viveu em Mogi Mirim o quanto pode. Quatro anos antes de seu falecimento, por ter lhe agravado sua condição de saúde, vendeu a casa, por insistência da sobrinha, indo morar com ela em sua residência na cidade de São José do Rio Pardo, também no Estado de São Paulo. Antes de ir, recebeu o sacramento de seu amigo Monsenhor José Nardin. Nos três últimos anos de sua vida, a trombose em um dos joelhos a impediu de andar, mantendo-a acamada. Sua saúde mental, contudo, permaneceu perfeita.

---

42 PIRES, Mário. Ibrantina Cardona. *Letras da Província*, [s.l.], n. 99-100, p. 6.

Sua última produção foi uma crítica literária sobre um livro de Theo Filho. Escreveu-a num sábado, exigindo que fosse remetida no mesmo dia para a revista *Nação Brasileira*, do Rio de Janeiro. A sobrinha conta que não expediu o texto, embora tenha dito para tia que havia feito. A desconfiança e a lucidez de Ibrantina mostra-se pela cobrança do recibo, que foi justificado pela sobrinha Enorédia que deixara o documento em confiança, uma vez que oficialmente a agência de Correios já estava fechada naquele horário.

No dia seguinte, domingo, não quis almoçar. Em torno das 15h30min, a sobrinha ouviu rumores no quarto e foi até lá. Ibrantina estava virada na cama, com o braço direito estendido. Naturalmente, aos 23 dias de dezembro de 1956, a poetisa alcança a excelsitude. Seu corpo foi enterrado ao lado do marido, no Cemitério Municipal de Mogi Mirim.



Ibrantina Cardona, ao total, teve seis livros publicados: *Plectros* (1897), *Heptacórdio* (1922), *Kleópatra* (1923), *Primavera de Amor* (1935), *Asas Rubras* (1939) e *Cosmos* (1951), deixando obras inéditas, até o presente momento extraviadas. Entre elas, planejava lançar *Projeções de uma*

*vida literária*<sup>43</sup>, obra sobre sua vida, na qual visou integrar depoimentos e críticas sobre sua produção. Seus textos foram publicados em muitos jornais e revistas no Brasil e no Exterior e integrou diversas entidades. Além de ter sido, como já referenciado, a primeira mulher a ingressar em uma Academia de Letras da América do Sul<sup>44</sup>, na condição de membro correspondente da Academia Fluminense de Letras, de Niterói<sup>45</sup>, foi a quinta mulher a integrar o IHGSP – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo<sup>46</sup>. Fez parte também do Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas; da Associação Paulista de Imprensa; foi Membro do Grupo América, seção do Brasil; da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre; da Academia de Letras de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, além de ser sócia honorária da Academia de Letras da Faculdade de Direito da USP – Universidade de São Paulo.

É preciso evidenciar que sua condição como membro correspondente da Academia Fluminense de Letras demarcou seu pioneirismo no acesso a essas entidades, contudo a figura feminina ainda não era aceita na rotina dessas agremiações. Vale trazer, portanto, a citação de Mariana Coelho, em sua obra publicada em 1933, sobre essa questão:

Embora o valor da nossa humilde opinião seja nulo, sempre diremos que achamos uma flagrante contradição no facto de poderem as Academias premiar senhoras, nomear, por exemplo, a distinta poetisa Ibrantina Cardona membro correspondente — dando-lhe a respectiva cadeira — e não as aceitar no seu grêmio — embora muito dignas de uma cadeira académica! Parece-nos que o nosso adiantado Brasil daria a outras Academias um belo exemplo de progresso e altruísmo, estabelecendo esta igualdade de sexos — que provavelmente bem poderia ser por elas imitado. Do contrário arrisca-se a denominar-se a meritíssima instituição: "Academia de Letras só para Homens"<sup>47</sup>.

43 Carta enviada a Jácomo Mandatto em 21 fev. 1953, publicada no texto: MANDATTO, Jácomo.Ibrantina Cardona. *Letras da Província*, n., p. 6.

44 SEGALIN, Linara Bessega. “Leituras confidadas às mais puras e inocentes leitoras?” *As mulheres nos almanaques gaúchos*. Dissertação. UFRGS, POA, 2013. HISTÓRIA, p. 134-135.

45 Evento ocorrido no Teatro João Caetano, em Niterói (RJ). O discurso de recepção foi proferido pelo escritor e jornalista Carlos Maul; senhoras recitaram sua poesia. Esteve presente o presidente do Estado do Rio de Janeiro em 1924.

46 CANDEIRAS, Nelly Martins Ferreira. *Mulheres do IHGSP*. 23 fev. 2018. Disponível em: <<http://ihgsp.org.br/mulheres-do-ihgsp/>>. Data de acesso: 20 mar. 2018.

47 COELHO, Mariana. *Evolução do feminismo: subsídios para sua história*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933, p. 520.

A crítica seguidamente atribuiu características ditas como masculinas para elogiar a produção de Ibrantina Cardona. Theotônio Freire, em seu longo texto sobre *Plectros*, no *Jornal de Recife*, fez a seguinte apreciação da “poetisa rio-grandense do sul”: “Mas disse-o já Tobias Barreto, ser poeta é, sobretudo, pensar. O pensamento é a masculinidade do espírito. E a distinta poetisa sabe pensar [...]: seu pensamento tem aquela masculinidade robusta e forte, proliferando-se entre belos produtos que são outros tantos atestados de seu belo talento.”<sup>48</sup> Em outra ocasião, apresentada como “simpática poetisa catarinense”, C. Marques Leitte afirmou: “Essa figura máscula de mulher, cujo espírito aprimorado e fino, ilustra a literatura nacional”<sup>49</sup>.

Sylvio Julio, quando da publicação de *Heptacórdio*, ressaltou, entre outros aspectos, a forma de expressão da poetisa, por se manifestar de modo diferente do que o crítico entende ser próprio do gênero feminino:

A orientação que a sra. Ibrantina Cardona deu ao Heptacórdio é nobilíssima. Sua musa não se extravia pelo sensualismo material de escritoras pouco escrupulosas; não se mistura a artificialismos secos de outras, que são literatas porque são da sociedade; não se dilui em histerismos de solteirona ou de viúva inquieta; mas se eleva, mas se purifica, mas se honra na altura em que se firmou, não somente pela finura de seus ideais, como igualmente pela escolhida maneira de expressar-se.<sup>50</sup>

Coelho Neto, Menotti del Picchia, Alberto de Oliveira, Luís Câmara Cascudo, Júlio Dantas, Cassiano Ricardo, Humberto de Campos, Gustavo Barroso, entre outros intelectuais de prestígio realizaram apreciações críticas a respeito da obra de Ibrantina Cardona. Ela conseguiu ser reconhecida em meio a um cenário eminentemente de homens. Embora sua poesia tenha sido avaliada como vigorosa e com poucas características tipicamente femininas, ao modo de ver desses intelectuais, percebe-se que foi o frescor, a coragem e a vitalidade femininas que permitiram sua trajetória de vida e a intensidade de sua produção.

<sup>48</sup> FREIRE, Theotônio. Bibliografia: sobre os *Plectros*. *Jornal de Recife*, Recife, ed. 21, 1898, p. 2.

<sup>49</sup> LEITTE, C. Marques. De palanque. *O Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1905, ed. 06046 (1), 24 set. 1905.

<sup>50</sup> JULIO, Sylvio. Boa intenção. *Fon-fon*, p. 90.

Ibrantina Cardona, junto a Francisca Júlia, consagrou-se como uma das maiores poetisas parnasianas brasileiras. Cabe ressaltar que o rigorismo à métrica ou o racionalismo e a objetividade próprios desse movimento cultural não abafaram sua alma de artista. Pelo contrário, tais aspectos revelaram-se como orientadores do seu espírito, de modo que mesmo adotando, em alguns de seus poemas, temas próprios do romantismo, como a despedida, a saudade, a tristeza, o infortúnio amoroso, expresso especialmente em *Plectros e Primaveras de Amor*, o descritivismo e sua intensa relação com as musas deixaram explícita sua relação com o parnasianismo.

Dantas<sup>51</sup> definiu a obra *Primaveras de Amor* como expressão do amor feminino, revelado pela lírica de uma mulher aos seus 68 anos de idade. Ele comparou-a a Gilka Machado, sem apresentar, contudo, seu realismo e violência. Em São Paulo, no bairro Parque Arariba, há a rua Primaveras de Amor<sup>52</sup> em tributo à poetisa. Registra-se, também, o nome dado em homenagem à poetisa à Escola Municipal Ibrantina Cardona, na cidade de Holambra, região limítrofe de Mogi Mirim.

Ibrantina Cardona foi uma das grandes vozes da poesia nacional. Alberto de Oliveira chamou-a de “soberana do verso” e Silveira Queiroz denominou-a de “sacerdotisa da beleza”<sup>53</sup>. Também foi caracterizada como “vibrante cantora”<sup>54</sup>. Era vista como uma intelectual defensora dos direitos das mulheres, representando, ao lado de nomes como Amélia Beviláqua, Ignez Sabino, Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia e Carmen Dolores, o feminismo de sua geração. Também era vista como alguém que se preocupava e buscava atuar contra a injustiça, sendo citada entre nomes como Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Lígia Fagundes, Raquel de Queiroz, entre outras mulheres que se voltaram a questões do sofrimento humano.

Ibrantina comentava que vivia para o estro poético. De fato, dedicou-se, sem reservas, à arte. Incansável leitora, sua alma de artista elevou sua habilidade em compreender os homens e as mulheres do seu

51 DANTAS, Arruda. *Ibrantina Cardona*. São Paulo: Pannartz, 1976, p. 90

52 A rua Primaveras de Amor fica em São Paulo - SP, no Parque Arariba, CEP 05778000.

53 MANDATTO, Jácomo. Ibrantina Cardona. *Letras da Província*, n., p. 6. publicada no texto de Jácomo

54 *O Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1908, ed. 06988 (1), 2 mai. 1907, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439\\_04&pesq=Ibrantina%20Cardona&pasta=ano%20190](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_04&pesq=Ibrantina%20Cardona&pasta=ano%20190). Data de acesso: 21 fev. 2018.

tempo. A vida e a obra de Ibrantina Cardona consolidam o que, desde sua juventude, as primeiras manifestações críticas revelaram: “Ibrantina é uma parnasiana na ampla acepção da palavra”<sup>55</sup>. Com primoroso equilíbrio, foi capaz de utilizar a razão para perceber sua realidade e conduzir sua vida para o que palpitava em seu peito e preenchia sua alma. Teve perfeita consciência de qual era seu destino e das concessões que deveria fazer para viver sua arte. *Noblesse oblige!*, como costumava dizer. Por meio da sua atividade intelectual e, especialmente, através da sua poesia, analisou, sentiu e buscou transformar a realidade social na qual estava inserida. A arte refletiu o universo de Ibrantina Cardona e compôs seu cosmos, como uma precisa sinfonia.

## REFERÊNCIAS

- Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Lisboa: [s.ed.], 1893, p. 490.
- CAMPOS, Julio. D. Ibrantina de Oliveira. *Palavra*, Desterro, ano I, n. 16, 11 out. 1888.
- CARDONA, Ibrantina. *Asas Rubras*. São Paulo: Oficinas Gráficas da Casa Cardona, 1939, p. 123.
- A mensageira*, São Paulo, ano I, n. 3, 15 nov. 1897. In: MUZART, Zahidé. Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Vol. II. Florianópolis, Editora Mulheres, ano. p. 429-463.
- CANDEIRAS, Nelly Martins Ferreira. *Mulheres do IHGSP*. 23 fev. 2018. Disponível em: <<http://ihgsp.org.br/mulheres-do-ihgsp/>>. Data de acesso: 20 mar. 2018.
- CARDONA, Francisco. *Duas Molduras*. *Jornal do Comércio*, Seção Variedades, Desterro, ano II, n.?, 29 set. 1889.
- CARDONA, Francisco. Pedaços D’alma, as tuas flores. Datado de 1º ago. 1889. *Crepúsculo*, Desterro, ano III, n. 37, 23 set. 1889.
- CARDONA, Ibrantina. *Cosmos*: poesias de vários tempos. São Paulo: Oficina da Revista dos Tribunais, 1951.
- CARDONA, Ibrantina. *Plectros*. São Paulo: Estabelecimento Gráfico Steidel

---

<sup>55</sup> *Polianteia*, Partida, seção Fatos, *Desterro*, ano I, n. 6, 7 de abr. 1889.

& C., 1897.

*Crepúsculo*, Desterro, ano III, n. 39, p. 4, 7 out. 1889.

COELHO, Mariana. *Evolução do feminismo: subsídios para sua história*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933, p. 520.

DANTAS, Arruda. *Ibrantina Cardona*. São Paulo: Pannartz, 1976. p. 18.

FARIA, Carlos de; COSTA, Sabbas da. Homenagem à D. Ibrantina. *Crepúsculo*, Desterro, ano II, n. 26, p. 1, 16 out. 1888.

FREIRE, Theotônio. Bibliografia: sobre os Plectros. *Jornal de Recife*, Recife, ed. 21, 1898, p. 2.

Garimpeiro: Órgão Literário e Noticioso, Bagagem (MG). Jornal sabatino.

GAUTÉRIO, Rosa Cristina Hood. *Escrínio, Andradina de Oliveira e sociedade(s): entrelaços de um legado feminista*. Orientadora: Zahidé Lupinacci Muzart. Florianópolis, SC, 2015. 391 p.

JULIO, Sylvio. Boa intenção. *Fon-fon*, p. 90.

LEITTE, C. Marques. De palanque. *O Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1905, ed. 06046 (1), 24 set. 1905.

MANDATTO, Jácomo. Ibrantina Cardona. *Letras da Província*, n., p. 6.

MUZART, Zahidé. Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Vol. II. Florianópolis, Editora Mulheres, 2004. p. 429-463.

*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Lisboa: [s.ed.], 1899, p. 241-242.

*O Estado*, em dezembro de 1912, apresentado como órgão da mocidade Castilhista do Rio Grande do Sul.

*O Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1908, ed. 06988 (1), 2 mai. 1907, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439\\_04&pesq=Ibrantina%20Cardona&pasta=ano%20190](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_04&pesq=Ibrantina%20Cardona&pasta=ano%20190). Data de acesso: 21 fev. 2018.

PATELLI FILHO, Nélson. Entrevista. 28 de fevereiro de 2018. [Viviane V. Herchmann]

PIRES, Mário. Ibrantina Cardona. *Letras da Província*, [s.l.], n. 99-100, p. 6.

*Polianteia*, Partida, seção Fatos, *Desterro*, ano I, n. 6, 7 de abr. 1889.

SEGALIN, Linara Bessega. “Leituras confiadas às mais puras e inocentes leitoras”.

ras?" *As mulheres nos almanaques gaúchos*. Dissertação. UFRGS, POA, 2013.  
HISTÓRIA, p. 134-135.

TEIXEIRA, Arthur. Tita. *Crepúsculo*, Desterro, ano II, n. 21, p. 2, 10 set.  
1888.



# COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



**CIDH**  
Cátedra Convocada FCT /Infante Dom Henrique  
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização



BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE



